



Reprogramação Mental

Uma viagem com
Joanna de Ângelis

Claudio C. Conti

REPROGRAMAÇÃO MENTAL

Uma viagem com Joanna de Ângelis

Claudio C. Conti

www.ccconti.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
INTRODUÇÃO	9
BUDISMO	19
O BUDA HISTÓRICO.....	19
AS QUATRO NOBRES VERDADES	23
DOUTRINA DO VAZIO.....	43
ORIGINAÇÃO DEPENDENTE.....	51
ESPIRITISMO	56
ALLAN KARDEC	56
AS QUATRO PARTES DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS	60
A CRIAÇÃO	102
PENSAMENTO	113
DOENÇAS E CURAS	125
FÍSICA.....	167
FÍSICA CLÁSSICA	173
FÍSICA RELATIVÍSTICA	182
FÍSICA QUÂNTICA.....	204
FENÔMENO NÃO-LOCAL	210
BIBLIOGRAFIA.....	222

PREFÁCIO

“A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

Allan Kardec

ESE, cap. XIX, item 7

Esta máxima do Evangelho Segundo o Espiritismo tem uma de suas mais autênticas representantes em Joanna de Ângelis.

Joanna de Ângelis é um espírito cuja última encarnação ocorreu na cidade de Salvador, Bahia, e que dedicou sua vida à prática da religiosidade. Ingressou, como freira franciscana, em um convento e recebeu, em 1815, o título de Abadessa. Dedicou sua existência como espírito à divulgação dos ensinamentos de Jesus, mas, neste trabalho, não se limita apenas a repetir infinitamente as palavras por ele proferidas, automaticamente, destituída de qualquer consideração e ponderação. Consciente, devido ao seu grau evolutivo, de que estas mesmas palavras possuem um significado maior do que lhes é normalmente atribuídas, ela as utiliza para trazer noções comportamentais

essenciais para condições mais saudáveis de vida, direcionadas para finalidades práticas do cotidiano.

Os livros de sua autoria são psicografados através do médium Divaldo Pereira Franco, ou apenas Divaldo Franco. Conhecido médium brasileiro, nascido em 1927 na cidade de Santana, no estado da Bahia; recebeu vários títulos de Honra ao Mérito e dedica sua vida a divulgação da Doutrina Espírita, proferindo palestras tanto no Brasil quanto no exterior. Conta com mais de 170 livros publicados.

Em sua numerosa obra literária, a problemática que aborda é, invariavelmente, apresentada com impressionante clareza de pensamento. As análises dos temas são ao mesmo tempo complexas e simples. Complexas no sentido de que, em sua elaboração, os parâmetros considerados não são facilmente reconhecíveis; e simples no sentido de que, quando apresentados, são perfeitamente compreensíveis e lógicos. Estas características evidenciam uma clareza de pensamento compatível com espíritos que se dedicam ao esclarecimento de almas, para sua subsequente libertação de comportamentos enfermiços, cuja origem remonta em vidas pretéritas do espírito, além daquelas que se iniciaram na presente encarnação e que são acalentadas.

Quando olhamos ao redor e nos deparamos com o mundo em que vivemos, com tantas discrepâncias, nos

encontramos, muitas vezes, atordoados sem saber exatamente o que pensar e, ao aprofundarmos um pouco nas recentes inquirições do mundo científico, a sensação é de que uma grande interrogação tomou conta da nossa mente.

Estas questões não são triviais, demora algum tempo para podermos concatenar as idéias até começar a fazer algum sentido. Mesmo que o avanço seja mínimo, pode-se considerar um grande passo para a compreensão da nossa existência neste planeta.

O mundo atual é muito conflitante, um grande gerador de “stress”, para usar a palavra da moda. A informação trafega com inacreditável velocidade. O que antes podia demorar meses, agora basta um “clic do mouse” e pronto, aquela quantidade de informação viajou ao outro lado do planeta e alguém já toma conhecimento de algo que ocorreu a milhares de quilômetros de distância.

A mente tenta acompanhar todo este avanço. Somos levados a crer que seja necessário saber de tudo o que acontece, mas como não conseguimos, surge um sentimento de frustração e desamparo.

A informação em massa valoriza a memória em detrimento do raciocínio, o que, ao longo do tempo, prejudica a capacidade de analisar os fatos adequadamente,

comprometendo o discernimento entre o que é bom e o que é inadequado.

Devido à vida atribulada da sociedade moderna, época em que se tem inúmeras opções a disposição, é comum tentar “abraçar o mundo”, isto é, se ocupar com tantas atividades quanto seja possível. No entanto, como se dispõem de tempo limitado, escolhe-se as que são consideradas como mais importantes.

Com isto em mente, nossos filhos fazem curso de inglês e espanhol, informática, musculação ou balé, natação, curso complementar, além de o curso regular e tantas outras atividades que a mente humana é capaz de criar e convencer os outros da sua necessidade. Com toda esta bagagem acredita-se que o indivíduo “estará preparado para a vida”.

Infelizmente não é bem assim. Com toda esta bagagem pode-se dizer que o indivíduo estará preparado para uma carreira profissional. A preparação para a vida engloba conhecimentos outros que contribuirão para a condução de uma existência regrada e pacífica, o que trará tranquilidade e harmonia nos momentos difíceis e durante as necessidades, sejam elas quais forem, material ou de saúde física ou mental.

O pensamento reinante na atualidade é vivenciar o maior número daquilo que satisfaz os sentidos físicos, isto é, saciar as paixões com extrema ansiedade. A vida não terminará

no momento seguinte, porém, muitos poucos sabem deste fato. Mesmo dentre aqueles que já possuem este conhecimento, como nós, espíritas, apenas uma pequena parcela consegue vivenciar mentalmente a imortalidade da alma.

O novo paradigma foi lançado quando da Codificação da Doutrina Espírita, Joanna de Ângelis, assim como outros nobres espíritos, trabalham incansavelmente para a sua divulgação e esclarecimento. Seus estudos são, muitas vezes, baseados no cabedal de informação coletado pela humanidade desde eras remotas.

Doutrinas milenares são fonte de informação; pensadores de todos os tempos contribuíram e ainda o fazem; a ciência não pode ser desprezada para melhor compreensão do espírito e seus males. Tudo é utilizado em seus estudos.

Jesus, há cerca de dois mil anos, nos trouxe o ensinamento; o Espiritismo, há mais de um século, nos esclarece; Joanna de Ângelis nos ensina; e a nós cabe estudar e aprender.

Claudio C. Conti

Junho, 2006

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

O comportamento atual da população conduz à pressuposição de grande falta de conhecimento da considerável gama de possibilidades quando se considera uma parcela espiritual na existência como indivíduos. Existe grande confusão sobre esta questão e gera desconforto quando este assunto é abordado com aqueles que não devotam algum tempo para conjecturas um pouco mais abstratas, além de questões do dia-a-dia.

No atual estágio do desenvolvimento humano, encontramos várias vertentes de pensamentos; algumas são contraditórias, outras não fazem o menor sentido, existindo, ainda, aquelas que são derivadas de interpretações errôneas, todavia, outras tantas conduzem a conclusões de grande utilidade pessoal.

O ser humano é um ser pensante, valendo ressaltar a célebre frase de René Descartes, cientista, filósofo, matemático francês do século XVII: “Penso, logo existo”. Assim sendo, somos capazes de reconhecer quando tentam nos embutir idéias sem muita coerência, podemos até ser enganados durante algum tempo, mas não indefinidamente.

Com o passar do tempo, muitas das idéias equivocadas difundidas no passado caíram em descrédito para grande parte da população. Talvez, estejamos presenciando o ressurgimento da sua espiritualização da humanidade, ainda humilde, mas que vem ganhando terreno a cada dia.

As mudanças são inerentes à vida e, também, à matéria, pois desde o momento da sua criação, o planeta sofre inúmeras transformações.

Primeiramente não passava de uma bola incandescente, com os elementos todos misturados, como uma vitamina de frutas batida no liquidificador, só que a alta temperatura.

Com o passar dos séculos, como é bastante razoável, esta bola foi se resfriando, até que, em determinado momento, sua temperatura atingiu patamares tais que já era possível a separação de alguns elementos, isto é, estava quente o bastante para manter muitas substâncias em estado líquido ou gasoso, enquanto era o suficiente para que outras se solidificassem ou liquefizessem.

E a bola resfriou-se até que todo o sistema entrava em um período de equilíbrio, dando ensejo ao surgimento da vida, começando com as formas mais simples, ou unicelulares, que foram gradativamente se aglomerando, formando seres mais complexos, ou pluricelulares.

Muitos milênios depois, surgem os vegetais gigantes e os animais de formas monstruosas, os dinossauros.

Como tudo é evolução, desde o momento de sua criação, o mundo foi evoluindo, e seus habitantes também. Eles foram tomando formas mais brandas, surgindo animais de menor porte enquanto que os *grandalhões* se extinguiram. Surgem os mamíferos e, com eles, os macacos.

Podemos imaginar a seguinte situação:

Em um determinado momento, muitos atribuem ao acaso, outros a ação Divina, ocorre uma bifurcação, nasce um ser, vamos chamá-lo de Homac¹, filhote de macaco, mas apresentava alguma coisa diferente de seus irmãos e dos outros filhotes do bando, uma particularidade estranha, indefinível, alguma coisa em seu olhar denotava uma maior percepção que os seus familiares, que passava despercebido por todos, sem condições de apreensão.

Homac cresceu junto com aquele agrupamento, seus semelhantes, mas não iguais. Já na fase adulta, chega o momento do acasalamento, hora de procriar.

Muito estranhamente, apesar de ser sadio e forte, as fêmeas o evitavam, não o aceitavam como parceiro.

¹ Homac : nome fictício criado pelo autor, combinação das palavras Homem e Macaco.

Certa ocasião, um pequeno grupo de macacos perdidos, passando pela região em que Homac vivia, diante de uma terra fértil no que necessitavam para sua subsistência, se fixaram em local próximo. Com o passar do tempo, as duas colônias se mesclaram, formando uma só.

Em uma noite estrelada, todos os indivíduos daquele grupo se recolhiam para dormir quando Homac, olhando ao seu redor, se depara com um olhar fitando-o intensamente, era uma fêmea com alguma coisa a mais que a diferenciava dos outros, e que também, muito estranhamente, não era disputada pelos machos para o acasalamento.

Naquele instante, como que se reconhecendo mutuamente, sem ter consciência do que acontecia, ambos sentiam uma força os atraindo e, vagarosamente, se aproximam, analisando um ao outro. Era como se um houvesse esperado pelo outro desde o início. Àquela força irresistível que não podiam, e não queriam, resistir; naquela noite de primavera, sucumbem ao ato de procriação.

Daquele momento, em que reinava quase completa escuridão, quando a iluminação existente provinha apenas do brilho das estrelas e do luar, que eram muito mais intensos do que conhecemos hoje, devido à ausência de outra fonte de luz, nasce um outro ser, com o olhar ainda mais significativo, denotando uma inteligência mais apurada.

Episódios iguais a este se repetiram muitas e muitas vezes e, a cada geração, os olhos declaravam uma consciência mais aprimorada, um entendimento maior, até o surgimento do primeiro homínido.

Quem poderá dizer com certeza como terá ocorrido? Talvez possa ter sido como descrito acima.

Com a divisão em dois ramos, em um determinado ponto no tempo, ocorrido a milhões de anos atrás, da espécie animal conhecida como “macaco”, pelo menos é o que se acredita e o que as mais recentes pesquisas vem afirmando, um ramo desta bifurcação evoluiu de forma diferente, desenvolvendo o pensamento contínuo e, com isso, a capacidade de raciocínio.

O ancestral mais antigo do homem até hoje conhecido foi encontrado no deserto do Chade, país localizado na África Central. Os fósseis datam de seis a sete milhões de anos².

Porém, outros crêem em uma criação Divina, em que os seres foram criados como são na atualidade, mediante a vontade de um Criador, comumente denominado de Deus, segundo o processo apresentado no livro Gênesis, do Antigo Testamento, mais precisamente no capítulo I, intitulado As

² Brunet, M. et al., A New Hominid From the Upper Miocene of Chad, Central Africa, Revista Nature, pg. 145 a 151, julho 2002.

Origens do Mundo e da Humanidade, onde consta que a criação teve duração de seis dias.

Outros, ainda, crêem em uma espécie de evolução, mas não que tenha ocorrido de forma aleatória, ao acaso. Todo o processo teria sido dirigido por uma inteligência superior, comandando e controlando as alterações para, ao final do processo, os organismos vivos funcionarem satisfatoriamente, nos moldes necessários, para que cada um cumpra o seu papel. Esta abordagem é conhecida como “intelligent design”.

Independente do que se acredita, uma coisa é certa: estamos aqui agora, vivendo, e precisamos encontrar meios para tornarmos a vida o mais aceitável e feliz possível.

Os animais buscam suprir suas necessidades materiais básicas e, nas espécies superiores, como nos mamíferos, observa-se uma busca por preencher necessidades afetivas, levando-os a vida em sociedade. Com a raça humana não poderia ser diferente.

Todavia, a capacidade de raciocínio conduz a certo tipo de questionamentos que, provavelmente, falta no animal. Questões que transcendem às necessidades básicas materiais e afetivas, permeiam a mente humana, tais como a existência de Deus, vida e morte, saúde e doença, existência da alma e de espíritos. Em contrapartida, será que tudo é apenas decorrente da distribuição dos chamados genes em uma cadeia

“quilométrica” do ADN³, ou DNA, em inglês? (reconheço o exagero do “quilométrico”, mas como referenciar a uma molécula tão grande?)

Joanna de Ângelis, em sua obra literária, apresenta um raciocínio lógico, com o intuito de definir condições de saúde e doença, mas também, como tornar a nossa vida mais saudável em uma amplitude maior que apenas fisicamente, englobando ainda a saúde mental que seria, sob certo ponto de vista, a que mais contribui para o bem estar e a paz interior.

Em uma viagem por questões tanto interessantes quanto complexas, percebemos no livro intitulado “Plenitude” que ela analisa muito do conteúdo de informação trazido por Buda, cuja encarnação como Siddhartha Gautama ocorreu cerca de 500 anos antes da era Cristã, para tratar da questão do sofrimento, geratriz de muita desarmonia interior.

No livro intitulado “Triunfo Pessoal” busca analisar o grande legado de Carl G. Jung sobre a psique, promovendo um entendimento sobre os fenômenos psicológicos, seus mecanismos e conseqüências.

O avanço tecnológico não pode ser esquecido por todo aquele que busca um entendimento maior sobre a própria essência, pois “O Espiritismo e a Ciência se completam

³ ADN – abreviação de ácido desoxirribonucléico; DNA – deoxyribonucleic acid.

reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação”⁴. Assim sendo, no livro intitulado “Dias Gloriosos”, Joanna de Ângelis aborda, com maestria, o que o desenvolvimento científico oferece e como devemos encarar as novas possibilidades que ainda estão por surgir.

Com a nova visão do mundo e, conseqüentemente, do indivíduo, se torna necessário um novo paradigma. Nesta visão, é preciso considerar a ação da mente humana (será somente a humana?) sobre o ambiente e sobre o nosso próprio corpo, cujos mecanismos ainda estamos longe de compreender, mas que, como todas as áreas do conhecimento humano, tem de haver um início.

Os caminhos já foram abertos, o novo paradigma já foi lançado, precisando apenas estabelecer seus tentáculos mais firmes, de forma a atingir todos os seres pensantes do planeta.

Embora muitos ainda prefiram permanecer na preguiça mental a reconhecer que os avanços do conhecimento que se iniciou nos fins do século XIX, quando reinava a Física Mecanicista de Isaac Newton, transformou de forma radical a realidade material como era conhecida.

⁴ A Gênese, Cap. I, item 16.

O grande trabalho mental realizado por Albert Einstein, culminando na Teoria da Relatividade, acompanhado pelo não menor esforço intelectual de um conjunto de pesquisadores, como também de enorme trabalho braçal, quando experiências foram repetidas um sem número de vezes, para tentar definir o comportamento de partículas tão minúsculas que não havia a menor condição de serem observadas: os átomos. Trabalho este que resultou no desgaste físico de muitos destes cientistas, acarretando graves doenças e, até mesmo, a morte, devido à falta de conhecimento das conseqüências decorrentes da manipulação de certas substâncias, sem os devidos cuidados, que até então não se sabia ser necessário.

O que era considerado como a realidade passou a ser válido apenas para um universo muito restrito, nas condições de dimensões e velocidades medianas. As altas velocidades passaram a ser do âmbito da Física Relativística e as pequenas dimensões passaram para o reino da Física Quântica.

Os avanços no conhecimento científico ocorrido no século XX estão gritando em nossos ouvidos que é preciso reformular nossas crenças, pois, por mais que pensemos ser detentores de todo o conhecimento, nós muito pouco sabemos.

O ser humano apresenta muitas características que ainda não foram explicadas e nem ao menos reconhecidas pela comunidade científica. Devemos lembrar sempre a importância

capital que esta comunidade exerce sobre as pessoas detentoras de menos conhecimento e menos oportunidade de se desenvolverem intelectualmente.

Talvez pensemos que nossos atos, nosso egoísmo e orgulho, não afetem as outras pessoas. Consideramos o cérebro como um sistema fechado, onde o pensamento circula apenas na caixa craniana.

O Universo é muito amplo e vai além da nossa capacidade atual, como Hamlet disse a Horácio, na obra de Shakespeare: “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que se pode sonhar em tua filosofia”.

BOA VIAGEM...

CAPÍTULO II

BUDISMO

O BUDA HISTÓRICO

A história do Budismo inicia com o nascimento de um príncipe, Príncipe Siddhartha Gautama, na tribo dos Sakya, localizada na fronteira entre a Índia e o Nepal, em torno de 2500 anos atrás. Encontra-se na literatura, algumas argumentações com relação a sua data de nascimento que pode remontar há 3000 anos.

Conta a história que o Siddhartha Gautama vivia em condição de grande riqueza, cercado de muito luxo, mas era restrito aos limites do palácio, sendo super-protegido por um pai que o impedia de entrar em contato com a pobreza e misérias, como doenças, chagas e, até mesmo, a morte.

Aos 29 anos de idade, já casado e pai de um filho, cansado das restrições, resolveu sair do luxuoso confinamento para passear pela região. Mesmo a contragosto, o pai assim o permitiu, mas tomou providências para que Gautama não se deparasse com as mazelas da vida.

Nos caminhos da sua tribo, apesar de todos os cuidados tomados para que isto não acontecesse, Siddhartha se deparou

com aquilo do qual foi protegido durante todos aqueles anos: a velhice, a doença e a morte. Naquele instante pôde reconhecer que a vida não se restringia somente ao que ele conhecia: a prosperidade.

Para o Príncipe Siddhartha, aquela situação era decorrente da falta de conhecimento sobre a realidade dos fatos, tanto que, ao encontrar, em seu caminho, um monge que havia renunciado ao conforto, prosperidade, enfim a todos os prazeres de uma vida centrada em bens materiais e no que podem proporcionar, reconheceu, então, a vida de ilusão que lhe fora sempre apresentada.

Tendo sido tocado por tudo o que viu, percebeu que a felicidade verdadeira não se encontra naquilo que lhe estava disponível em grande abundância: a abundância. Constatou que aquela vida era transitória, pois que todos, sem exceção, experimentam a velhice, a doença e a morte.

Considerou que deveria existir algo além do que ele conhecia, tanto no palácio quanto fora dele. A existência do ser, limitada às situações que lhe eram apresentadas, seria uma incoerência.

Diante das considerações que lhe afiguravam na mente, Siddhartha foi tocado por uma grande compaixão para com todos. Retornando ao palácio e meditando sobre tudo que tinha visto, decidiu, então, deixar a casa tão nobre, sua esposa e filho,

e partiu, abdicando de todos os bens que possuía e que herdaria, em busca do que, no seu íntimo, sabia existir: O segredo da felicidade. Passou a procurar, então, uma forma de libertar a humanidade de todo aquele sofrimento.

Durante algum tempo se dedicou ao estudo, com gurus da sua época, todavia, em sua opinião, os ensinamentos não estavam completos.

Recordando-se do monge que encontrara na primeira vez em que deixou as muralhas seguras e protetoras do palácio onde morava, dedicou-se, então, a uma vida das mais austeras privações, juntamente com outras pessoas que havia encontrado pelo caminho e que compartilhavam do mesmo pensamento com relação às privações.

Sidarta pôde, assim, experimentar a vida nas condições mais extremas: luxo e prosperidade de um lado, necessidade e privação do outro. Nenhum dos dois estados o conduziu a compreensão da vida e da morte.

Tendo se convencido de que aquele caminho não o conduziria ao que desejava, decidiu comer, beber e lavou-se em rio próximo. Neste momento, os seus seguidores o abandonaram pensando que havia desistido de seu intento. Fez, então, a coisa mais sensata que poderia fazer: sentou-se para pensar.

Até este ponto da história sobre a vida do Príncipe já é suficiente para nos proporcionar ensinamentos profundos com relação a nós mesmos. É preciso que nos conscientizemos de que as atribuições do dia-a-dia conduzem a uma condição de estresse que nos priva de pensar e apreciar a nossa vida em toda sua plenitude. Atitudes incoerentes e impensadas são comuns no nosso cotidiano.

O Príncipe Siddhartha Gautama legou este exemplo para a humanidade há uns 2500 anos atrás. Quanto tempo será ainda necessário para que nós possamos atingir um estado, não semelhante, pois seria ainda pedir muito, mas de conscientização da necessidade da pacificação e meditação a respeito daquilo que nos é mais caro, a nossa vida e a dos nossos semelhantes?

Durantes vários dias Siddhartha permaneceu, sentado, debaixo de uma árvore, meditando sobre tudo o que ocorrera na sua vida.

Naquele momento, seus pensamentos não se mantiveram apenas limitado na sua existência como o Siddhartha Gautama, Príncipe de Sakya, suas recordações retroagiram para muito antes do seu nascimento, ele tomou conhecimento de suas vidas pretéritas e as conexões existentes no universo inteiro.

Naquele dia, ele se tornou Buda, O Iluminado, e assim, teve início todo o seu ensinamento.

A palavra “Buda” não é a denominação de uma pessoa, mas uma condição que pode ser atingida por qualquer um, independente de raça, status social ou situação financeira ou, até mesmo, crença, pois não é primordial ser budista ou seguir qualquer religião para atingir um estado de harmonia e paz interior.

AS QUATRO NOBRES VERDADES

Conta a história que as primeiras palavras de Buda foram dirigidas para aquelas mesmas pessoas com quem compartilhou momentos de austeridade e que o haviam abandonado quando ele, reconhecendo o engano, desistiu da vida de privações.

Seu sermão consistiu, primeiramente, em apresentar, de forma muito simples, um padrão de comportamento. Baseado na experiência adquirida durante a sua procura pelo caminho a ser seguido para alcançar a libertação, disse que não se deve buscar nem a extrema austeridade nem a extrema luxúria, mas o meio termo é que deve ser almejado.

Este ensinamento, conhecido como “O Caminho do Meio”, logicamente, não deve ser aplicado a somente um tipo

de situação, mas em todos os setores da vida, seja profissional, amoroso, social, financeiro, etc. É possível concluir que todo exagero deve ser considerado como um desvio de conduta que, forçosamente, acarretará desarmonias internas, conduzindo, assim, a situações de desequilíbrio no sistema orgânico que, conseqüentemente afetará a saúde.

Atitudes mentais viciosas funcionam como um tipo de auto-hipnotismo. Quando o pensamento se mantém fixo em determinado assunto, favorece a concentração de apenas um tipo de onda mental, em detrimento de tantas outras que também são necessárias. Nesta condição é de se esperar o surgimento de um foco de desarmonia, isto é, que o corpo se ressinta.

Esta situação fica mais fácil de ser compreendida quando analisamos o mecanismo geral de um sistema qualquer.

Todo sistema, se deixado por si só, tenderá ao equilíbrio, o que é de vital importância para a sustentação do planeta e de seus variados ambientes. O homem, através da sua faculdade de pensar e, por isso, agir, imprime sua vontade, alterando as condições prévias existentes. Novamente haverá a tendência, por parte do sistema, de compensar a alteração, que seria um foco de desequilíbrio. Quando a alteração atinge patamares muito elevados para que a reparação ocorra sutilmente, insurgirá de forma mais violenta.

É preciso ter em mente que, sempre que ocorra um desequilíbrio, é até possível que a reação não seja perceptível, mas ela ocorrerá. A humanidade deve estar sempre ciente de que suas ações acarretarão conseqüências, que podem ser perniciosas tanto para o próprio indivíduo quanto para a sociedade e o meio-ambiente.

Ainda neste primeiro ensinamento, Buda apresenta o que é conhecido como as Quatro Nobres Verdades e assim, colocou a Roda do Dharma em movimento, isto é, naquele momento teve início a disseminação do conhecimento para que, como ele mesmo havia proposto, pelo entendimento da razão do sofrimento, ocorresse a libertação e, conseqüentemente, alcançasse a felicidade. Esta passagem passou a constituir um Sutra⁵.

Primeira Nobre Verdade

A Primeira Nobre Verdade é a explicação da real natureza do sofrimento. Se considerarmos que para podermos compreender a existência de algo é preciso que o primeiro passo seja o seu entendimento, Buda, então, como podemos verificar, começou pelo início.

⁵ Sutra - transcrição da palavra de Buda.

Muito interessantes são os exemplos de sofrimento citados por ele, como o nascimento, o envelhecimento, as doenças, a morte, a tristeza, a dor, o desespero e também, não conseguir o que se deseja. Assim, podemos observar que foram relacionados vários tipos de ocorrências, tão comuns que surgem na vida de todos nós.

Portanto, diante destes exemplos, podemos chegar a duas conclusões: a) tudo é sofrimento ou; b) mantemos uma postura de sofrimento diante dos fatos da vida.

Para esclarecer esta questão, buscaremos a conceituação exposta por Joanna de Ângelis, em Plenitude.

A autora resume as reflexões de Buda sobre o sofrimento em três formas diferentes: sofrimento do sofrimento, sofrimento da impermanência e sofrimento dos condicionamentos.

Sufrimento que causa sofrimento

Na primeira forma, a dor e a doença, consideradas como sofrimento, causando sofrimento ainda maior do que elas próprias. Apesar do enorme avanço tecnológico e das práticas médicas, que buscam diariamente meios de suprimir as consequências devastadoras das enfermidades, especialmente

as de maior gravidade, multiplicaram-se os distúrbios existenciais.

Se considerarmos que, como diz Joanna de Ângelis, as patologias são decorrentes de desequilíbrios de natureza energética decorrente de um estado mental e emocional debilitado, apesar de todo esforço despendido para minimizar a ocorrência de doenças, o próprio indivíduo cultiva em seu ser condições ideais para que eclodam.

Os sentimentos que acalentamos são os causadores da condição de saúde ou de doença. Portanto, a mudança para padrões mentais mais amenos e tranquilos, sem guardar sentimentos negativos para conosco mesmos e para com os outros, é um grande passo para a manutenção da saúde e quando a enfermidade surgir, pois ainda é inerente ao nível evolutivo do planeta, a intervenção médica, seja medicamentosa ou cirúrgica, será muito mais eficiente.

O Sofrimento da Impermanência

Olhando ao redor observa-se uma ausência de imutabilidade, pois tudo está em constante transformação, processos de vida e morte se alternando e, mesmo durante cada um deles, as mudanças estão sempre presentes.

É comum à humanidade uma grande aversão às mudanças, o que é motivo de apreensão e nervosismo; sempre tentamos manter a situação em que nos encontramos como está e, com isto, deixamos de descobrir que melhores circunstâncias existem. Não estamos apenas falando da condição material, mas, principalmente, mental.

Quando um pássaro nasce e é criado em uma gaiola, ou um animal qualquer em uma jaula, mesmo que a porta esteja aberta, esse pássaro ou animal terá uma grande relutância em deixar o ambiente que conhece, onde se sente seguro, em detrimento de uma vida em liberdade.

Vemos, então, que a busca ou a manutenção da segurança é o ponto capital que nos mantém atados a certas situações que nos impedem de seguir em frente. Aliado a este sentimento, existe a sensação de conforto.

O ser humano, por incrível que pareça, é reticente quanto a mudanças, ao desconhecido, e é este medo que o mantém preso na “gaiola”, apesar da ilusão de liberdade de que desfruta.

Devemos olhar a questão da gaiola, como a prisão que todos nos encontramos, não como uma entidade física, mas uma entidade psíquica. A nossa prisão é de natureza mental em que nos mantemos atados pela livre escolha.

Diferentemente dos outros animais, que sofrem um processo de condicionamento à situação, como ainda não são dotados do discernimento em mesmo grau que no homem, evitam deixar o ambiente conhecido; o homem se mantém atrelado a estados mentais atávicos, mesmo possuindo condições de se libertarem, mas aí se mantém devido ao orgulho e ao egoísmo.

Daí, então, surge o grande medo da morte.

Estamos, então, diante de um grande desafio: a morte é inevitável e o temor é de tamanha monta que nos impede de conversar a respeito. Muitas pessoas até acreditam que conversar sobre a morte acarretará em má sorte ou então que poderá “atraí-la”.

Isto é um grande equívoco, nada além da própria vida pode “atrair” a morte, basta que um ser esteja vivo, seja ele qual for, independente de espécie ou sexo, desde o momento de sua concepção, este ser exercerá “atração” sobre a morte física.

A cada dia, a cada minuto, a cada segundo, estamos mais próximos do fim da existência física atual, isto é a realidade da qual não existem meios de fuga.

Vamos utilizar o bom senso: se, forçosamente, irei para outro local e não tenho meios de evitar, o melhor que poderei fazer é ajuntar o maior número de informações possíveis para que, quando lá chegar, estar em condições mais amenas. O

conhecimento sempre proporciona sensação de bem estar diante de qualquer situação, é a certeza de saber lidar com a adversidade que poderá surgir.

Voltemos ao exemplo do animal que não quer sair da gaiola.

Ele permanecerá no ambiente conhecido por não saber como se comportar diante das adversidades que, com certeza, surgirão, como a fome, por exemplo, que se fará presente em breve, pois o alimento sempre lhe foi fornecido no recipiente de comida, ele nunca precisou buscá-lo por conta própria.

Normalmente, quando se deseja libertar um animal que passou muito tempo em cativeiro, é necessário um período de adaptação, que será proporcional a temporada como cativo. Tratando-se de animais que nunca desfrutaram da liberdade e que já se encontram em idade avançada, o melhor que se pode fazer é deixá-lo naquela situação.

O mesmo ocorre com relação a morte. Quanto menos preparado estivermos, mais dificilmente nos adaptaremos.

Nisto é que se baseia a impermanência: nada poderá ser mantido para sempre, tudo está em constante transformação, desde as partículas subatômicas até a imensidão do Universo.

A mente existe para a liberdade, não se pode dominá-la, pois seria como energia sendo gerada constantemente, mas sem

ser liberada, não sendo possível fluir, como é da natureza da energia.

Restringir o pensamento, evitando momentos a sós e, conseqüentemente, o contato íntimo consigo mesmo, é uma prática comum que deve ser evitada.

Preencher todos os momentos com atividades direcionadas para a diversão e entretenimento não é uma utilização correta da mente. Desta forma, a mente é freada, contida, e a energia nela gerada é represada, indo em sentido contrário ao da sua natureza.

Atualmente existe uma grande aversão ao silêncio, gerando as mais variadas formas de instabilidade emocional.

Considerando que é a mente que controla o corpo físico, é possível compreender que, conseqüentemente, desarmonias geradas na mente forçosamente refletirão no corpo, acarretando um mal funcionamento do mesmo, suscitando, assim, estados de doença.

Joanna de Ângelis, no livro Autodescobrimento⁶, define *congestão* e *inibição* de energia no campo psíquico. Por congestão entende-se o efeito de energias abundantes, enquanto que inibição seria a eliminação incorreta da energia, sendo

⁶ Joanna de Ângelis, Autodescobrimento, pg 16,17.

mantidas sob pressão. Ambas as situações são causadoras de patologias que poderiam ser evitadas.

Novamente citando Sogyal Rinpoche⁷, que resumiu magistralmente a necessidade da aceitação de estarmos sujeitos a mudanças durante todos os instantes da nossa existência, quando diz que “ter a impermanência no coração é tornar-se lentamente livre da idéia do apego”.

Sufrimento Resultante do Condicionamento

Conceitos equivocados sobre a finalidade da vida conduzem os mais desavisados aos mais variados desregramentos. Os valores que vigem nos dias atuais sobre o “desfrutar da vida” trazem prazer momentâneo, porém, a curto e médio prazos podem acarretar em sofrimentos, e o indivíduo, na ânsia de mais prazer, não consegue correlacionar o “efeito” com a “causa”.

A grande corrida da disseminação de informação vivenciada na atualidade, especialmente com o advento da rede mundial de computadores (internet) que, apesar de todo o avanço e de tantos benefícios que propicia, carrega consigo o malefício de disseminar idéias pré-determinadas de pensar e se

⁷ Sogyal Rinpoche, O Livro Tibetano do Viver e do Morrer, Editora Talento, São Paulo, 2001, Primeira Parte, Capítulo 3, pg. 57.

comportar. Muitas vezes são apenas tendências e modismos passageiros, quando a idéia é lançada por um indivíduo e encontra aqueles que a compartilham. Porém, tantas outras vezes são campanhas programadas visando enfatizar a pseudonecessidade de um padrão comportamental cuja única finalidade são os lucros, sem considerar os meios utilizados.

Padrões de pensamento são embutidos nas mentes dos incautos sem que estes se apercebam do fato. Devido a pouca experiência e a ânsia por novidades, os jovens são presas fáceis, por isso, os responsáveis devem sempre estar atentos para fornecer orientação sempre que se fizer necessário. A conversa franca, sem hora nem local marcados, é muito eficaz e deve ser incentivada no seio familiar e no ambiente educacional.

Responsáveis e educadores devem se complementar, nunca relegar a um o papel do outro, pois estes não serão capazes de suprir necessidades específicas. Por este motivo, apesar da vida atribulada, é de fundamental importância que algum tempo seja dedicado ao ambiente doméstico, para a manutenção do inter-relacionamento familiar, onde qualquer desvio de conduta possa ser detectado em estado inicial e corrigido sem maiores conseqüências.

Segunda Nobre Verdade

Após os esclarecimentos iniciais, pode-se, então, partir para um nível de ensinamento acima. Da mesma forma que, para aprender a ler, é necessário conhecer as letras, e depois as palavras.

Se tudo o que existe tem uma causa, portanto a Segunda Nobre Verdade somente poderia ser a explicação da origem do sofrimento, que é o apego às coisas e o desejo desenfreado.

Quando se atribui a razão da nossa felicidade a fatores externos a nós mesmos, como objetos que gostaríamos de possuir, a necessidade de que a pessoa amada esteja ao nosso lado, ou qualquer outra situação, estaremos sempre atrelados a condições que podem estar além do nosso alcance. Quando conseguimos satisfazer os nossos desejos, que acreditamos ser a razão da nossa felicidade, surge, então, o medo de perdê-los. São circunstâncias, portanto, independentes da nossa vontade, estaremos sempre vulneráveis as idas e vindas do destino.

Joanna de Ângelis, em Plenitude, expõe com grande clareza o sofrimento sendo de duas ordens: cármicas e emoções perturbadoras.

Os sofrimentos cuja gênese provêm de vivências anteriores a atual são aqueles de origem cármica. Quando

devido a transgressões decorrentes da ignorância espiritual que larga fração da humanidade terrena ainda transita será de essência expiatória, enquanto que, quando oriunda da busca do aprimoramento pessoal será provação. Em ambos os casos, o processo poderá infligir esta ou aquela situação aflitiva, porém, a finalidade nunca é o de punição, mas de educação para a longa caminhada evolutiva, cuja condição final será a felicidade verdadeira.

Todavia, enquanto seres viventes, sejam encarnados ou não, sempre será possível agravar ou suavizar a condição em que se encontrar. As emoções perturbadoras, causas atuais de aflições, conduzem o indivíduo ao agravamento de sua situação. A depressão, mal tão comum em nossa sociedade; o desespero decorrente de necessidades não supridas ou vontades não satisfeitas; desarmonias decorrentes de uma vida desregrada são sentimentos que conduzem o ser a toda ordem de desequilíbrio. Todavia, aquele que está vivenciando o tormento não consegue enxergar suas causas.

Sabemos que o sofrimento existe, pois o sentimos, mas não sabemos como lhe dar um fim.

Terceira Nobre Verdade

O que foi apresentado até o momento não é suficiente. O conhecimento da existência do sofrimento e a sua origem seria apenas motivo para aflição ainda maior, pois estaria acrescido do desespero e do sentimento de impotência diante do quadro tão desolador que foi demonstrado.

Diante disto, o ensinamento seria completamente desnecessário, e até mesmo nocivo para aquele que ouve. A Terceira Nobre Verdade nos revela que o sofrimento pode ter um fim, não é inerente ao ser, nós somos os responsáveis pela sua existência.

Quarta Nobre Verdade

O que foi dito acima, por si só, seria ainda motivo para maiores dores, por saber que somos os responsáveis pelo que sofremos, mas é necessária a conscientização de que a causa está em nós mesmos.

Para então, completar o ensinamento, fechando assim o ciclo, a Quarta Nobre Verdade somente poderia ser a apresentação das ferramentas a serem utilizadas e o caminho a trilhar para alcançar a felicidade:

- Quando se deseja atingir um objetivo qualquer, primeiramente é necessário entendê-lo corretamente, este o primeiro passo: *percepção correta* dos ensinamentos anteriores.
- Após o entendimento, é preciso que o indivíduo tenha ou adquira a vontade para a renovação: *intenção verdadeira* de trilhar o caminho certo.
- Após cumprir estas duas etapas, o próximo passo seria manter conversa elevada com o próximo, não se permitindo frivolidades e falsidades: *oratória digna* ao se comunicar.
- Obviamente que as atitudes deverão sempre ser de acordo com o que se prega para manter a coerência: *comportamento sadio* em qualquer situação.
- Para a subsistência é necessário o exercício de funções gratificadas, tendo sempre em mente que as outras pessoas também buscam os mesmos meios e que todos merecem o devido respeito: *trabalho honesto*, não se aproveitando de vantagens ilícitas.

- Na atual situação da humanidade, sabemos o quanto é difícil para mantermos um comportamento correto, mas é preciso esforço para evitar que as más tendências suplantem as boas: *força de vontade* para não desviar do caminho.
- Combater os pensamentos negativos, substituindo sempre por pensamentos positivos: *mente saudável*.

Toda a mudança de atitude, seja comportamental ou mental, requer que o indivíduo reflita sempre sobre seus atos e pensamentos para poder identificar os pontos que necessitam de correção além, é claro, de ponderar sobre ensinamentos e exercícios que o estimulem a transformação. A meditação é uma ferramenta de grande auxílio.

Idéia semelhante é apresentada por Carl Gustav Jung, famoso psiquiatra suíço, nascido em 1875 e falecido em 1961, é considerado o “Pai da Psicologia Analítica”. Dedicou sua vida inteira ao estudo dos processos psicológicos, desvendando uma área que até então, era muito pouco conhecida. Contemporâneo de Freud, que era mais velho e, assim, no início de seu trabalho o teve como mentor, foi, gradativamente, se afastando das idéias freudianas por não concordar com algumas das suas assertivas, principalmente com relação à função da libido.

Jung, em seu estudo sobre o que definiu de “A Sombra”^{8,9}, diz que o conhecimento do conteúdo deste arquétipo é essencial para o auto-conhecimento, que apresenta uma natureza terapêutica, contudo, requer trabalho árduo e demanda muito tempo.

Pode-se observar que o caminho não é fácil, e que estamos falando de uma longa jornada; para aqueles que acreditam em várias existências do ser na condição de homens e mulheres, o ciclo de renascimento e morte, eis um motivo para buscar vidas cada vez em melhor situação, mais tranquilas, menos tropeços e percalços; para aqueles que acreditam em apenas uma experiência física, eis o motivo para buscarem uma situação mais confortadora para quando daqui partirem, pois os lugares para onde irão, dependerá de como aqui viveram; para aqueles que em nada acreditam além da existência material, eis o motivo para aproveitarem o tempo que resta para buscarem uma vida, tão temporária, tão passageira, em condição mais amena. Todos temos a ganhar, não importa em que acreditemos.

⁸ A Sombra estaria relacionado com os pontos de inferioridade da personalidade e constitui um problema de ordem moral.

⁹ Jung, C. G.; AION - Estudo Sobre o simbolismo do Si-Mesmo; 6ª. edição, Editora Vozes, 2000, pg 6.

Para melhor entendimento da inter-relação entre a existência do sofrimento com as Quatro Nobres Verdades, vamos imaginar uma criança que acabe de nascer. Sabemos que no nosso mundo existe um sem número de causas de dissabores e que grande parte deles nos causa algum tipo de dor física ou moral, portanto, ela irá, forçosamente, se deparar com estas situações ao longo de sua vida.

Diante da primeira situação desagradável, este ser padecerá algum tipo de dor, se a experiência lhe servir de ensinamento, um passo foi dado no caminho da cessação do sofrimento, caso contrário, a cada experiência, mais amargo será o efeito. O ciclo assim se manterá até que a morte o alcance.

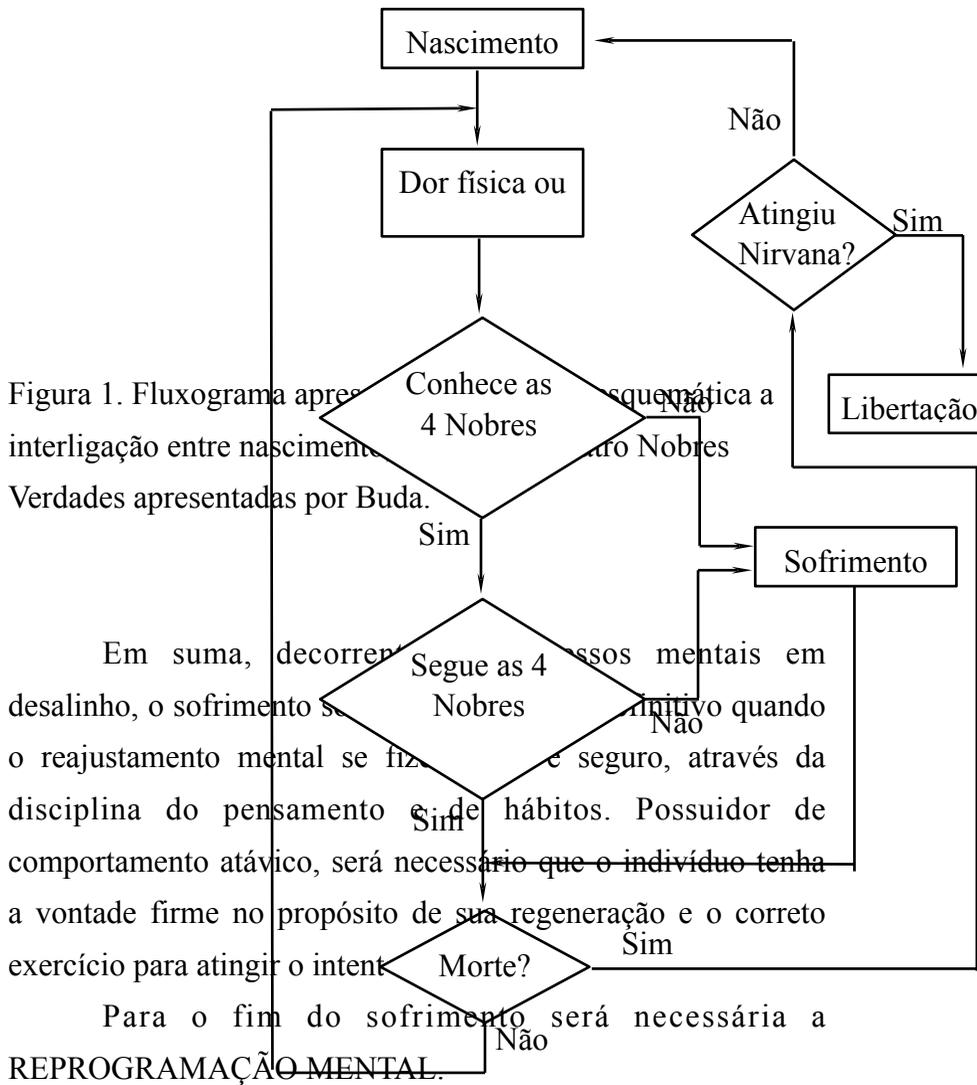
A morte, entretanto, não representa o fim do ciclo, apenas o início de outro ainda maior, Sansara, o ciclo de nascimento e morte na condição ordinária da vida, quando ainda estamos sujeitos a efeitos relativos ao nosso estado mental, refletindo na condição em que vivemos.

Esta é a idéia de causa e efeito, ponto fundamental do Budismo e também da Doutrina Espírita.

A Figura 1 apresenta, de forma esquemática, a correlação entre os vários estágios e condições de vida possíveis com as Quatro Nobres Verdades. É possível verificar que o conhecimento e, principalmente, uma postura condizente

com estes ensinamentos, representa um fator determinante em Sansara, compreendendo a existência na matéria ou no bardo que é o período entre a morte e o renascimento.

Uma atitude coerente com os ensinamentos de Buda poderá livrar o indivíduo do sofrimento, apesar de todas as mazelas existentes em nosso mundo, conduzindo, assim, para a Libertação.



DOCTRINA DO VAZIO

Com o intuito de fornecer condições para se atingir o estado de Nirvana, quando não será mais necessária a existência em Samsara, o ciclo de nascimento e morte, o Primeiro Buda deixou vários ensinamentos, dentre eles os sutras denominados de paramitas.

O Buda não deixou nenhum ensinamento escrito, em sua origem eram passados de mestres para discípulos oralmente e era preciso memorizá-los. Com o passar dos tempos, estes ensinamentos foram transcritos, formando, assim, uma série de textos denominados de sutras, cujos conteúdos são creditados ao Buda.

Paramitas são os caminhos que devem ser seguidos por todo aquele que desejar atingir a iluminação, isto é, atingir o estado de Nirvana.

Existem seis paramitas principais, que são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Os seis paramitas principais.

OS 6 PARAMITAS	
Nome	Significado
Dana	caridade
Sila	moral
Ksanti	paciência
Virya	devoção
Dhyana	meditação
Prajna	sabedoria

Como é possível de se verificar, existe um ensinamento específico para os variados pontos que um indivíduo necessita para se aprimorar tanto moral quanto espiritualmente.

Isto mostra que desde tempos anteriores ao nascimento de Jesus, aproximadamente quinhentos anos antes, especificamente neste caso, pelo menos para os seres dotados de uma percepção ou inteligência mais desenvolvida, já era possível verificar a necessidade de exercícios voltados ao desenvolvimento de uma cultura baseada no respeito e no amor, que são inerentes ao ser.

Vemos que tal prática é negligenciada na sociedade moderna, ocorre uma inversão de valores, com a vida girando

em torno de status, condição financeira ou, até mesmo, de aparências.

A situação é, na verdade, um pouco mais complexa do que parece. Não bastaria apenas, o que já seria muito, que os países ou pessoas mais abastados reconhecessem a necessidade de auxílio aos mais necessitados, mas é fundamental que os países ou pessoas carentes reconhecessem do que realmente necessitam, para não tenderem a se aproveitar da sua condição, buscando o que não convém, sem receber uma ajuda efetiva.

Esta situação encontra espaço para vicejar devido a falta de conhecimento e da influência da sociedade mundial que, perante um mundo globalizado, estende seus tentáculos por todos os cantos do planeta, tanto os positivos quanto os negativos.

A Doutrina do Vazio, também conhecida por Vacuidade, é outro conceito, como o da Impermanência, de extrema importância para auxiliar a compreensão, aceitação e, como consequência, o deslocamento do padrão de pensamento para níveis além da existência física.

Gramaticalmente falando, poderíamos atribuir dois sentidos para a palavra “vazio”: no cotidiano é comum referir-se a uma região qualquer do espaço como estando vazia mesmo quando está preenchido pelo ar, por exemplo, ao nos referimos a uma gaveta vazia; em uma concepção mais restritiva, estaria

relacionado com a existência de absolutamente nada, nem o ar, seria o vácuo.

Analisando a palavra “vácuo”, também poderíamos atribuir dois sentidos: o primeiro seria para descrever a pressão no interior de um recipiente qualquer quando seu valor é inferior a pressão atmosférica; no segundo caso, também em sentido mais restritivo, significaria a ausência de qualquer matéria, um completo vazio, onde não existisse nem a mais ínfima quantidade de ar.

Pode-se concluir que, ao considerarmos o sentido mais restritivo dessas duas palavras, vazio e vácuo, elas são sinônimos.

Durante muito tempo considerou-se que existisse o vácuo absoluto no espaço compreendido entre as atmosferas dos planetas, contudo, este conceito está mudando. Os novos avanços da ciência conduziram a descobertas novas sobre o movimento dos planetas, mais especificamente sobre o seu movimento relativo um ao outro. Colocando de forma muito simples, pode-se dizer que este comportamento depende tanto do impulso por eles sofridos no momento do surgimento do Universo quanto da quantidade de matéria existente. Deduziu-se que existe mais matéria no Universo do que é possível ser detectada pelos equipamentos disponíveis na atualidade.

O que era considerado como vácuo, hoje se tem à noção de que não é exatamente o vácuo na concepção que lhe era atribuída, tanto no infinitamente grande quanto no infinitamente pequeno.

É fácil de reconhecer a dificuldade de compreensão, com a conseqüente aceitação, desta idéia, mesmo com o auxílio de explicações dos sutras sobre este assunto fornecidos por estudiosos. Portanto, o leitor não deve desanimar pelas dificuldades de entendimento que possam surgir.

Vacuidade, contudo, na concepção Budista, não significa que os fenômenos sejam materiais ou não, salientando que a simples existência de um objeto qualquer é considerado como um fenômeno. Não possuem existências independentes, inerentes, que existam por si só, contudo, esta definição não necessariamente denota que o nada exista.

A interpretação mais exata possível desta doutrina somente poderá ser atingida através de intenso exercício de meditação sobre a nossa própria existência e de tudo o que nos cerca. Isto é explicado em um dos sutras do prajna-paramita, conhecido como “Sutra Coração”¹⁰.

¹⁰ Heart Sutra em inglês, como é encontrado em inúmeras páginas na Internet.

É necessário salientar alguns pontos deste sutra para dar ao leitor uma idéia, a mais próxima possível, da realidade de entendimento da Vacuidade.

O Sutra Coração descreve o momento em que um Bodhisattva se encontrava em profunda meditação, em prajana-paramita, e vislumbrou que tudo seria da natureza do vazio.

Disse ele que forma é vazio e que o vazio também é forma. Por forma deve-se entender os objetos perceptíveis, animados ou inanimados. De maneira similar, descreveu o sentimento, a percepção, o impulso e a consciência.

Não existiria impureza ou pureza, início ou fim, perfeição ou imperfeição, sofrimento ou origem do sofrimento ou cessação do sofrimento. Não existiram os órgãos relativos aos sentidos, por conseguinte, não existiria também a origem dos sentidos: sem olhos e sem aparência; sem ouvidos e sem sons; sem língua e sem paladar; sem corpo e sem tato; sem mente e sem ensinamentos.

O Buda, que se encontrava em meditação nas proximidades, ouvindo a explicação, saiu do estado meditativo e corroborou com o ensinamento, dizendo que todos deveriam praticar o prajana-paramita da forma como fora apresentado.

Sobre o assunto da vacuidade ou ausência de existência inerente, o Décimo Quarto Dalai Lama – Tenzin Gyatso¹¹, muito sabiamente apresenta a possibilidade de que um estudante incauto possa interpretá-lo como a completa não existência. Da mesma forma que, como foi apresentado anteriormente, o vácuo absoluto era considerado como a ausência completa de matéria.

Esta forma de entendimento seria o que é denominada de Niilismo, uma vertente de pensamento que reduz tudo ao nada, isto é, considera que nada deva existir de absoluto.

É importante ressaltar que tal interpretação é altamente indesejável, poderia conduzir ao raciocínio de que, como nada existe em uma realidade final, não haveria, com isso, a necessidade do aprimoramento moral e intelectual pessoal, pois seria um esforço inútil. O que se pretende com a doutrina da vacuidade é exatamente o oposto: conduzir o ser à iluminação.

Pode-se então abordar a Doutrina do Vazio, ou melhor, para colocar a sua descrição mais fielmente, a ausência de existência inerente, juntamente com o estudo do item anterior, a impermanência.

Ao dizer que nada possui uma existência inerente, significaria que nada permanece como uma realidade

¹¹ Dalai Lama, O Mundo do Budismo Tibetano, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001, Cap. 5

independente de outros fatores, isto é, que possua uma existência própria, destacada de todo o resto, com uma identidade autônoma. Tudo seria parte integrante de uma cadeia, como um elo de uma corrente.

Pode-se então, a partir deste raciocínio, compreender a impermanência de tudo. Se nada existe por si só, então, tudo estaria, de alguma forma, interligado, e se, por uma causa estranha qualquer, forem alteradas as condições que mantêm um determinado fenômeno como uma realidade, não mais permanecendo da mesma forma, então, forçosamente aquele fenômeno deverá ou se transformar para se acomodar a nova situação, ou deixar de existir por completo. É possível observar a impermanência em ambos os casos.

Considerando que é o ser consciente quem apresenta possibilidades de aplicar o raciocínio e discernimento, então, pode-se concluir que a consciência possui o papel principal em todos os fenômenos que possam ocorrer.

Esta linha de raciocínio eleva a mente à condição suprema de controle das condições que a cercam, podendo esta, através de uma postura adequada, seja para que finalidade for, alterar qualquer situação. Pensamentos bem direcionados acarretarão mudanças para melhor enquanto que os mal direcionados tenderão a tornar pior do que possa estar.

De acordo com os ensinamentos Budistas, o aspirante a Buda deverá interiorizar a Doutrina do Vazio, isolando tudo que seja motivo de apego, tanto os bens materiais quanto a si mesmo, deixando de se considerar como uma entidade isolada, independente. Todos fazem parte de um todo, engrenagens de uma máquina maior. É necessário se destacar do “individual” para viver no “reino do coletivo”. Por isso, a consciência é parte integrante desta doutrina.

Em resumo: em sua real acepção, Vacuidade ou ausência de existência inerente, não significa a não-existência. É preciso buscar o verdadeiro significado, que só poderá ser atingido através da meditação, não sendo necessário chegar a estados alterados da consciência, mas ponderações e, assim, compreender as causas das doenças e sofrimentos para, concomitantemente, atingir estados de felicidade.

ORIGINAÇÃO DEPENDENTE

Vimos desde o início falando sobre a relação causa e efeito. O princípio da Originação Dependente pode ser considerado como sendo um resumo.

Tal princípio pode parecer muito básico, isto é, muito facilmente compreensível e que poderia até não figurar como um ensinamento de grande profundidade.

Contudo, a grande maioria das pessoas, de um modo geral, desconsidera por completo este conhecimento, ou melhor, a noção de que, como é apresentada pela lei da física, toda ação gera uma reação. No comportamento cotidiano o indivíduo age como se cada acontecimento ou ação fossem elementos isolados, sem acarretar qualquer prejuízo ou benefício para outrem ou outras partes de um todo.

É importante ressaltar que, nas pesquisas científicas, muitos fenômenos são descobertos pelos efeitos que eles podem produzir. Um exemplo muito interessante foi a descoberta da radioatividade, que é a propriedade apresentada por alguns isótopos de desintegração do átomo pela emissão de partículas.

Considerando que o leitor não necessariamente estará ambientado a termos técnicos muito específicos, antes de prosseguirmos, precisamos abrir um parêntesis para a explicação do que seja um isótopo.

Os átomos são compostos por prótons, nêutrons e elétrons, sendo cada elemento químico caracterizado pela proporção destas três partículas. Tomemos, por exemplo, o elemento químico oxigênio, tão conhecido por todos, pois é essencial para a manutenção da vida.

Na sua composição mais abundante no planeta, o átomo de oxigênio é composto por 8 prótons, 8 nêutrons e 8 elétrons,

mas existem outros átomos de oxigênio que apresentam outra proporção destas partículas, diferindo no número de nêutrons, 9 ou 10, por exemplo, neste caso, são denominados de “isótopos de oxigênio”. Dependendo, então, desta relação, o isótopo poderá ser radioativo ou não.

Nos últimos anos do século XX, quando cientistas voltavam sua atenção para a descoberta dos raios X, realizada por Wilhelm Conrad Röntgen, físico nascido na Alemanha em 1845. Antoine Henri Becquerel, também físico, nascido na França em 1852, acreditando que este fenômeno poderia ser devido à fosforescência, decidiu por elaborar uma série de experiências.

Seus experimentos consistiam em colocar sais de urânio sobre uma chapa fotográfica, expondo o conjunto ao sol. Como no início do ano nem sempre o sol aparece, Becquerel guardou em uma gaveta uma quantidade do sal sobre uma chapa fotográfica. Alguns dias depois, revelando a chapa, pode verificar que a estava tão velada como quando exposta ao sol. Verificou, então, que a emissão ocorria naturalmente e, após longas perquirições, concluiu que deveria ser proveniente do elemento urânio presente nos sais que utilizava.

Em 1903, Becquerel, juntamente com um casal de cientistas, Pierre e Marie Curie, que continuaram com uma série de experimentos baseados em suas descobertas, foram

agraciados com o Prêmio Nobel de Física pela descoberta da radioatividade.

Assim, o fenômeno foi descoberto pela sua causa.

Com relação ao princípio da Originação Dependente, recordo uma vez em que estava assistindo a uma palestra e o expositor colocou, de forma muito propícia, o efeito que a queda na bolsa de valores da Malásia estava tendo na bolsa de valores do Brasil. São países que geograficamente estão posicionados em lados opostos no globo terrestre e, realmente, como a Malásia não é uma potência no aspecto econômico-político do planeta é de surpreender, para o mais incauto, que qualquer acontecimento lá poderia repercutir aqui, no Brasil. Porém, atualmente, o mundo está vivenciando a tão falada e aclamada globalização.

Deve-se compreender que, para fortalecer as ligações existentes entre os vários países, digo fortalecer porque as ligações sempre existirão, mesmo que se busque o isolamento, é essencialmente necessário que todos tenham conhecimento do princípio da Originação Dependente, pois qualquer alteração em um ponto, forçosamente originará, no mínimo, uma agitação correspondente nos outros pontos.

Quando pensamos em globalização, é preciso ter sempre em mente a interligação fortalecida, decorrente desta opção.

Todavia, quando apreciamos o mundo como um todo, devemos considerar que este é formado por partes menores, que são os países; estes, por sua vez, são constituídos de frações ainda menores, até que chegaremos ao fato de que a menor porção é o indivíduo, o ser vivente que experimenta necessidades, apreensões e alegrias de todas as formas possíveis e imagináveis.

Pode-se, assim, conceber a relação entre o princípio da Originação Dependente com as Quatro Nobres Verdades, introduzidas no início do capítulo.

CAPÍTULO III

ESPIRITISMO

ALLAN KARDEC

Nascido em outubro de 1804, em Lion, França, Hippolyte Leon Denizard Rivail dedicou sua vida à educação. Aluno do Instituto Yverdun na Suíça, dirigido por Pestalozzi, que foi o responsável por grande reforma na área da educação. Entre as suas inovações no ensino, Pestalozzi introduziu a idéia de que o entendimento deveria ser desenvolvido pela observação e participação em atividades, diminuindo a ênfase nos estudos sistemáticos de textos e normas. Aluno brilhante, Hippolyte se identificou com aquelas idéias e se tornou um colaborador.

Hippolyte, como o educador que era, fundou, em Paris, um instituto similar ao de Yverdun. Sendo conhecedor de vários idiomas e de vários ramos da ciência, foi autor de vários livros destinados à educação, que foram amplamente utilizados e lhe proporcionaram uma modesta situação financeira.

Por suas diversas obras, o Prof. Rivail era conhecido e respeitado no meio acadêmico da época.

Seis anos depois do incidente de Hydesville, em 1854, o Prof. Rivail ouviu, pela primeira vez, falar das mesas girantes e, a primeira vista, deduziu tratar-se de um fenômeno de magnetismo que, juntamente com a eletricidade, estava sendo descoberto naquela época e, como se conhecia muito pouco sobre estes assuntos, todos os acontecimentos que não tinham uma explicação com o conhecimento convencional vigente na época, eram relegados a fenômenos de magnetismo.

Nesta época muitas eram as pessoas envolvidas com as mesas que giravam e respondiam a perguntas, alguns por mera curiosidade e brincadeira, outros com o olhar mais questionador. Foi então que o Sr. Fortier, um amigo com o qual o Prof. Rivail mantinha relações de estudo sobre o magnetismo lhe disse, um dia, que as mesas não apenas se erguiam do solo e se movimentavam, mas, também, eram capazes de responder as perguntas que lhe eram dirigidas.

Como uma pessoa sensata, detentor de um grande cabedal de conhecimento, reconhecendo que tal feito era contrário a todas as ciências conhecidas na época, tratou com desdém a informação dada pelo seu amigo. Em sua mente não poderia compreender tal fato, pois, logicamente, uma mesa não tem cérebro para pensar e, conseqüentemente, não poderia responder a qualquer pergunta.

A movimentação da mesa por si só, poderia ser considerada como um efeito qualquer, mas daí a responder a perguntas, era outra questão. Contudo, diante de uma afirmação desta por parte de alguém que é tido como uma pessoa sensata, a dúvida sempre permanece no ar: Como poderia uma mesa apresentar algum tipo de raciocínio?

Aos poucos, conversando com um e com outro, o Prof. Rivail foi obtendo maiores informações a respeito desses fenômenos, até que veio a assistir uma reunião onde ocorreu o fenômeno da mesa responder a questionamentos.

Diante dos fatos incontestes, como cientista e pesquisador que era, utilizando a razão, concluiu que, como tais fenômenos realmente aconteciam, somente poderiam ser provenientes de fatos naturais, pois tudo o que ocorre, seja observável ou não, deverá necessariamente proceder de causas em princípios inerentes da natureza das coisas.

Considerações acerca do sobrenatural, seja origem divina ou demoníaca, somente podem ser baseadas em idéias dogmáticas, relegada a imaginação fértil de algumas pessoas, sem meios de estudo sistemático e, por isso, não podem ser consideradas como merecedora de crédito.

Baseado em suas observações, concluiu, desde o princípio, que estas ocorrências deveriam ser regidos, como em todos os casos, somente por leis naturais, e que regeriam

também as relações entre um mundo visível e outro, invisível. Reconheceu desde logo que a ação do mundo invisível é uma das forças da natureza e que, cujo conhecimento, haveria de lançar a luz sobre uma imensidade de problemas tidos como insolúveis até então, e também, desde o princípio, compreendeu o alcance, do ponto de vista religioso, que aqueles fenômenos poderiam trazer para a humanidade. A partir daí, ele começou seu trabalho juntamente com os espíritos.

O Prof. Rivail, com sua mente de pesquisador, elaborou perguntas para os espíritos, questões para as quais não havia resposta ou, então, que estavam mal respondidas e, após a compilação de todas as respostas, colocou-as na forma de um livro. Esse livro foi entregue para edição em 18 de abril de 1857, intitulado O Livro dos Espíritos. A obra foi assinada com o pseudônimo de Allan Kardec, no intuito de desvincular esta obra de todos os outros livros escritos pelo Prof. Rivail.

Com a publicação deste livro nasce oficialmente a Doutrina Espírita ou Doutrina dos Espíritos ou Espiritismo.

Tabela 3. Resumo da obra da codificação e sua inter-relação.

O Livro dos Espíritos	Livro a que deu origem	Ano
-----------------------	---------------------------	-----

Parte I – Das Causas Primárias	A Gênese	186 8
Parte II – Do Mundo dos Espíritos	O Livro dos Médiuns	186 1
Parte III – Das Leis Morais	O Evangelho Segundo o Espiritismo	186 4
Parte IV – Das Esperanças e Consolações	O Céu e o Inferno	186 5

AS QUATRO PARTES DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Parte I – Das Causas Primárias

A primeira parte d'O Livro dos Espíritos, intitulado Das Causas Primárias, trata, como o próprio título diz, do princípio de tudo, incluindo a formação do mundo e dos seres vivos.

Para o Espiritismo, como em todas as crenças Cristãs, existe um ser superior a tudo o que é conhecido, um e único Deus. Esta entidade seria a representação de todas as qualidades, conhecidas ou não, em grau máximo, sem limites,

significando que nada e ninguém poderia, a ele, se equiparar. Teria como atributos principais a infinita bondade e justiça, a onipresença, a onipotência e a onisciência. Em resumo, um ser supremo, criador de tudo e de todos.

Baseado nestas características do Criador, o Espiritismo busca explicar todas as situações encontradas e vivenciadas na Terra.

Pela sua infinita bondade, não se poderia considerar a existência de um ser, ou seres, devotados exclusivamente para o mal, e que permanecerão neste estado para todo o sempre, pois este ser também seria sua criação. O que difere de outras tradições Cristãs que crêem na figura do demônio ou diabo, que seria a personificação da maldade, cujo reino seria o inferno.

Seguindo o mesmo raciocínio, pelo mesmo motivo que não criaria um ser maléfico, também não poderia ele criar um local onde imperaria o mal, portanto, o inferno, na concepção tradicional, também não existiria.

Fundada na crença da reencarnação, a Doutrina Espírita diz que os seres apenas estagiam em situações de praticar o mal, estariam nesta circunstância temporariamente, seria um estado transitório devido ao seu nível evolutivo que, a cada experiência carnal, teriam oportunidade de, gradativamente, irem se aprimorando até atingir um patamar tal que não mais estaria de acordo com atos escusos. Portanto, o espírito seria

um ser em constante transformação, sempre no sentido de melhoria, nunca de retroação.

Vemos, assim, uma situação de impermanência: o espírito não estaria fadado a uma condição qualquer para todo o sempre, a espera do tão falado “juízo final”. As experiências serviriam para o seu aprimoramento e, como tal, todas as vivências devem ser encaradas, buscando, a cada uma delas, recolher o máximo possível de aprendizado.

Tal pensamento acarreta uma mudança de comportamento perante, não apenas as adversidades impostas pela dura realidade da vida, mas também as venturas. As experiências surgiriam para que possam ser utilizadas para o próprio benefício de aprendizado, mesmo as mais desagradáveis. Deste ponto de vista, todas as alegrias e agruras serviriam para atingirmos níveis cada vez mais elevados de existência.

Deve-se, então, considerar que as experiências não devam ocorrer, ou melhor, surgir num processo aleatório, mas seguir um padrão, de acordo com a necessidade de cada um. Sendo assim, colocando de forma alegórica para fim ilustrativo, deve existir uma espécie de ficha particular para cada indivíduo, onde seria registrada as suas deficiências e, conseqüentemente, as ações corretivas pertinentes para seu aproveitamento, como também as suas qualidades, para serem

utilizadas para benefício próprio e de outrem. Isto significa que os atos realizados hoje repercutirão em algum momento no futuro.

Se considerarmos que a finalidade de todas as circunstâncias vivenciadas é a de nos beneficiar, as situações, que poderemos chamar de desagradáveis, não deverão ser vistas como tal, sendo assim, dever-se-ia aceitá-las de bom grado.

Ora, muitos devem considerar tal assertiva como uma insanidade, mas não é. Como vimos anteriormente, quando foi tratada da filosofia Budista, mais especificamente na primeira das Quatro Nobres Verdades, a causa do sofrimento está atrelada a nossa conduta, da forma como encaramos a realidade.

Se a realidade for tida como os bens materiais e prazeres que o mundo oferece, então, muitas serão as causas do sofrimento. Todas as situações que se apresentarem, forçosamente acarretarão uma mudança das condições a que se está acostumado, sempre que, em uma destas mudanças, for vislumbrada a possibilidade de perda de algo, seja material ou não, que se considera como uma posse, viabilizará o surgimento de temores e ansiedades.

Diante de tal fato, pode-se facilmente perceber a fragilidade e vulnerabilidade do ser humano, vivendo em um

mundo onde existe uma infinidade de fatores que estão completamente fora do controle, por mais que se tente agarrar desesperadamente, o objeto do desespero poderá escorrer pelas mãos. O mundo gira, as coisas mudam e, conseqüentemente, a nossa situação também.

Atualmente passamos por um momento de muitos transtornos e inquietações, isto tudo devido à impotência que nos assola, ao vermos tantas coisas acontecendo e não podermos fazer nada para conter esta onda de mudanças.

O globo ferve e existe uma grande comoção atingindo todos os cantos do planeta e, como não poderia deixar de ser, uns culpam os outros, não podendo reconhecer que sua atitude, juntamente com a dos demais habitantes do planeta, conduzem para aquela situação. Quem não tem, quer ter, e quem tem, não quer ceder.

Chegará o dia em que os dirigentes de todos os países reconhecerão que não se pode viver isolado, fazemos parte de um todo e que a atitude de um afeta, além dele próprio, a vida do outro.

Da mesma forma que um determinado povo tem a capacidade de culpar outro pelas suas desesperanças e desgraças, o cidadão age da mesma forma com relação aos dirigentes do seu próprio país, sem considerar que aquele líder político é o reflexo deste mesmo cidadão, ou, para colocar de

uma forma mais geral, é o reflexo da própria sociedade que lidera. Definitivamente, para mudar um país, é preciso que haja uma mudança da sua população.

Muitas vezes não se tem consciência de que as nossas atitudes, por menor e mais insignificante que possa parecer, pode acarretar prejuízos que transcende ao espaço e ao tempo, isto é, o malefício não fica localizado no local e no momento em que ocorreu.

Com raras exceções, a população, ou pelo menos em parte, das diferentes nações tem o costume de criticar o governo e políticos depositando neles a culpa de tudo que está errado na sociedade, mas, o que vem a seguir é uma frase feita muito repetida e que expressa a realidade dos fatos, nós somos os responsáveis por criar um mundo melhor.

Algum tempo atrás, costumava caminhar numa área de reserva que funciona como um bosque aberto ao público; todo cercado com grades e muros e policiamento no intuito de manter a integridade física tanto da área quanto de seus frequentadores; é possível verificar que existe uma preocupação por parte da administração pública, inclusive apoio financeiro, para oferecer segurança e conforto.

Certo dia, eis que estávamos caminhando neste bosque quando nos deparamos com uma família fazendo algo de deixar boquiaberta qualquer pessoa sensata. Os pais

ajudavam o filho, que deveria ter no máximo uns seis anos de idade, a pular a grade, de uns dois metros de altura, passando para o lado de fora e, em seguida, a pular novamente para o lado de dentro.

Acredito que aqueles pais nem tenham pensado no risco desnecessário a que aquela criança estava sendo exposta, pois poderia resolver se afastar da grade e, por um acidente, cair no rio que por ali passava, além disso, como era um local em que as pessoas não passavam, poderia haver cobras ou outro tipo de animal que vivesse naquela região.

Analisando a situação, pode-se observar que desde pequeno aquela criança está sendo incitada a quebrar com as regras impostas pela sociedade para saciar seus caprichos. Infelizmente, como este existem vários exemplos, como avançar sinal de trânsito, “furar” fila, etc.

Na busca desenfreada por uma satisfação momentânea de suas necessidades e paixões, a sociedade não poupa esforços. Com este pensamento em mente, virou uma prática comum, em desrespeito as regras básicas do bem viver, ouvir música com o volume na “estratosfera”.

Quem não tem ou nunca teve ou não conhece alguém que tenha algum vizinho com este hábito? Ou mesmo bares, inclusive nas praias que, para chamar fregueses, colocam música a todo volume?

Tal comportamento impede que as outras pessoas tenham seus momentos de repouso ou mesmo que busquem alguma atividade ou estudo para se aprimorarem.

Ao mesmo tempo em que isto ocorre, ouve-se reclamar sobre a desqualificação dos professores, dos médicos, dos profissionais que deveriam ser mais bem preparados para desempenhar suas funções profissionais; ouve-se também falar dos altos preços das consultas com os que são considerados como “bons” médicos.

Seria importante que estas pessoas pensassem em como responder a seguinte pergunta: Como podem os estudantes se dedicar ao estudo em seu ambiente doméstico, nas horas em que dispõem para tal, muitos trabalham durante o dia e freqüentam a escola à noite tendo apenas os finais de semana para o estudo? Ou mesmo os professores que têm muitas outras atividades fora da sala de aula para poderem cumprir o seu papel?

A qualificação fica, então, restrita a um número reduzido de pessoas que, devido a condições financeiras favoráveis, podem buscar locais tranquilos para morar e, dentre estes, um número ainda menor são os que usam o ambiente tranquilo para se dedicarem ao estudo e trabalho, com isso, poucos são os profissionais bem qualificados. É a

lei da oferta e da procura: grande procura e pouca oferta significa preços altos.

É impressionante que estas idéias paradoxais, busca da satisfação a qualquer custo e a deficiência dos serviços sociais adequados, são veiculadas diariamente pela mídia. São propagadas em suas diversas formas e cultuadas nos lares, onde as crianças são iniciadas desde cedo, e não nos damos conta do que está ocorrendo bem “debaixo do nosso nariz”.

O materialismo está presente no apego exacerbado dos bens materiais, no consumismo desmedido, no culto do poder adquirido a qualquer preço e no culto da sensualidade. Por isso, é imprescindível dar a infância uma base sólida, fornecendo instrumentos, parâmetros e valores para que estas crianças cheguem a adolescência com condições para não serem corrompidas pela sociedade e seus valores deturpados.

A sociedade busca prazeres momentâneos, instigados por uma minoria cuja única finalidade é arrecadar dinheiro para o seu próprio benefício, o capitalismo moderno só se ocupa com o que trará retorno financeiro, mas uma sociedade consciente terá condições de controlar este mesmo sistema financeiro, não dando espaço para a instalação de atividades perniciosas.

Parte II – Do Mundo dos Espíritos

A segunda parte d'O Livro dos Espíritos, intitulado Do Mundo dos Espíritos, visa esclarecer sobre a realidade espiritual, descortinando um mundo até então completamente desconhecido ou mal interpretado.

Seja qual for a sociedade, isto é, a crença que professe, em qualquer tempo da história, sempre houve e sempre haverá ocorrências consideradas como inexplicáveis. Algumas são descritas sob a denominação de milagre, outras são tidas como manifestações do diabo ou demônio.

Como foi visto anteriormente, todo aquele que acredita na soberana bondade de Deus, não poderia conceber que Ele teria criado seres exclusivamente voltados para o mal, então, deve-se desconsiderar a hipótese de uma ação demoníaca.

Porém, muitos poderão dizer que A Bíblia nos fala a respeito do Diabo ou Satanás. Todavia, as seguintes perguntas podem ser formuladas: Não poderia estar se referindo a todos os males oriundos do próprio homem? Não seria esse o demônio? Quando conta a história de que Jesus foi tentado pelo Diabo por 40 dias e 40 noites, não estaria, porventura,

em sentido alegórico, se referindo aos prazeres mundanos, nos exortando também a repudiá-los?

Em outra concepção, não poderia estar se referindo a espíritos que se encontram ainda muito pouco evoluídos, aqueles que ainda são condescendentes com a prática do mal, mas, com isso, não significa estarem fadados a assim permanecer para todo o sempre?

De forma análoga, os milagres não seriam então, considerados como fatos inexplicáveis, mas ação de espíritos que se encontram em estado evolutivo mais elevado, capazes de agir baseados em princípios naturais, ainda desconhecidas, mas tão naturais quanto o raiar do dia ou o pôr do sol no horizonte.

Ambos os casos, ações benéficas e maléficas, seriam baseados nas mesmas leis, apenas diferindo na intenção.

Muito interessantes são as numerosas aparições creditadas à Maria, mãe de Jesus quando da sua encarnação na Terra, a dois mil anos atrás. Costuma-se apresentá-la, nas imagens, com uma espécie de túnica e com um véu sobre a cabeça, cobrindo seus cabelos, estando apenas sua face à mostra. Assim, com esta imagem na mente, todas as ocorrências, sejam de que natureza for, até mesmo um simples defeito em um pedaço de vidro, que apresentam

característica semelhante são creditadas à Maria e motivo para peregrinações e romagens.

Em vários livros Espíritas são apresentados espíritos materializados e, a grande maioria, caberia, indiscutivelmente, na mesma descrição acima. Seriam todas manifestações de Maria? Ou será que, por se tratar de Espiritismo, seriam manifestações diabólicas? Tais fenômenos são creditados, pela Doutrina Espírita, às relações entre o mundo visível e o invisível.

É preciso, todavia, esclarecer o que seria um espírito materializado.

De acordo com o dicionário¹², a palavra materialização significa ato ou efeito de materializar-se. Colocando de forma muito simplificada, seria a capacidade de espíritos se revestirem de uma camada material, hauridas do mundo visível, com o auxílio de um médium que apresentasse propriedades específicas para tomarem, novamente, uma forma reconhecível e palpável, na nossa esfera de ação.

Além deste, de acordo com a Doutrina Espírita, existe uma infinidade de fenômenos possíveis. Os que ficaram conhecidos sob o nome de “poltergeist”, palavra inglesa que

¹² Aurélio B. H. F.; Novo Aurélio – Século XXI; Editora Nova Fronteira, 1999.

foi título de filme e, por isso, os fenômenos ficaram assim conhecidos.

“Poltergeist” significa distúrbios criados por fantasmas e, nesta descrição, estariam as aparições, objetos que são lançadas à distância sem causa aparente, ruídos inexplicáveis, etc..

Resta, ainda, a questão do milagre. Conforme é apresentado, os milagres mais não são do que a ação de espíritos em grau evolutivo superior ao comum, isto é, espíritos que, quer por terem sido criados a mais tempo ou por reconhecerem mais rapidamente a necessidade do trabalho em prol de seu desenvolvimento, se encontram em situação mais elevada. Tais entidades, por já terem atingido um nível em que não se comprazem mais com os prazeres mundanos, dedicam-se, assim, a tarefas voltadas para o benefício alheio.

Muitas vezes, no entanto, os milagres nada mais são do que a má interpretação de manifestações de um espírito qualquer, sem uma finalidade específica, mas, devido a credices e a imaginação fértil, são considerados como atos divinos ou, então, dos denominados “santos”.

Outro ponto que importa ser analisada é a questão da reencarnação.

Sempre que olhamos em nosso redor, nos deparamos com situações muito diferentes e, por isso, muito conflitantes. Pessoas existem nas situações mais variadas: saúde, doença, riqueza, pobreza, felicidade, tristeza.

Aqueles que se encontram em uma condição mais cômoda em relação a outras pessoas, se consideram afortunadas de privilégios. Em tais situações, nunca se põem a pensar o porquê alguns seriam merecedores de prerrogativas enquanto outras não.

Considerando-se, como ocorre na maioria das doutrinas Cristãs, que a alma seja criada no momento do nascimento, ou melhor, da concepção, não haveria razão para não se acreditar em sorte, tanto no nascimento quanto na vida. Haveria, então, um Deus que privilegia uns em detrimento de outros. Analisando esta questão com um pouco de profundidade, é fácil de concluir que estaria em desacordo com todos os ensinamentos do próprio Jesus.

Muitas das questões que transcendem, mesmo que de leve, a vida cotidiana, com as suas atribulações, requerem um mínimo de ponderação, basta alguns minutos de meditação para poder observar as incoerências.

Existe uma tendência, desde os tempos remotos, de considerar que Deus tenha características humanas, certamente

por serem as que nos são comuns, e é sob este ponto de vista que tentamos compreender o nosso mundo.

Diante deste fato, não é de estranhar que muitos acreditem em um Deus vingador e mesquinho.

É comum ouvirmos das pessoas expressões do tipo “Deus não faria isso comigo!” ou então “Como pode Deus fazer isso comigo?!”, mesmo quando professam alguma crença religiosa. Outros se consideram merecedores de algum favor divino, esperando soluções mágicas.

Agora, pensemos juntos, se Deus fosse realmente mesquinho e vingador, podem imaginar o estado caótico que não estaria este mundo? Se fosse verdade que Adão, por ter desobedecido e comido a maçã, mesmo que esta seja um sentido alegórico para representar o conhecimento do bem e do mal, e que seu “crime” tenha sido muito pior do que comer a fruta, foi sumariamente punido, tendo perdido o direito de viver no paraíso e todas leis à que estava submetido foram mudadas. Ora, pensemos bem, podem imaginar Deus agindo com vingança sobre cada um de nós, mudando as regras de forma insana? Só poderia ser de forma insana, pois é característico de todo aquele que age sob impulso de vingança.

Como a todo o momento muitos de nós fazemos coisas erradas, algumas até assombrosas, Deus estaria muito ocupado vingando-se de cada um. Portanto, este mundo, ou melhor

dizendo, todo o Universo seria um caos, de tal monta que, provavelmente, já teria explodido há muito tempo.

A teoria da reencarnação pregada pelo Espiritismo e, como renascimento, pelo Budismo, oferece uma explicação lógica para a variedade de condições de vida coexistindo atualmente no planeta.

Seus opositores dizem que seria um grande incentivo à preguiça e relaxamento, pois, diante de futuras oportunidades, o indivíduo procuraria sempre deixar para depois ao invés de começar hoje. Isto até poderia ser razoável caso desfrutássemos de condições muito agradáveis de vida e não houvesse implicações decorrentes desta indolência. Diante de tantas doenças e injustiças somadas à perspectiva de existências futuras em piores condições do que o atual, haveria motivo suficiente para iniciar o processo o mais rápido possível.

Contudo, sob uma ótica, não de oposição, mas inquiridora, a teoria da reencarnação pode até parecer uma grande contradição. Considerando que se Deus houvesse criado os Espíritos já na condição de perfeitos, todos somente fariam o bem e não haveria necessidade de vidas sucessivas, transportando, de uma vida a outra, necessidade de experiências reparadoras de atos cometidos no pretérito.

Uma explicação que considero bastante razoável é que, sendo Deus infinitamente justo, não poderia Ele mesmo decidir quais características daria a cada um, pois estaria incorrendo no erro de determinar os gostos e comportamentos de cada indivíduo. Sob este prisma, seríamos apenas marionetes, sem essência própria.

Outra opção seria criar todos os Espíritos na condição de perfeitos, mas completamente iguais, cópias fiéis um do outro, verdadeiros clones, com pensamentos iguais, gostos iguais e atitudes iguais. Pode-se conceber que não haveria propósito para a Criação, além de permanecer, parcialmente, a problemática exposta anteriormente, pois continuaria não existindo a individualidade.

A teoria da reencarnação, como é apresentada pelo Espiritismo, resolve estes questionamentos de forma satisfatória. Por ser infinitamente justo, Deus realmente criaria todos exatamente iguais, mas na condição de simples e ignorantes e, o que é mais importante, perfectíveis, tendo toda uma caminhada pela frente para cada um evoluir e, através do livre arbítrio que todos tem, poder desenvolver as qualidades, virtudes e pensamentos, e quando chegarem ao final da caminhada, embora perfeitos e em comunhão com Deus, serão diferentes em aptidões para tomarem a posição mais adequada de acordo com sua qualificação.

Diante do que foi exposto, pode-se ter uma idéia de que a crença em seres ou fatos sobrenaturais estaria em desacordo com uma sociedade nas condições que se encontra atualmente.

Às vezes, ouve-se críticas a respeito de como a comunidade científica elabora suas idéias sem considerar a atuação milagrosa de um Deus ou de seres angelicais e, até mesmo, de seres demoníacos. É preciso compreender que o que se busca, na realidade, é o desenvolvimento de teorias e elaboração de leis que regem os fenômenos que são observados. Não podendo, em pontos de um processo qualquer, que não foi possível decifrar o mecanismo de funcionamento, apenas atribuir a Deus. Essa “válvula de escape” seria muito perniciososa para o desenvolvimento da ciência em geral.

É bem verdade que muitos não conseguem ter uma concepção correta da realidade dos fenômenos que, embora sejam naturais, como é apresentado pelo O Livro dos Espíritos, não necessariamente devam ser atributos da matéria.

O termo “natural” não significa que tudo o que ocorre na natureza está exclusivamente relacionado com os fenômenos da matéria.

Quando se estuda a história do conhecimento verifica-se que existe um sem número de casos em que o que era considerado como natural em determinada época, se tornou um absurdo em outra.

Apenas para citar exemplos: o planeta já foi considerado plano e todos pensavam que não se poderia caminhar até as bordas, pois havia o perigo de cair; noutra época, era considerado como o centro do Universo, e qualquer pensamento contrário seria considerado uma heresia, podendo até ser condenado à fogueira.

Nestes e em tantos outros casos, o termo “natural” está completamente errado. O pensamento, ou melhor, o conhecimento temporal não necessariamente descreve a realidade da natureza, estando restrito a limitação em que se encontra. A evolução do conhecimento é gradativa e escalonada. Para atingir patamares cada vez mais altos é necessário, primeiramente, percorrer os mais baixos.

Outro ponto que importa considerar é a apresentação da vida no pós-morte. Da mesma forma que o Bardo Thödol, esta seção de O Livro dos Espíritos esclarece sobre as possíveis condições que se pode deparar quando o indivíduo se encontrar no estado intermediário, entre a morte do corpo físico e o renascimento, ou reencarnação. O Espiritismo

designa este período como “erraticidade” e aqueles que se encontram nesta condição seriam “espíritos errantes”.

Observa-se em ambas as doutrinas, Espírita e Budista, uma preocupação com relação ao esclarecimento sobre este período na existência do ser, pois a sua aceitação como uma realidade e a compreensão dos processos que ocorrem é de capital importância.

Normalmente não se pensa muito a respeito do período pós-morte, mas, mesmo assim, é motivo de muita angústia. Para aqueles outros que pensam sobre o assunto sem, todavia, estarem assistidos por uma doutrina filosófica - considerando que seja uma doutrina séria e que forneça embasamento para ponderações sensatas para poder atingir estágios de compreensão mais sadios - pode ser causa de sofrimentos e aflições inimagináveis. Tem-se, assim, uma fonte inesgotável de fobias, que vão eclodir nas mais variadas formas e intensidades.

O temor da morte somente poderá ser suplantado através de estudos conscientes sobre questões filosóficas existenciais e comportamentais, pois a conduta assumida durante a vida, forçosamente, regerá as condições que serão enfrentadas no pós-morte ou erraticidade.

Conseqüentemente, a partir do momento em que se considera a existência de espíritos que se encontram em um

estado diferente daquele que estamos acostumados, que é a condição de encarnado, é facilmente compreensível que devam estar em algum lugar, em uma região física qualquer. O mundo espiritual é a sua morada no estado intermediário.

Analisando o conteúdo do livro em questão, pode-se concluir que ambos os mundos, dos encarnados e dos desencarnados, devam coexistir simultaneamente. Colocando de uma outra forma, pode-se considerar como ambos sendo parte de um todo, uma única coisa composta de segmentos capazes de interagir. Não existiria uma linha delimitadora que fosse proibido ou impossível de ultrapassar, tanto de um lado quanto de outro, a não ser, é claro, pelos portões da morte e do renascimento.

Esta coexistência é que permite a iogues, atingindo estados de meditação profunda, entrarem em contato com aqueles que se encontram no estado intermediário, no Bardo. De forma similar é que os médiuns são capazes de interagir com este outro lado, trazendo informações e mensagens dos que lá se encontram.

Veremos, mais adiante, que encontramos na física, leis que regem fenômenos para casos específicos de dimensões e velocidades, compreendendo a Física Clássica, a Relativística e a Quântica.

Embora se acreditava que a Física Clássica era capaz de descrever todos os fenômenos, ficou claro, com o avanço do conhecimento, que apenas poderia ser aplicada para um caso particular, limitada a dimensões e velocidades médias, o normal do cotidiano, cujo comportamento da matéria é completamente diversa daquela encontrada em velocidades próximas a da luz ou, até mesmo, quando se entra no mundo das sub-partículas.

Assim como a Física Clássica é um caso particular de um todo, pode-se dizer que o mundo material, este que conhecemos, é apenas um caso particular de um mundo mais amplo, aquele que corresponderia à realidade global.

Relembrando o capítulo anterior, quando foi exposta a doutrina da vacuidade, cujo teor significa, em poucas palavras, que tudo seria uma ilusão, e sendo apresentado neste capítulo um mundo espiritual, como sendo a “verdadeira” realidade e o mundo material como temporário, ou melhor, um caso particular de um todo, pode-se, então, apreciar a real necessidade do ser.

É preciso reconhecer a dificuldade que deva estar sentindo o leitor que esteja em contato com estes conceitos pela primeira vez. Tal assunto requer tempo para a assimilação e de exercício; a partir de uma análise dos acontecimentos e sentimentos que se vivencia durante uma

vida, pode surgir uma sensação de vazio, pois tudo aparenta estar incompleto.

A falta de compreensão das numerosas sensações experienciadas por um indivíduo, muitas delas conflitantes, pode acarretar o aparecimento de disfunções mentais, produzindo fobias e depressão ou, então, se manifestando por disfunções físicas, com o surgimento de doenças.

Muitas pessoas buscam a fuga nas drogas e no álcool, levando, infelizmente, a desarmonias ainda maiores, onde as conseqüências no pós-morte serão mais desagradáveis, além de gerar comprometimentos para futuras encarnações.

A finalidade última das reencarnações sucessivas é, como no Budismo, atingir um estado em que o renascimento não seja mais necessário e o indivíduo, então, estará livre do ciclo de nascimento e morte.

Ao atingir determinado estado de elevação, este indivíduo deixará de se preocupar com problemas banais e particulares, para trabalhar em prol do bem coletivo.

Parte III – Das Leis Morais

A terceira parte de O Livro dos Espíritos, intitulado Das Leis Morais, é voltada ao esclarecimento acerca de

questões éticas, norteadas o comportamento de forma a preencher mais uma etapa na formação espiritual do ser.

O livro, ou melhor, a Doutrina Espírita, no intuito de se apresentar como um conjunto de ensinamentos, visando fornecer condições para o aprimoramento de todos que se interessem pela questão, busca fornecer as informações necessárias, os mecanismos de ação e, o que é mais importante, os efeitos de um comportamento regido por padrões de ordem moral.

A espécie humana se destaca dos outros animais, não apenas pela capacidade de manter um raciocínio lógico continuamente, mas também pela propriedade de aplicar caracteres de ordem moral em seus atos.

Embora muitos tentem, ou pensem, que são desprovidos do senso moral, considerando que não necessitam de regras comportamentais, podendo, assim, agir indiscriminadamente, sem ponderar nas conseqüências, todo ser humano contém, no seu íntimo, sensores que, apesar de poderem ser negligenciados temporariamente, avisam quando ocorrem transgressões. Estes sensores são denominados de “consciência”.

Alegoricamente pode-se dizer que estes alarmes funcionam como os dispositivos contra roubo nos automóveis

- sempre que alguém tenta arrombar a porta, a buzina dispara para afugentar o ladrão.

Nesta situação, duas coisas podem ocorrer: a) o ladrão se assusta, receoso das conseqüências se for pego, e parte do local às pressas, deixando o carro intocado; b) o ladrão, se considerando habilidoso, tem a certeza de ser capaz de abrir o veículo e partir antes que alguém se aproxime.

Ambas as situações são possíveis e, provavelmente, a segunda atitude deverá funcionar durante várias vezes, proporcionando, ao ladrão, uma sensação de segurança e de impunidade.

O sentimento de domínio de uma situação é sempre prazeroso, o indivíduo se considera o máximo, um super-herói que está acima do comum.

Por maior que seja o número de vezes que este indivíduo consiga sair ileso, chegará o dia em que as coisas não sairão tão bem quanto planejadas. Haverá uma situação em que ele não consiga escapar e, então, será tarde demais, será preciso arcar com as conseqüências de seus atos.

A sensação de segurança faz com que o indivíduo perca a verdadeira noção da realidade, não consegue mais se enxergar como realmente é, igual a todos. Os efeitos especiais são somente possíveis nos filmes de cinema.

Os comportamentos sem compromisso com a sociedade, tão comum de ser observado atualmente, poderão gerar sensações prazerosas durante algum tempo, poderão, até mesmo, se prolongar por um período maior, mas, fatalmente, um dia as conseqüências se farão notar.

Contudo, a existência do sentido moral inerente ao ser pode ser verificada analisando a própria sociedade. Mesmo aquelas que estão corrompidas, deturpadas e sem escrúpulos, sempre haverá aqueles que não se deixam contaminar e tentam suplantar a situação, buscando atingir condições melhores, tanto para si mesmos quanto para os outros.

Um outro exemplo assaz interessante foi apresentado pela mídia. Um traficante, responsável por vários assassinatos, foi morto em um confronto de facções rivais. Sete dias após sua morte, por ordem de seus comparsas, as lojas em redor da comunidade que vivia se mantiveram fechadas porque era o dia da Missa de Sétimo Dia em intenção daquele que falecera. Esta é uma demonstração clara de que, por pior que seja o comportamento de uma pessoa perante a sociedade, ela apresentará, quando menos se espera, comportamentos de ordem moral, pois é inerente ao ser.

Existem numerosos casos em que pessoas, após cometerem atos inescrupulosos, se arrependem.

Analisemos a nossa própria vida. Quantas vezes não fomos o protagonista de uma ação infeliz, impensada, e que depois experimentamos um sentimento de culpa? Diante disso, seria uma incoerência acreditar que o senso moral e que a consciência como sensor de alerta, seriam privilégios, ou desvantagem, dependendo do ponto de vista, de algumas pessoas apenas, enquanto que outras seriam, delas desprovida.

O discernimento é inerente ao ser humano, pois está, estritamente, relacionado com a inteligência e o raciocínio.

Assim, considerando que espíritos existem e que se encontram em evolução, conclui-se, diante do que ainda ocorre neste planeta, que ainda serão necessárias muitas reencarnações para atingirmos um nível de convivência mais humana e salutar.

Quando se desconsideram os prepostos, que seriam aqueles que não crêem na existência de espíritos e que consideram que a consciência não passa de fenômenos físico-químicos no cérebro, conclui-se que a espécie humana ainda sofrerá muita transformação e, quando atingir o estado de convivência pacífica, certamente, a humanidade estará com o senso moral muito mais desenvolvido.

Estas pessoas, que seriam os habitantes da Terra no futuro, analisando a história da humanidade, provavelmente

considerarão os hábitos do dias atuais como sendo bárbaros, assim como consideramos os povos de outrora. A barbárie é um conceito que está relacionado com a diferença moral existente entre aquele que julga e o que é julgado.

Contudo, nenhuma transformação ocorre por acaso, deve-se trabalhar pela “metamorfose” da espécie, a mutação que gerará seres mais humanos que o homem atual.

No primeiro caso, quando se acredita na reencarnação, deve-se trabalhar por esta “metamorfose” porque seremos nós mesmos que estaremos aqui no futuro. No segundo caso, quando se crê que a consciência é decorrente de um processo físico-químico, também é importante contribuir para a transformação, pois serão os nossos descendentes que estarão por aqui neste mesmo futuro.

Considerando o que foi exposto, e também como consta no O Livro dos Espíritos, pode-se afirmar que todos conhecem o que é denominado de “leis de Deus” e, considerando ainda que estas leis estão impressas na consciência, como também consta no livro em questão, as ações que não estejam de acordo com este código acarretarão, forçosamente, desarmonias.

Como todo sistema tende a contrabalançar as instabilidades geradas no seu interior, procurando sempre situações de estabilidade, o ser que se encontra em estado de

desarmonia irá buscar, inconscientemente, um estado de equilíbrio, mais harmonioso. Porém, o processo, muitas vezes, poderá ser doloroso e dependerá do quanto se afastou das “leis de Deus”.

Muitas das dificuldades encontradas na atualidade é decorrente da condição do globo. Quando olhamos ao redor, é difícil de compreender o que ocorre. O mundo parece estar em um estado caótico do qual não se consegue vislumbrar uma solução, o egoísmo impera, levando muitos a cometerem atos inconfessáveis. Apesar deste quadro desolador, na concepção da Doutrina Espírita, nas várias respostas dadas pelos espíritos responsáveis pela codificação, esta situação em que nos encontramos já era esperada. Isto está demonstrado na seguinte questão:

Bastante grande é a perversidade do homem. Não parece que, pelo menos do ponto de vista moral, ele, em vez de avançar, caminha aos recuos?

“Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que o homem se adianta, pois que melhor compreende o que é mal, e vai, dia a dia, reprimindo os abusos. Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para

tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas.”¹³

Imaginemos uma pessoa travando o seguinte diálogo consigo mesma:

“Hoje o dia foi terrível, acordei tarde para ir trabalhar, não tive tempo nem de ler o jornal. Mas também, na situação atual, não faz a menor diferença ler ou não o jornal, a gente já sabe tudo que vai encontrar, não é mesmo? As notícias são sempre as mesmas: corrupção, assaltos, crimes, e toda sorte de coisas. Eu acho que este mundo não tem mais solução, está tudo de cabeça para baixo.

“Antigamente era muito melhor, não tinha essas coisas não... Imagina só como seria viver na época de Jesus. Ah! Que maravilha, conhecer o mestre, ouvir os ensinamentos do Evangelho diretamente de Jesus. Pode imaginar? Bem, é claro que nem tudo era perfeito, não é? É verdade que naquela época os cristãos eram entregues vivos aos leões para serem devorados sob os aplausos da multidão, outras barbaridades também eram cometidas mas... Será que eu, em uma encarnação passada, vivi naquela época e vibrei com esse tipo

¹³ Kardec, A., O Livro dos Espíritos, questão 784.

de espetáculo? Será que ajudei na crucificação de Jesus? É melhor não pensar nisso...

“Também, a gente não precisa ir tão longe assim, não é? Digamos... a Idade Média... Ah! Aquilo sim é que era tempo bom, aqueles castelos..., muitos campos verdes..., Pode imaginar? É claro que nem tudo era perfeito, não é? É bem verdade que aquela era a época da inquisição, as pessoas eram condenadas à fogueira sob alegação de serem bruxas ou bruxos, bastava alguém acusar. Me disseram que naquela época jogavam as mulheres que eram consideradas bruxas em um lago, caso ela se salvasse estava provado que se tratava de uma bruxa e era queimada viva; caso ela morresse era a prova de que não era bruxa e obtinha o perdão. Eram eventos que as pessoas assistiam maravilhadas. Será que eu, em uma encarnação passada, vivi naquela época e vibrei com esse tipo de espetáculo? Será que ajudei a queimar as pessoas? É melhor não pensar nisso...

“Também, a gente não precisa ir tão longe assim, não é? Digamos... o tempo de Kardec... Ah! Aquilo sim é que era tempo bom! Que maravilha, conhecer o mestre lionês, ouvir esses assuntos tratados n’O Livro dos Espíritos diretamente ditas por Kardec. Pode imaginar? É claro que nem tudo era perfeito, não é? Na França daquele tempo reinava Napoleão III e todos viviam sob forte censura, era até necessário pedir

permissão à polícia para se reunirem. Várias descobertas científicas foram distorcidas para acomodar os ensinamentos da Igreja. Mas, falemos de Brasil, era outra coisa, tinha a escravidão, é bem verdade. Será que eu, em uma encarnação passada, vivi naquela época e atuei como espião, denunciando as pessoas, ou então possuía escravos? Será que ajudei a prender ou exterminar pessoas? É melhor não pensar nisso...

“Bem... podemos voltar ao início do século... tinha a Primeira Guerra Mundial... um pouco mais tarde... tinha a Segunda Guerra Mundial. Está bem, vamos falar somente de alguns anos atrás, é bem verdade que havia o regime militar, com suas censuras e perseguições.

“Talvez seja melhor eu me contentar com o que tenho hoje mesmo.”

Analisando o passado, pode-se até considerar que certas coisas continuem ocorrendo, mas, o que é muito importante, estes atos já não são mais aceitos pela opinião pública, nem, tampouco, aqueles que os praticam conseguem permanecer na obscuridade. Seus atos são expostos e se vêem às voltas com a vergonha e a humilhação. Certos cargos que eram considerados como acima da lei já não mais o são. É possível assistir a juízes, políticos e até mesmo um presidente tendo seus crimes expostos ao público e destituídos de seus postos.

Ontem a população não sabia ao certo o que acontecia nos bastidores de um país, era proibida de expressar livremente as diferentes opiniões sob pena de sofrer retaliações. Hoje a liberdade de opinião e do discurso propicia meios de evoluir, seja disseminando atos escusos praticados contra a humanidade ou dando um fim a impunidade.

Infelizmente, este processo pelo qual o planeta está passando é inevitável, é um momento em que temos de conviver com um livre arbítrio mais amplo, pois não estamos tão tolhidos pelas leis humanas, que não temos alguém a nos vigiar a cada esquina ou a cada recinto, mas ainda não sabemos como conviver com esta liberdade e, por este motivo, fazemos o seu mau uso. É um doloroso processo de aprendizado.

A evolução do espírito pode ser comparada com o desenvolvimento do ser humano.

Na condição de recém nascido, a criança se encontra completamente dependente, mas a medida que cresce, ela já será capaz de agir sobre o meio ao seu redor sem, contudo, poder assumir a responsabilidade pelos seus atos, ela está em fase de experimentação e aprendizado básico.

Com o passar do tempo, seu campo de atuação aumenta sem, contudo, abandonar a fase de experimentação e aprendizado, mas conforme esta criança cresce, gradativamente passará a assumir a responsabilidade pelos seus atos até que, na

fase adulta, será o único a responder pelas suas atitudes, sofrendo todas as conseqüências que gerar, mas, mesmo nesta fase, ainda permanecerá o processo de aprendizado através do exercício de suas faculdades, que não deixa de ser uma experimentação, segundo processo semelhante ao da infância, apenas o objeto de interesse é que se altera.

Tal qual como ocorre com as crianças, onde existirá uma maior probabilidade de se tornarem adultos saudáveis tanto física quanto mentalmente, tendo por responsáveis pessoas sadias mentalmente, sem viciações perniciosas, capazes de as direcionar corretamente no caminho do bem, enquanto que o oposto também poderá ocorrer quando se encontrar em condições antagônicas, o mesmo poderá ocorrer com o homem adulto, pois suas atitudes estarão de acordo com as doutrinas que professam e que os guiam.

Parte IV – Das Esperanças e Consolações

A quarta parte d'O Livro dos Espíritos, intitulado Das Esperanças e Consolações, esclarece sobre as condições em que o indivíduo poderá se encontrar no pós-morte que, segundos estes ensinamentos, dependerá do seu comportamento durante sua existência terrena.

Todas as vertentes religiosas pregam a bondade de Deus, seja qual for o nome que lhe seja dado, mesmo que acreditem na existência de vários deuses sempre existirá um ou alguns voltados para o bem. Todavia, basta olharmos a história do mundo desde a existência de seres vivos no planeta até os dias atuais, que observamos a existência do mal. Portanto, o mal existe e isto é inegável, mas qual seria a procedência deste mal?

A este fato é preciso que estas mesmas crenças religiosas que pregam a bondade de Deus dêem aos seus seguidores uma explicação, pois, na verdade, muitas pessoas buscam nas religiões respostas para fatos que não compreendem com a ciência material; buscam respostas para amenizar ou até mesmo solucionar os sofrimentos. Também é um fato que existe uma forte tendência de culpar o outro pelas próprias faltas, o que é muito mais fácil, pois assim não é necessário trabalhar por uma transformação íntima.

Então, estamos diante da seguinte situação: o mal existe e é preciso encontrar um culpado, um bode expiatório, alguém a quem seja possível culpar pelos próprios erros. Quem poderia assumir esta culpa e, o que é mais importante, que não se defenderia? Pois não adiantaria culpar alguém que poderia se defender e pronto, não haveria mais o tão precioso álibi e, além disso, seria preciso ser alguém que não morresse, caso

contrário, de tempos em tempos, seria necessário encontrar um substituto. Já imaginaram o trabalho que não seria? E quanto os intervalos entre um e outro? Como é que se viveria durante este intervalo?

Para solucionar este dilema, nada mais simples e fácil do que inventar um. Nasce, então, a figura do Demônio ou Diabo.

Eu me recordo que quando era pequeno tinha tanto medo desse tal de Demônio que não gostava nem de falar o nome para não atraí-lo, ou então “ele” pensar que o estava chamando. E eu acreditava piamente naquele ser vermelho com chifres e cauda e um tridente na mão.

Antes de prosseguir, no intuito de relembrar os atributos de Deus que foi discutido anteriormente, citemos uma importante questão contida n’O Livro dos Espíritos sobre este assunto:

Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos idéia completa de Seus atributos?

“Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as

quais a vossa linguagem, restrita às vossas idéias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma Lhe faltasse, ou não fosse infinita, já Ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber.”

14

Diante do exposto, estaremos aptos a entender quando Kardec, no livro A Gênese, analisa a questão da existência do demônio a partir dos atributos da divindade.

Seguindo o seu raciocínio, nos vemos diante de uma grande questão: Como um ser infinitamente bom, justo e sábio poderia criar algo que seja mau e injusto? Como isto seria impossível, portanto, o mal que observamos não pode ser proveniente de Deus. Sob esta lógica, caso realmente existisse um ser voltado para o mal Lhe seria igual ou inferior.

Na primeira condição, o Demônio ser igual a Deus, haveria duas potências rivais que estariam em eterna luta, pois

¹⁴ Kardec, A., O Livro dos Espíritos, questão 13.

um estaria sempre tentando desfazer o que o outro houvera feito. Se esta opção fosse verdadeira seria observável a presença das duas existências comandando o Universo, pois não haveria a harmonia e a constância que este revela.

Na segunda condição, do Demônio ser inferior a Deus, então o Demônio lhe estaria subordinado e teria tido um começo. Se não existiu desde a eternidade como Deus, então foi criado e se foi criado então seria uma criação de Deus. Como vimos anteriormente, a criação de um espírito voltado eternamente para o mal seria a negação da bondade Divina, então não poderia ter sido criado por Ele.

Conclui-se que o demônio, diabo, ou seja, um ser voltado exclusivamente para o mal, não existe, sendo apenas uma ficção criada para suprir alguma necessidade.

Ora, se Satanás não existe, conclui-se que o inferno, ou seja, um local como um cárcere exclusivamente voltado para a aplicação de penas eternas também não deverá existir. Portanto, também não existirá o paraíso, conforme é normalmente apresentado, como um local exclusivamente voltado para a felicidade eterna.

O homem se considera o ser superior, pois, no início do 3º milênio, já conquistou tantos feitos extraordinários como a conquista do espaço, máquinas como a tomografia computadorizada, capazes de “fotografar” o interior do nosso

corpo buscando diagnosticar doenças de forma mais precisa; hoje com o avanço da tecnologia é possível de se comunicar com qualquer parte do mundo como se estivessem na mesma sala, trocando informações de todos os níveis, seja falada, visual ou escrita.

Apesar de nos considerarmos seres tão fantásticos, nossa visão ainda é muito restrita, nossos sentidos ainda são restritos e, mesmo com a ajuda de toda a tecnologia disponível, nossa mente capaz de feitos prodigiosos, ainda somos muito limitados para podermos compreender como o universo é concebido, todos os mecanismos que são utilizados na sua manutenção, as leis químicas e físicas que regem o planeta e, acima de tudo, as leis à que a humanidade está sujeita. Não falamos aqui das leis sociais, aquelas que existem para disciplinar o povo no que toca a vida em sociedade, que, por si mesma, é transitória e imperfeita em muitos aspectos.

Apesar disso tudo, ainda vemos pessoas com oportunidade de acesso a todo esse conhecimento acreditando e disseminando estórias que vão contra a lógica e a razão.

Algum tempo atrás, tive oportunidade de presenciar um discurso que contrariava todo o bom senso: Uma pessoa se dirigindo a um grupo de adeptos do Espiritismo, estava a dizer que a prática da caridade não “salva” ninguém, atribuindo

nenhuma importância para a prática de boas obras, e que o único caminho para a “salvação” seria a aceitação de Jesus.

É possível verificar que uma pessoa com esse pensamento, embora se considere Cristã, não consegue conceber a mensagem que o próprio Cristo trouxe e que estão contidas no Novo Testamento. Não é necessário nada além de um pouco de bom senso.

Imaginemos duas pessoas, dois ateus. O Senhor X seria um homem bom, cumpridor de seus deveres sociais, vivia para sua família e, como possuía alguns bens, efetuava mensalmente uma contribuição a um orfanato. Com a sua consciência tranqüila, morreu serenamente e ainda ateu.

A outra personagem da nossa estória seria o Senhor Y, um homem que enriqueceu ilicitamente, aplicando golpes que levaram outras pessoas à falência e ao desespero, sua principal atividade era o estelionato e aplicava tudo o que ganhava em seu benefício próprio. Nos seus momentos finais, como todo aquele que utiliza forma equivocada as aptidões durante a vida, se encontrava no desespero devido ao temor da morte. Diante de alguém que lhe falava de Jesus resolve, naqueles últimos minutos que dispunha, como que para buscar alento, ceder e se declarar “temente” a Deus e a Jesus.

Analisando a estória acima é possível elaborar, dentre outras, a seguinte pergunta: Será que poderíamos acreditar que

o Senhor X iria para o inferno, enquanto o Senhor Y seguiria para o paraíso?

Apesar de não existir muita lógica, infelizmente, ainda é muito corriqueiro este tipo de pensamento, em que se crê em uma “salvação” e de um “salvador”.

Um ponto em comum e de grande importância entre as duas Doutrinas tratadas neste livro é que nenhuma delas se apresenta como “salvadora”, pois o que importa não é a crença que uma pessoa professe, mas sim o seu comportamento durante a vida, não importando, ainda, se é vida física ou no pós-morte.

Segundo estes mesmos ensinamentos, as situações de inferno ou paraíso, no entanto, realmente existem, entretanto, não são apresentados como localidades físicas e eternas, mas estados conscienciais, disposições mentais de harmonia ou desarmonia, pois, como foi observado no estudo do Bardo Thödol e também é apresentado no Espiritismo, o espírito que desencarnou poderá permanecer no próprio ambiente doméstico, consciente ou não da sua morte.

Analisando os pontos discutidos, verifica-se que, como a consciência é uma propriedade intrínseca ao ser humano e que serve como sensor, avisando sobre atos perniciosos, este aviso poderá ocorrer de forma a apresentar alguma disfunção ou desarmonia no organismo, assim como ocorre quando se

exagera na alimentação, por exemplo, casos em que surge uma sensação de mal-estar.

Portanto, quando se atinge um acúmulo elevado de “más ações”, o espírito passa a apresentar um estado psicopatológico. Nesta situação estará instalado o estado consciencial de inferno, a duração neste estado, que poderá ser mais ou menos longa, dependerá do nível de desarmonia atingido. Para se ter uma idéia a respeito disto, em algumas comunicações, espíritos desencarnados relatam que permanecem nestas condições por até centenas de anos.

Analisando os caminho que a humanidade vem trilhando ao longo dos anos, aqueles que não acreditam na sobrevivência da alma e até mesmo quem não acredita na reencarnação nem no que é apresentado por estas duas Doutrinas, seguindo um raciocínio lógico, deveriam concluir que, caso não ocorra uma mudança radical no padrão de comportamento da sociedade, a evolução humana, daqui por diante, muito provavelmente seguirá a teoria da adaptação das espécies, elaborado por Darwin.

Será preciso o desenvolvimento de características necessárias para a continuidade da espécie nas condições futuras do planeta, caso contrário existe grande risco de aniquilamento. Aquelos seres que desenvolvem os caracteres imprescindíveis sobrevivem enquanto que os outros perecem.

Seguindo o rumo atual, seria necessário que a espécie humana desenvolvesse, cada vez mais, instintos agressivos que serão necessários para a sobrevivência em ambiente hostil, em resumo: seria um retorno a bestialidade.

A CRIAÇÃO

Igualmente a outras religiões Cristãs, o Espiritismo prega a existência de um Deus que seria o responsável pela criação, todavia, o termo “criação”, neste caso, possuiria uma conotação diferente.

Na ciência acadêmica, não se considera a participação de um criador quando se estuda um fenômeno qualquer, seria “politicamente” incorreto. É fácil de compreender que não se poderia creditar a forças divinas qualquer coisa para qual ainda não se tenha encontrado uma explicação. Pode-se reconhecer a fragilidade de uma ciência nestas condições. Numa situação como esta, os avanços científicos estariam muito comprometidos e possibilitaria a elaboração de teorias sem o menor cabimento.

Nas pesquisas científicas, inúmeras são as dificuldades de elaboração e isto faz com que se consuma muito tempo desde o início até a conclusão final; todas as possibilidades devem ser estudadas e uma explicação bem embasada deverá

ser elaborada para cada etapa do processo. Muitas pesquisas são descartadas, mesmo após longo tempo de trabalho, quando não se consegue definir um ou mais passos. Portanto, como seria possível definir o que é “obra de Deus” e o que é proveniente de erros de análise ou de projeto?

Caso fosse permitida a inserção de etapas sem as devidas explicações, adicionando ainda o orgulho e a vaidade que são inerentes ao ser humano e, conseqüentemente, nos cientistas também, muitos projetos sairiam da prancheta, isto é, seriam produzidos sem condições ideais de funcionamento que, dependendo da sua gravidade, poderiam conduzir a catástrofes inimagináveis.

Portanto, quando o assunto é o desenvolvimento de uma pesquisa científica, não há lugar para pontos obscuros, sem explicação razoável, pois vidas humanas estão, na grande maioria das vezes, envolvidas. Contudo, um cientista não necessariamente precisa ser um cético.

Todavia, esta abordagem não conduzirá a eterna separação entre ciência acadêmica e religião. Muito pelo contrário, segundo Joanna de Ângelis, os cientistas “se tornam sacerdotes do Espírito e avançam corajosamente ao encontro de

Deus e de Suas Leis” e que “chega lentamente o momento em que Ciência e Religião dar-se-ão as mãos”¹⁵.

São diferentes caminhos que conduzem ao mesmo destino: Deus.

Durante muitos anos perdurou a idéia da Criação como é apresentada no livro Gênesis do Velho Testamento, onde se acredita em uma criação, além de miraculosa, onde tudo surge do nada, apenas pela inflexão da voz divina, e exclusivamente voltada para o planeta Terra. Muitos foram os pensadores que, por pregar uma idéia contrária, foram vítimas da inquisição.

No livro A Gênese, é apresentado uma dissertação acerca da Criação¹⁶; o texto é uma psicografia do médium Camilo Flammarion, cuja autoria é creditada a um espírito chamado Galileu. Este texto está em acordo com a idéia de um Deus criador, mas não da forma como é comumente interpretada.

Pelos ensinamentos da Doutrina Espírita, a idéia de uma criação miraculosa deixa de existir e é substituída por uma outra que estaria mais em acordo com o pensamento científico.

Ao apresentar um espaço de proporções que se estendem ao infinito, as possibilidades não estariam limitadas a

¹⁵ Dias Gloriosos, pg 30.

¹⁶ Kardec, Allan; A Gênese; 37ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1996, cap. VI.

uma região circunscrita, assim, não haveria restrições para a criação. Com isso, firma a idéia de que a extensão do espaço conhecida pela humanidade até os dias de hoje, não significam nada além, na verdade é muito menos, do que uma pequena gota no oceano.

O universo que conhecemos não representaria a totalidade, pois este seria apenas uma pequena parte do todo, significando que o processo da criação existe desde muito antes do seu surgimento.

Esta idéia altera o ângulo de visão, o ser humano deixa de ser o foco central, pois, se este pequeno espaço, relativamente ao todo, surgiu nos últimos bilhões de anos, tudo o que foi realizado anterior e posteriormente são igualmente importantes.

A questão do significado do tempo é outro assunto muito intrigante, costuma-se ter a idéia de que o tempo seria uma dimensão invariável, afinal todos os dias são formados por períodos de 24 horas, o ano seria formado por 365 dias e 6 horas¹⁷ e assim sucessivamente.

Por hora, é preciso ter em mente que esta visão limitada do tempo é decorrente do nível de interação entre o homem e a matéria, o que será discutido mais adiante no próximo capítulo.

¹⁷ As 6 horas que não são computadas anualmente são responsáveis pelos anos bissextos a cada 4 anos.

Contudo, a observação sobre tempo, apresentada no livro A Gênese, é realmente muito interessante e que é transcrita a seguir:

“Tantos mundos na vasta amplidão, quantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a eternidade substitui essas efêmeras sucessões e enche tranqüilamente da sua luz imóvel a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites, tais as duas grandes propriedades da natureza universal.

*“Dentro desta ordem de idéias, fácil nos será conceber que, sendo o tempo apenas a relação das coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se medem, se tomássemos os séculos terrestres por unidade e os empilhássemos aos milhares, para formar um número colossal, esse número nunca representaria mais que um ponto na eternidade, do mesmo modo que milhares de léguas adicionadas a milhares de léguas não dão mais que um ponto na extensão.”*¹⁸

¹⁸ Kardec, A., A Gênese, cap. VI, item 2.

Considerando que a Doutrina foi codificada em meados do século XIX e que, nesta época, as teorias reinantes para a explicação de ocorrência dos fenômenos era aquela que hoje em dia é denominada de Física Clássica e, neste sistema de pensamento, o tempo era considerado como uma dimensão absoluta sem vínculo com o mundo material, é realmente impressionante como foi possível apreender mais exatamente a existência de tempos passando diferentemente nos diferentes mundos pertencente ao cosmos.

Tendo em vista que foi apresentada a idéia da diversidade dos universos e não apenas com relação aos mundos, pode-se concluir que esta afirmação relacionada ao tempo não necessariamente se refere apenas aos mundos, mas também aos diferentes universos. O conceito de tempo como sendo variável, cujos parâmetros dependerão da situação, somente foi apresentado por Albert Einstein nos primeiros anos do século XX.

As questões de tempo e espaço serão discutidas em maiores detalhes no capítulo seguinte.

Similarmente às questões de tempo e espaço, o significado de matéria também foi apresentado com uma conotação diferente.

Naquela época a matéria era considerada como sendo objetos sólidos, indestrutíveis e apresentavam uma existência intrínseca, que são conceitos pertinentes à Física Clássica. Essa idéia corresponde ao que é observável no cotidiano: os blocos de matéria seriam considerados como corpos simples, não sendo possível a sua decomposição, significando que não seriam formados por partes menores, mas com uma estrutura sólida e compacta.

O Espiritismo diz que toda a matéria observável é formada por partes menores e que, inclusive estas, são formadas por partes ainda menores e assim por diante até chegar na substância base de toda ocorrência material, seria a partícula elementar na sua essência.

Olhando ao redor e vendo toda a diversidade existente no planeta, ponderando ainda que existem 105 elementos químicos de ocorrência natural, excluindo aqueles produzidos artificialmente, é difícil de se compreender como um tipo apenas de partícula seria a base de toda matéria existente.

Para melhor compreender o significado disto tudo, imaginemos a partícula base como um tijolo.

Existe uma infinidade de diferentes projetos arquitetônicos, casas são construídas nas mais diversas formas e tamanhos; umas são simples, com traços retos, enquanto outras são mais elaboradas até as grandes mansões. Todas as

casas seriam formadas do mesmo elemento base, que seria o tijolo, as variações ocorreriam apenas pela diferente disposição desta.

A matéria obedece aproximadamente ao mesmo princípio, as variações na disposição da partícula elementar é que dão propriedades diferentes aos diversos corpos. A esta matéria base o Espiritismo denomina de “fluido cósmico” e seria ainda muito menor do que as partículas atualmente conhecidas. Nas palavras do espírito Galileu:

“Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são, de fato, apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.”

“Se se observa tão grande diversidade na matéria, é porque, sendo em número ilimitado as forças que têm presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias

combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas.”¹⁹

Percebe-se, então, que o fator preponderante em atribuir as diferentes características da matéria são as forças que atuam sobre a matéria base.

Da mesma forma que olhando ao redor é possível admirar a diversidade existente, também é possível apreciar que há uma coerência em todas as formações presidindo a ação destas mesmas forças responsáveis pela manutenção dos corpos.

Pode-se supor que caso não houvesse esta coerência na organização da matéria, o estado do globo seria caótico, estaríamos vivendo ainda como nos tempos pré-históricos, pois nunca haveria a possibilidade de se aprender a utilizar os materiais disponíveis. É fácil de compreender que os antepassados do homem viviam em condições primitivas devido à ignorância dos mecanismos de ocorrência dos fenômenos físicos.

Um bom exemplo é o fato de que, desde os primórdios da vida no planeta, era possível observar o fogo pela ação de raios ou combustão espontânea. Todavia, embora pudessem observar o fenômeno, não o compreendiam e, assim, não

¹⁹ Kardec, A., A Gênese, cap. VI, item 3 e 7.

poderiam controlá-lo e usá-lo para seu próprio benefício. O domínio sobre o fogo surgiu com o passar do tempo, o que foi possível apenas pela constância apresentada no mecanismo de ocorrência.

De forma semelhante estaríamos hoje se não houvesse leis regendo a ação das forças responsáveis pela aglutinação do fluido cósmico. Sem a reprodutibilidade de ocorrência dos fenômenos, não seria possível o gradual desenvolvimento do conhecimento através da observação e, conseqüentemente, não seria possível prever o comportamento de certos eventos.

Pode-se, assim, observar a importância da reprodutibilidade dos fenômenos, isto é, a estabilidade do Universo e somente por esse motivo é que a ciência pode se desenvolver. Através da observação e aprendizado é que se torna possível descrever as leis que regem os processos físicos e biológicos.

Como conclusão, poder-se-ia dizer que Deus não criou diretamente o Universo, mas as leis lógicas que regem as forças que agem sobre o fluido cósmico e, conseqüentemente, que regem os fenômenos e que são estas leis que cabe à ciência descobrir. Contudo, isto não significa forçosamente um determinismo rigoroso nos acontecimentos da vida.

Considerando que o processo é evolutivo e que não seria possível estabelecer limites para esta evolução, isto é, não

haveria um ponto máximo passível de ser vislumbrado neste momento em que vivemos, logo, as leis de que falamos não poderão estar limitadas aos fenômenos físicos observáveis, deverão apresentar mecanismos de ação em nível muito superior ao qual a ciência acadêmica estuda atualmente. Podem-se imaginar leis que regeriam as leis materiais.

A física atual entende a participação do indivíduo na ocorrência dos fenômenos. Com a Teoria da Relatividade de Albert Einstein, é possível verificar a íntima relação com o observador, afetando o continuum quadridimensional (espaço-temporal) que será discutido no capítulo seguinte.

Pode-se, então, compreender que deverá haver a possibilidade de ação em nível superior ao de simples observador que, agindo sobre o fluido cósmico, passaria este a atuar como co-criador.

Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se inferir que a consciência interfere, de alguma forma, nos fenômenos, com isso, conclui-se que não seguem um determinismo rigoroso haja vista que o ser humano constantemente altera sua forma de pensar, seus valores, ou seja, seu padrão de pensamento.

É possível relacionar diretamente a consciência com as condições de contorno das imediações. Condições de contorno são as circunstâncias que se deve considerar quando se estuda

ou se atua sobre alguma situação específica, isto é, o âmbito de ação e as ferramentas disponíveis.

Se a consciência do ser humano é passível de sofrer alterações e esta, por sua vez, altera as condições de ocorrência dos fenômenos, forçosamente estes, os fenômenos, serão também alterados, assim, somente é possível de se chegar a uma única conclusão: a impermanência, que é a razão para o trabalho em prol de uma evolução e, ao mesmo tempo, o motivo pelo qual não se deve considerar a morte como o final.

Em Dias Gloriosos, nos capítulos Forças Mentais, Interação Mente-corpo e Energia Mental e Vida Saudável, Joanna de Ângelis enfatiza a ação do pensamento sobre as construções do mundo físico, abordando claramente que esta ação se processa também com relação ao corpo de expressão durante o período como encarnado.

PENSAMENTO

Apesar de não ser disseminada uma idéia definida a respeito do pensamento, é muito comum considerá-lo como algo que ficaria restrito ao crânio da pessoa, que nenhuma influência teria sobre a circunvizinhança, quanto mais uma ação à distância. O ser humano normalmente não despende

tempo ponderando acerca das conseqüências do ato de pensar, por relegar como não tendo ou não sendo merecedor de importância.

Diante de máximas do tipo “perguntar não ofende”, “olhar não tira pedaço” e outras, o indivíduo não considera que para efetuar qualquer ação é essencial elaborar, primeiramente, um processo mental.

A mente humana é permeada por pensamentos dos mais variados tipos e, para o cidadão comum, é impossível manter um estado de atenção sobre determinado assunto durante algum tempo sem ter a mente invadida, literalmente, por pensamentos diversos, sem conexão aparente. Como o planeta ainda se encontra em estados elementares de evolução, a imaginação das pessoas ainda é muito fértil e surgem imagens viciosas com as quais o indivíduo se apraz e as acalenta.

Pelos ensinamentos espíritas, o pensamento possui propriedades muito interessantes.

O fluido, como foi discutido anteriormente, apresenta fenomenal propriedade plástica, o que significa que pode ser moldado com muita facilidade. Para efeito ilustrativo, pode-se imaginar a massa de modelar comercializada em lojas de produtos infantis, voltada para entretenimento de crianças. Esta massa é maleável e, com pequeno esforço, pode tomar a forma que se deseje. O fluido teria um comportamento similar,

facilmente moldável, mas, neste caso, não seria pela utilização das mãos e sim, pela ação mental.

O pensamento e a vontade são considerados de extrema importância no Espiritismo. Várias são as obras literárias que tratam destas questões. É pertinente ressaltar um autor que apresenta considerações consistentes sobre os mecanismos de ação dos processos mentais baseado no conhecimento científico vigente.

O espírito conhecido como André Luis foi, em sua última encarnação, um médico atuando no Estado do Rio de Janeiro, casado e pai de três filhos, desencarnou ainda relativamente jovem. Possuidor de bons conhecimentos científicos e com grande capacidade de observação, se apresenta em seus livros, não na condição de espírito elevado, mas como humilde aprendiz. Os principais livros de sua autoria são basicamente relatos de suas vivências de reajustamento e aprendizado no mundo espiritual, transcrevendo, também, os principais ensinamentos e palestras proferidas por espíritos em posição hierarquicamente superior a sua.

Seus livros foram escritos, principalmente, pela psicografia do médium Francisco Candido Xavier.

Chico Xavier, como é comumente conhecido, foi um famoso médium brasileiro, nasceu em 1910 e desencarnou em 2002; foi eleito o Mineiro do Século XX e é considerado um

dos maiores expoentes do Espiritismo mundial, devotando uma vida inteira para a divulgação de lições evangélicas e a prática da caridade. Através de sua capacidade mediúnica, foram escritos mais de 400 livros de diversos autores espirituais, muitos deles traduzidos em vários idiomas, todos relacionados ao Espiritismo.

De acordo com André Luis²⁰, espíritos de uma ordem extremamente elevada são os responsáveis pelo surgimento dos planetas, galáxias, etc. Estes seres seriam prepostos do próprio Deus, trabalhando sob os seus desígnios. O processo da criação seria uma ação puramente mental, destes espíritos, sobre o fluido cósmico, sendo condensado para a formação dos orbes. Todavia, este processo seguiria leis específicas, não sendo completamente livres de diretrizes. Estas regras predeterminadas estabeleceriam a harmonia e a unidade do cosmo.

Segundo a sua explicação, as irradiações provenientes da mente, que seriam comparáveis a ondas eletromagnéticas, seriam responsáveis por promoverem a aglutinação da matéria base, isto é, promoveriam uma força de atração que, reduzindo as distâncias entre as partículas, acarretaria a formação de conglomerados. Em determinado momento daria o surgimento

²⁰ André Luis, *Evolução em Dois Mundos*, psicografia de Xavier, F. C., Vieira, W., FEB, 15ª. edição, 1994, cap. I.

dos átomos, que, por sua vez, sob o impulso desta mesma força, produziriam as moléculas e estas, por fim, formariam os corpos materiais.

Vemos, aqui, a necessidade de um breve esclarecimento sobre o que seriam ondas eletromagnéticas.

Para começar o entendimento, pode-se dizer que tudo na Natureza é “energia” e que esta energia se propaga na forma de ondas, exatamente como ocorre no mar quando a energia liberada das suas profundezas ou cedidas pelo vento se propaga até a praia através das tão adoradas, cantadas em verso e prosa, ondas do mar.

Imaginemos, agora, um lago de águas mansas, nenhuma brisa presente, quando alguém, displicentemente, atira uma pequena pedra nas águas deste lago, dando origem a uma série de ondas circulares cujo nascedouro é exatamente o ponto onde a pedra caiu. Cada onda se propaga até sua energia ser completamente dissipada.

Vibração, agitação, inquietação são formas de expressar a exteriorização de energia, sendo assim, todas essas formas produzem ondas.

As ondas eletromagnéticas, por sua vez, são compostas por duas ondas interdependentes e transversais, uma de campo elétrico e outra de campo magnético, sendo que uma não pode existir sem a outra. Podem propagar-se na ausência de meio

físico material, o vácuo, por exemplo. Tanto o campo elétrico quanto o magnético são perpendiculares à direção de deslocamento da onda e viajam em linha reta à velocidade constante de, aproximadamente, 300.000 km/s, que é a velocidade da luz²¹.

As ondas eletromagnéticas apresentam sempre a mesma composição e são diferenciadas pela frequência de vibração, portanto, a luz, o calor, ondas de rádio, de televisão, raios X, etc, são exteriorizações destas ondas, com diferentes frequências.

A Figura 3 é uma representação esquemática da propagação de uma onda eletromagnética.

²¹ O valor considerado como real da velocidade da luz no vácuo é 299792458m/s, mas, para simplificação, usaremos ao longo do texto o valor de 300000km/s.

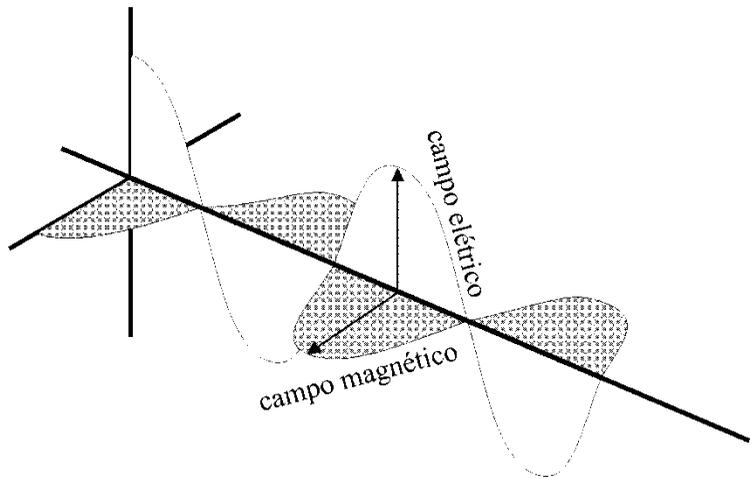


Figura 3.

Representação esquemática de uma onda eletromagnética.

Voltando ao assunto, o Antigo Testamento apresenta a obra da criação como sendo realizada pela vontade de Deus, que nada mais seria do que a concretização do seu pensamento.

Analisando ambas teorias, a que foi apresentada anteriormente e esta última, verifica-se que seguem mecanismos similares: a impulsão da vontade proporciona o surgimento de corpos sólidos gigantesco, como os planetas, por exemplo. Diferem, no entanto, em alguns pontos.

Segundo o Antigo Testamento, a criação se dá de forma milagrosa, o planeta Terra surgiria do nada, juntamente com os

reinos animal e vegetal. Deve-se considerar que tal descrição surgiu à cerca de quatro mil anos atrás, uma época em que não havia conhecimento suficiente para explicações mais elaboradas.

Na versão apresentada pelo Espiritismo, já não haveria o cunho de milagre, mas oriundas de uma matéria base presente em todo o Universo, segundo regras bem definidas, originando as leis físicas e químicas que regem todos os fenômenos.

O importante é que esta versão não contraria as considerações da ciência acerca do surgimento do universo e, como foi visto, em sua essência, tampouco o Antigo Testamento.

A teoria científica sobre o surgimento do Universo considera que toda a matéria se encontrava localizada em um ponto somente, até que, em determinado momento houve uma explosão, denominado de “Big Bang”, dando início ao surgimento de toda essa infinidade de planetas, formando um complexo de sistemas solares que, por sua vez, compõem conglomerados, ainda maiores, as galáxias.

A primeira vista, pode ser difícil de acreditar na manipulação de matéria, mesmo que esta seja sutil, utilizando apenas o pensamento, mas se meditarmos a respeito da versão científica para o surgimento do Universo, poderemos verificar

que não é menos estrambótico e ainda restam muitas questões não respondidas.

Um ponto principal é que não se tem uma explicação plausível sobre a origem da massa de matéria existente no momento da criação do Universo. É certo que elaboraram a idéia do “Big Crunch” que é o oposto do seu “primo” “Big Bang” mas, contudo, ainda não respondeu a questão em sua essência.

Todavia, todas essas considerações são válidas não apenas para as grandes obras da criação, mas também para as pequenas que são levadas a cabo no dia-a-dia. O mais importante, contudo, seria o próprio corpo biológico utilizado para vivenciar, na matéria, todas as experiências necessárias para a evolução. Partindo deste princípio, poder-se-ia ressaltar que estados de saúde ou enfermidade dependerão do estado mental.

Atualmente é difundida, no meio médico, a idéia de doenças psicossomáticas, que seria a exteriorização, no corpo físico, os estados mentais de desarmonia.

Joanna de Ângelis, em toda a sua obra literária, apresenta largo estudo sobre este assunto, apresentando a natureza do problema, bem como os mecanismos para se buscar melhores condições de saúde física e mental.

Considerando, então, esta nova visão sobre o pensamento e sua atuação, inclusive sobre os fenômenos materiais, pode-se chegar à conclusão de uma ausência de existência inerente, pois nada possui uma realidade intrínseca, independente de outros fatores. Todas as situações serão dependentes da ação mental a que esteja submetido. Portanto, esta seria a reapresentação da doutrina da vacuidade, exposta sob outra forma.

Percebe-se a inter-relação entre o mundo em que se vive e o ser nele vivente, pois seria impossível separar um do outro.

Considerando que o pensamento participa nos fenômenos materiais, com muito mais propriedade interferirá nos fenômenos psíquicos das outras criaturas, formando uma teia, onde cada ser é participante ativo. Não seria possível considerar a idéia do observador isolado, sem participação naquilo que observa. Em resumo: todo e qualquer indivíduo atua física e/ou psiquicamente sobre os outros integrantes da rede e também no espaço em que vive.

Sobre esta perspectiva, é possível reconhecer a nossa participação e influência que todos temos nos acontecimentos mundiais.

Estamos vivenciando momentos críticos na história do planeta, o homem está, deliberadamente, aniquilando paulatinamente as condições de habitabilidade. O poderio

econômico tem a capacidade de obscurecer a mente de pessoas sensatas que ocupam cargos de relevância para a condução do destino do globo.

Com o pensamento fixo em amealhar bens, em proporções que não podem nem usufruir, pensando apenas em termos de conta bancária, esquecem dos seus deveres familiares e sociais.

Devido à sua ausência no seio familiar, os jovens crescem sem a devida orientação, seguindo o exemplo que lhe foi dado desde pequeno, nesta situação, são vítimas das viciações que atualmente estão facilmente acessíveis por qualquer um.

Assim, parte do dinheiro ganho será destinada ao tratamento em clínicas especializadas.

Muito se fala no problema do narcotráfico e o uso de alucinógenos e na dificuldade de combate a este crime que conduz muitos jovens e crianças as profundezas do vício. Talvez estejam sendo utilizadas as armas erradas para esta luta.

Sob a ótica do sistema financeiro que vigora na atualidade, o capitalismo, até mesmo o mais leigo no assunto sabe que é necessário haver compradores em qualquer negócio de venda, caso contrário não haverá outro caminho que não seja a falência. Está é a lei do mercado e ponto fundamental

que é preciso atrair os fregueses, haja vista o quanto se gasta com propaganda.

Diante disto, se pode concluir que para por um fim a venda de drogas é preciso que não haja compradores deste produto. É necessário o esclarecimento massivo sobre as conseqüências do uso de tóxicos, suprir as necessidades afetivas, proporcionar um convívio familiar sadio juntamente com demonstração de civilidade por parte dos adultos que tem uma grande influência sobre os jovens.

A criança e o adolescente não necessitam apenas de condições materiais confortáveis, eles precisam de um lar.

Portanto, pode-se observar que esta tarefa não pertence apenas a políticos e dirigentes, todos tem uma grande parcela de responsabilidade.

Uma observação mais atenta é capaz de demonstrar a força da população junto aos grandes impérios destinados ao consumo, que estão sempre prontos a se adaptar às mudanças de comportamento da sociedade, pois estas potências não são tão sólidas quanto parecem, são altamente dependentes de pessoas que não se dão conta do poder de transformação que detém.

É preciso a conscientização da capacidade que todos tem de atuar no cenário da vida e, conseqüentemente, da morte.

A atitude mental pode influenciar todos os aspectos da humanidade, basta a decisão firme em usá-la de forma útil.

DOENÇAS E CURAS

O ser humano apresenta uma tendência fatalista, gostamos sempre de ter condições de prever as implicações de atos ou decisões a serem tomadas. É inegável que esta seria uma situação ótima, perfeita. Seria como se tivéssemos ao nosso dispor um computador mágico no qual forneceríamos como dado de entrada as possibilidades que se mostram possíveis em determinado momento e, como resposta, sairia os efeitos detalhados de cada uma das opções disponíveis.

Em tal situação as possibilidades de fracasso seriam, se não completamente anuladas, pelo menos minimizadas em grau muito elevado.

Mas a vida não funciona desta forma. Estamos expostos às situações para escolhermos o caminho, sem saber exatamente aonde vai nos levar.

Todavia, em muitas circunstâncias a previsão é possível. Quando enveredamos por caminhos tortuosos ou utilizamos meios escusos, com certeza, a probabilidade de haver prejuízos é muito grande.

Um exemplo que não deixa dúvidas é quando alguém decide experimentar algum tipo de tóxico. Esta decisão pode ser por mera curiosidade devido a uma propaganda atrativa, a qual promete benefícios falsos, pois todos os efeitos são altamente perniciosos apesar de, inicialmente, aparentar uma certa liberdade e possibilidade de se desvencilhar dos problemas.

Infelizmente, neste caso, não existe a possibilidade de experimentar apenas, sem maiores conseqüências, pois estas drogas apresentam alta capacidade de viciar, tanto que desde o primeiro uso já tem início o processo. Muitos podem não continuar com seu uso, mas ocorreram efeitos devido àquela experiência: alguns neurônios não podem mais ser computado entre os vivos, isto é, eles morreram e não serão mais substituídos.

Os neurônios são células que não se reproduzem, portanto, não são substituídos por outros. Como normalmente, com o passar dos anos, ocorre uma grande diminuição da quantidade destas células no indivíduo, é preciso poupá-los ao invés de desperdiçá-los. Da mesma forma que se procura economizar algum dinheiro, pagando um fundo de pensão ou algo parecido, para que se disponha de certa condição financeira quando atingir uma idade mais avançada, deve-se também economizar neurônios, não gastando demais durante a

vida e se tenha em reserva para manter uma condição de vida mais sadia, com consciência, durante a velhice.

Uma das intenções deste livro é salientar que muito do que diz respeito ao ser humano são processos dinâmicos, podendo ocorrer alterações de percurso a qualquer momento, o que dependerá principalmente da condição mental do indivíduo. Não importa qual seja a presente situação, sempre será possível melhorar ou piorar o quadro.

Este conceito é muito importante para a nossa vida. Temos a tendência de considerar as mudanças como sendo muito difíceis e, até mesmo, impossíveis, mas não é verdade.

As idéias pré-concebidas são um grande inimigo para a humanidade, pois obscurecem nossas mentes, impedindo que vislumbremos um futuro melhor quando estamos em uma situação desagradável ou, até mesmo, um futuro pior, quando esta é confortável. Este modo de pensar é muito comum nos jovens e teima em permanecer, com menor intensidade, na idade adulta. Como diz a música:

*“When I was young,
I never needed anyone...
Those days are gone...”*

Cada pessoa é um universo por si só, não deixando de haver, é óbvio, muitos pontos em comum, seguindo tendências de comportamento. É baseado nestas tendências que todo estudo antropológico e sociológico é realizado.

Muito propriamente, Jung, em seu estudo intitulado *Presente e Futuro*²², coloca a questão da elaboração de parâmetros utilizando métodos estatísticos, isto é, um grupo do objeto de estudo é analisado e, partindo das características comuns, desenvolve-se toda uma teoria e são definidos os parâmetros para serem aplicados a indivíduos isolados.

Nestes processos, é comum que parâmetros individuais que se encontrem fora do comportamento médio seja descartado, o que é procedimento muito utilizado no meio científico, sendo aplicado à análise do comportamento de determinados fenômenos.

Para maiores esclarecimentos da idéia, utilizaremos o mesmo exemplo dado por Jung no supracitado livro.

Se o caso em estudo sejam as pedras no fundo de um rio e o parâmetro a ser definido seja seu peso, o processo estatístico deverá contar da pesagem de um grande número de

²² C.G. Jung, *Presente e Futuro*, 4ª. edição, Editora Vozes.

pedras retiradas da mesma área, o que é denominado de amostragem²³.

Após a pesagem de todos os elementos selecionados, é possível calcular o valor médio para o peso, que seria igual a soma de todos os valores obtidos dividido pelo número de pedras que foram pesadas. Este valor médio fornece a informação do tamanho de pedras que apresentará maior probabilidade de ser encontrada. Isto é, se retirarmos uma pedra do rio, a expectativa será desta ser de dimensões muito próximas do valor médio, mas muito dificilmente será exatamente igual e poderá até ocorrer de ser completamente diferente, podendo ser muito maior ou menor.

Estudos estatísticos são muito úteis para se estudar o comportamento de determinado fenômeno com uma grande abrangência, mas nunca para se estudar fenômenos isolados, a não ser apenas como um ponto de partida, uma referência.

Existe uma anedota no meio científico que diz que um caçador, ao vislumbrar um coelho, dispara sua espingarda e o projétil passa a 50 centímetros à direita do alvo; o caçador dispara novamente, tentando corrigir o tiro, e, desta vez, o projétil passa a 50 centímetros à esquerda do alvo. Diz-se, então, que, na média, o caçador matou o coelho.

²³ Seleção de um grupo de elementos considerados como sendo representativo do todo.

Jung disserta sobre esta questão. Diz que o efeito psicológico desta forma de encarar o mundo, isto é, como composto apenas de fenômenos estatísticos e assim ser analisado leva as pessoas a perderem a identidade própria, reprimindo a sua individualidade, podendo ser muito pernicioso.

Este tipo de consideração pode ser reconhecido mais acentuadamente nas decisões sobre declaração de uma guerra. Àquele que cabe a decisão ponderará sobre os diferentes cenários possíveis, elaborados pelos estrategistas. Nas diferentes possibilidades possíveis é estimado o número de baixas, isto é, quantos de seus soldados serão mortos durante a batalha, sendo que, previamente, foi definido o número considerado como aceitável. Comparando-se estes dois valores, o número previsto e o aceitável, declarar-se-á ou não a guerra.

Com certeza, nestas ocasiões, são realizados estudos complexos sobre a viabilidade e a possibilidade de vitória, não deixando muitas dúvidas com relação ao resultado. Contudo algumas questões não serão respondidas, pelo menos satisfatoriamente:

- 1) Será que estes estudos serão aceitáveis para a criança que se tornou órfã, a esposa que ficou viúva, os pais que perderam

o filho, porque seu pai, marido, filho fazia parte da estatística dos que perderiam a vida?

2) Será a dor menos intensa?

3) E para aqueles que foram agredidos, será válido o revide?

Em uma luta qualquer, entre indivíduos ou nações, analisando a situação mais profundamente, podemos concluir que quando se opte pelo combate nos casos em que se esteja em desvantagem, certamente será derrotado, e, então, sabendo disso previamente, não deixaria de ser considerado um suicídio; em caso contrário, sendo sabedor de sua superioridade, somente pode ser qualificado de assassinato premeditado.

No livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XII, sob o título Amai os Vossos Inimigos, esta questão foi muito bem abordada. Todos os capítulos deste livro são baseados nos ensinamentos de Jesus, iniciando com uma passagem ou parábola do Novo Testamento seguido de explicações. Em cada capítulo encontram-se algumas instruções dadas pelos Espíritos responsáveis pela codificação do Espiritismo, sobre vários temas relacionados com o assunto. Neste capítulo, em particular, foram dissertados temas como a

vingança, o ódio e o duelo, onde há explicações muito claras a respeito do assunto. Abaixo se encontra o ensinamento como foi ministrado por Jesus:

Aprendestes que foi dito: “Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos.” Eu, porém, vos digo: “Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus e que faz se levante o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. - Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?”

Mateus, cap. V, vv. 43 a 47²⁴

Tal colocação pode até parecer uma utopia, uma idéia dos hippies nos anos 70, quando o slogan da moda era “Paz e Amor”.

²⁴ A. Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, pg. 197, 112^a. edição, FEB, 1996.

A maioria esmagadora vive o dia sem pensar ou considerar a existência de um futuro. Tal comportamento é uma incoerência tanto para os que crêem no ciclo de existências como as doutrinas budista e espírita quanto para os que não acreditam. É fácil de compreender o porquê isto ocorre.

Primeiramente, para aqueles que crêem na reencarnação, não cuidar do planeta ou trabalhar em prol de uma sociedade melhor, mais humana, significa que em uma próxima encarnação este indivíduo se encontrará em um planeta poluído, mal tratado, efeito estufa, inúmeros animais em extinção e tudo o mais, e, ao mesmo tempo, encontrará uma sociedade corrompida, violenta e desumana.

De forma semelhante, aqueles que não crêem em existências sucessivas devem considerar a perpetuação da família. Não conseguem ver que aquilo que cultivam hoje será o legado deixado para seus filhos e netos. Estas mesmas pessoas são capazes de se desesperar e se revoltar quando algo ocorre com um ente querido sem nem serem capazes de perceber a sua contribuição para que tal fato ocorresse.

É difícil de determinar em qual situação a incoerência é maior. Contudo, existem considerações sobre o inter-relacionamento entre eventos, entre as pessoas e entre eventos e pessoas, como é apresentado tanto na doutrina budista quanto na espírita.

Voltando ao estudo de Jung, ele enfoca as formas de governo ditatoriais, onde o povo é subjugado pela figura do Estado, que passa a gerenciar a vida da população.

Analisando o que ocorre atualmente nas sociedades, inclusive aquelas que se encontram sob o governo da denominada democracia, pode-se observar que a população se deixa dominar pelas idéias que são embutidas, paulatinamente. Existem ditadores com pele de cordeiro.

O indivíduo, diante de um mundo “globalizado” em que figura apenas como mais um no meio da multidão, inibe a sua individualidade para tentar acompanhar a “onda” que arrasta tudo o que se encontra no caminho. Nesta situação, a noção do certo e do errado se confundem, perde parte do discernimento acreditando que deve seguir com a maioria para poder ser aceito, numa busca frenética em que o “ser” deixa de ter importância e que surgem o “ter” e o “parecer” como tudo o que possa interessar.

Quando alguém que é considerado como “formador de opinião” lança uma moda qualquer, sem necessariamente ser de bom gosto ou de um mínimo de nível intelectual, a massa tende a se comportar daquela forma, de acordo com o modismo lançado.

Este comportamento é muito semelhante ao que ocorre quando um grupo de carneiros sai em disparada pela porta do

curral, se ocorre de um deles saltar um obstáculo imaginário, vários outros que o estarão seguindo também saltarão da mesma forma.

É possível observar este comportamento nos motoristas, quando o motorista do veículo que se encontra na frente desvia de algo que imaginou haver, os outros que o seguem, em não conseguindo perceber algo, tende a realizar a mesma manobra, mesmo sem saber o porquê.

Surgem, então, alguns questionamentos: Será que o comportamento atual é característico de indivíduos que exercem a própria vontade? Ou será um comportamento de marionetes? Analisando a situação de forma destacada, isto é, isentando-se do envolvimento que se tem com seus próprios atos, será que alguém é capaz de se considerar realmente livre?

É fácil de observar indivíduos bradando uma liberdade que na realidade não existe.

Desde o fim do regime militar, quando a democracia foi instalada no país, é possível observar uma crescente onda de culto a liberdade. Sob este subterfúgio, a sociedade busca uma forma de se libertar das responsabilidades, para usufruir o desregramento. É preciso que cada um faça uma análise daquilo que realmente deseja.

A grande maioria quer a liberdade para não fazer nada, usufruir os prazeres disponíveis, poder divertir-se a qualquer

momento e sem hora determinada tanto para início quanto para o término, não importando se este divertimento irá prejudicar ou perturbar a outrem.

A verdadeira liberdade somente poderá ser atingida quando todos a desejarem para todos e não apenas para si próprio.

A sociedade atual crê em uma liberdade fictícia e, com isso, vive em grande desregramento, acreditando ser este o significado da palavra “liberdade”.

Na verdade somos altamente influenciáveis ao que nos é apresentado, principalmente através dos meios de comunicação, que é um grande meio de formação de opinião. A influência é tamanha que músicas sem o menor senso de arte ou de ridículo são veiculadas como sendo a “nova onda” e são cantaroladas em massa.

Vemos grupos executando “passos de dança” inventados por estas mesmas pessoas, uma pura repetição de movimentos, às vezes desconexos, sem utilização de criatividade ou toque individual. São cenas beirando o grotesco. Observa-se uma massificação da frivolidade.

É preciso buscar a liberdade de pensamento e não ficar preso a idéias embutidas.

Talvez, o que esteja faltando à sociedade atual, especialmente nos grandes centros, são limites para as nossas atitudes.

Os adultos de hoje, tendo vivenciado uma época pré-democracia e tendo lutado e ansiado tanto por ela, sendo os adolescentes da era “hippie”, acreditam num efeito negativo da imposição de limites, se tornando responsáveis condescendentes. Talvez seja uma concepção errônea...

Com o intuito de compreender a situação de uma forma mais analítica e isenta, é válido adentrar um pouco mais nos estudos de Jung, especialmente em seu discurso intitulado AION – Estudo sobre o Simbolismo do Si-mesmo²⁵.

Neste texto o ego foi definido como:

*“... fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este o fator que constitui como que o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o eu é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa”.*²⁶

²⁵ C. G. Jung, AION – Estudo sobre o Simbolismo do Si-mesmo, Editora Vozes, 2000.

²⁶ Idem, pg 1.

Quando Jung diz que o ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa, implica que existe uma grande responsabilidade deste fator em todas as atitudes do indivíduo. Assim, como termo de comparação, quando dizemos que as pernas são as responsáveis pela locomoção estamos inferindo que, devido a esta importante função, é preciso cuidar para que estejam sempre prontas a realizá-la devidamente.

Quando, devido a uma circunstância qualquer, o indivíduo é impossibilitado de usar suas pernas, medidas reparatórias deverão ser tomadas para mitigar seus efeitos, contudo, sempre haverá limitações.

De forma semelhante, quando o ego não está adequado aos atos que devem ser tomados diante das circunstâncias corriqueiras que surgem na vida de qualquer pessoa, surgirão, então, conflitos internos ao indivíduo e deste com o meio que o cerca. São causas geradoras de desarmonias.

Jung coloca que o ego surgiria com a ocorrência de um embate do corpo somático com o mundo exterior e, após o seu surgimento, seu desenvolvimento estaria atrelado com embates subseqüentes, tanto com o mundo exterior quanto com o mundo interior. Estes embates são os conflitos, angústias e contrariedades vivenciadas durante a vida. Portanto, pode-se concluir que certa dose destes embates é fundamental para o

desenvolvimento do indivíduo, para que se torne uma pessoa saudável e adaptada ao meio em que vive.

Contudo, como Buda assim instruiu em seu primeiro sermão após a sua iluminação quando apresentou o caminho do meio, é preciso encontrar um ponto adequado, sem tender nem para a completa castração do indivíduo, podendo toda a espontaneidade, nem, tampouco, a completa liberdade e superprotecionismo. Ambas as situações seriam altamente perniciosas.

Considerar a influência da psique na ocorrência de moléstias no corpo somático é uma abordagem moderna, que enxerga o homem como um todo, considerando outros fatores influenciando o organismo além de meramente fenômenos bioquímicos. Neste ponto de vista, é imprescindível a consideração da ação que o pensamento exerce sobre o organismo vivo.

A visão no tratamento médico convencional é baseada em uma abordagem na qual procura normalizar o mal, consistindo em controlar, através da fomentação ou inibição, a produção e/ou liberação de substâncias químicas do/no órgão sem, com isso, tratar a causa da anomalia ou disfunção.

Não está se tentando questionar a participação da medicina na manutenção da saúde do indivíduo, pois isto é um fato inegável que não se tem o mínimo interesse de negar,

muito pelo contrário, a idéia principal seria aliar o conceito de que fatores mentais influem nos estados de saúde ou doença ao aconselhamento médico para, assim, obter resultados mais efetivos e mais rápidos.

Contudo, devemos lembrar que medicinas ditas “alternativas”, como a homeopatia e acupuntura, trabalham também com as condições emocionais de seus pacientes no tratamento das moléstias. Todavia, é preciso salientar que existe um sem número de práticas, também rotuladas de “alternativa”, mas que não apresentam resultados, podendo tratar-se de um engodo. É preciso estar sempre atento e obter o maior número de informação possível sobre qualquer prática antes de adotá-la.

Sob um ponto de vista espiritual, pode-se dizer que são os estados do espírito, que se traduz em padrão comportamental e mental, que regem a liberação das substâncias químicas no organismo enquanto que, sob a ótica materialista, seriam a liberação destas mesmas substâncias que regeriam o estado mental do ser.

Em qualquer caso que se acredite, é possível chegar ao consenso de que, como foi dito anteriormente, a liberação de substâncias químicas é controlada pelas células que, por sua vez, são controladas pela mente do ser. Havendo ou não

espírito, a consciência é que tem o papel principal na direção do organismo.

Fica evidente que não se poderia atribuir às células a responsabilidade de conduzir organismos complexos quanto um corpo, seja animal ou humano, pois não teriam condições intelectuais para tanto.

Muitos consideram que a crença em Deus, um ser superior responsável pela criação de tudo e de todos, não passa de estória para crianças. Porém, mais pueril do que esta possa parecer, seria a crença de que seres básicos da existência viva, como as células, detenham o controle sobre as nossas vidas.

Doutrinas elevadas devem sempre trazer ensinamentos que possuam algum tipo de finalidade prática, o exercício mental pura e simplesmente é de grande importância para a evolução e desenvolvimento da compreensão de temas abstratos, que elevam o ser acima da matéria, contudo não basta por si só, ainda vivemos em um mundo material e necessitamos de orientação sobre questões de ambos os mundos. Sob este prisma é que se deve analisar toda informação, mesmo aquelas de mundo religioso.

Um outro ponto importante é que toda religião deverá sempre buscar o bem estar do indivíduo e daqueles que o cercam. Deve-se, então, duvidar de todas aquelas que, sob uma análise racional, apresentem algum desvio desta meta.

Considerando a afirmativa acima, é justo então supor que qualquer seita que promova qualquer tipo de preconceito, inclusive o religioso, forçosamente estará fomentando um tipo de mal estar para com outras pessoas, fugindo, assim, da sua finalidade principal, e por isso, deverá ser evitada.

Se todas as crenças se preocuparem com o bem estar alheio, o mundo seria mais pacífico, com as diferenças religiosas suprimindo as necessidades básicas de cada um.

Embora possa parecer tendencioso, a condição de mais fácil compreensão é a crença na existência de algo pré-existindo e sobrevivendo ao corpo, tendo aí, a origem das desarmonias que originariam o mau funcionamento de funções biológicas do organismo, desarmonias estas ainda inerentes à condição evolutiva da humanidade terrestre.

É preciso encarar o organismo humano como um conjunto energético, fluindo por todo o corpo e, neste fluxo, viajam as mais variadas informações para as células, orientando o seu comportamento, responsáveis pela liberação de inúmeras substâncias químicas. Esta idéia é bem clara quando Kardec, seguindo o raciocínio das informações recebidas dos espíritos, diz que:

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

1º - o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º - a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação;

3º - o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.²⁷

Neste sentido, para melhor compreensão, é importante esclarecer o que seja “perispírito”.

Relembrando o que foi dito sob o item “Pensamento”, seriam as irradiações mentais, atuando sobre o fluido, as responsáveis pela criação de corpos materiais. Os organismos vivos não deixam de ser constituídos de matéria; o perispírito, como dito acima, também é matéria (substância semimaterial - pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea²⁸). Portanto, tanto o corpo físico quanto o perispírito são matéria, mas em estados diferentes.

Conclui-se, então, que ambos o perispírito e o corpo físico são criados pelas emanções mentais do espírito,

²⁷ A. Kardec, O Livro dos Espíritos, pg. 104-105, 76ª. Edição, FEB, 1995.

²⁸ A. Kardec, A Gênese, pg. 213-214, 36ª. Edição, FEB, 1995.

servindo o primeiro de molde para o segundo, como representado no esquema a seguir, na Figura 4.

A idéia da existência de uma espécie de molde para a formação do corpo físico é muito interessante, além de servir como meio de comunicação do ser pensante com as diferentes partes do organismo vivo.

Nesta concepção, fica mais claro e mais acentuado o inter-relacionamento do padrão mental com estados de saúde ou doença do indivíduo.

Na trindade espírito, perispírito e corpo físico, o espírito presidiria a formação do perispírito, e este, serviria de molde para a formação do corpo carnal. Atribuindo-se uma escala hierárquica comparativamente a uma indústria do planeta, pode-se dizer que o espírito seria o presidente, o perispírito seria o diretor e o corpo físico seria o operário.

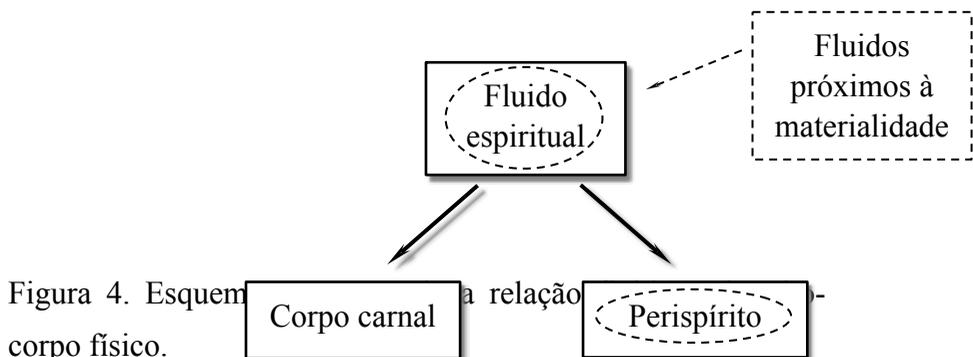


Figura 4. Esquem

a relação

corp

o físico.

Similarmente ao presidente de uma indústria, que atif

o posto através de seu próprio

medida que adquire experiência

elaborado paulatinamente atra

vivenciadas ao longo da existência do espírito.

Matéria em estados

ando degrau

o perispírit

is experiênc

Condensação dos fluidos espirituais em torno de um foco de inteligência

Esta relação é representada esquematicamente na Figura 5.

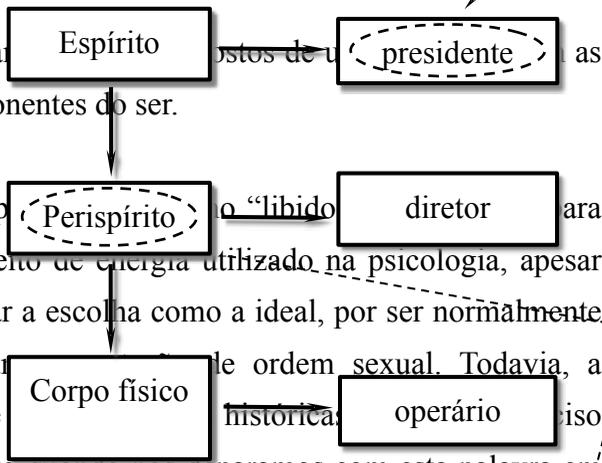
Uma visão energética dos fenômenos psíquicos não é exclusiva do Espiritismo. Jung, no seu livro *A Energia Psíquica*, publicado pela primeira vez em 1928, elabora todo um estudo sobre esta possibilidade, fazendo referência a diversos outros estudiosos, tanto seus contemporâneos quanto anteriores a ele, como é possível perceber no seguinte trecho:

*“A expressão ‘energia psíquica’ vem sendo usada já desde muito tempo. Encontramo-la já em Schiller. Também é empregada por Von Grot e Th. Lipps.”*²⁹

As referências que Jung citou datam de 1795, 1898 e 1906, respectivamente. Sob esse prisma, uma ampla gama de considerações pode ser elaborada para o entendimento do ser humano, inclusive dos processos evolutivos e de adaptabilidade.

²⁹ C. G. Jung, *A Energia Psíquica*, 7ª. Edição, Editora Vozes, 1999, pg. 14.

Figura 5. Comparação



atinge o posto através de seu próprio esforço, galgando degraus à medida que adquire experiências

Jung propôs

o “libido”

para

designar o conceito de energia utilizada na psicologia, apesar de não considerar a escolha como a ideal, por ser normalmente utilizada com um propósito de ordem sexual. Todavia, a proposta se deve

estar muito atento quando nos deparamos com esta palavra em estudos de psicologia, especialmente nos que seguem o padrão “junguiano”, para não incorrer em erros

elaborado paulatinamente através das várias experiências, tanto na esfera espiritual quanto na carnal.

Contudo, para maiores esclarecimentos sobre quaisquer controvérsias, não estamos

psíquica com uma tentativa de induzir o leitor a acreditar que as idéias de Jung sobre este assunto seriam de uma influência mútua entre mente e corpo. Nosso intuito é de apenas salientar que os fenômenos psíquicos não são uma abstração, algo

imponderável, mas ressaltar o processo dinâmico que é. O autor supracitado expõe sua opinião muito claramente quando diz:

*“Neste ponto, devo prevenir um possível mal-entendido. Quero dizer que não tenho a mínima intenção de entrar, neste estudo, na discussão da controvertida questão do paralelismo psicofísico e da interação entre corpo e alma. Essas teorias não passam de especulação...”*³⁰

É interessante ressaltar ainda, que a opinião de Jung com relação à energia psíquica, ou libido, seria semelhante à concepção da física sobre “energia”; afirma que tal correspondência somente não é possível por ainda não haver experimentos capazes de confirmações a este respeito, isto é, não existem provas científicas desta suposta equivalência.

É possível verificar que tais idéias são compatíveis com o que foi visto anteriormente, principalmente no estudo intitulado “O Pensamento”.

Ainda no mesmo livro, Jung traça comentários sobre a evolução. Para se conceber um processo evolutivo, seja ele de

³⁰ idem, pg 16.

que espécie for, é preciso ter a idéia associada de que o sistema que evolui necessariamente sofrerá transformações, que pode ser traduzido em mutabilidade ou impermanência.

Conjugando a idéia de evolução com a da libido, pressupõe-se a existência de uma diferença em níveis energéticos entre o estado anterior e o posterior a uma etapa qualquer do processo de desenvolvimento.

Quando parte de um sistema apresenta um nível energético superior às outras partes, haverá uma tendência de se estabelecer um nivelamento, isto é, a energia fluirá dos pontos de níveis mais altos para os mais baixos até atingir valores iguais.

Sob este prisma, é fácil de entender que o estado resultante será de nível, energeticamente falando, superior ao inicial, assim também, é possível compreender que, quanto maior for a diferença inicial, mais alto será o nível final. Conseqüentemente, encontrando o sistema em um nível alto, mais difícil será alterá-lo, ou seja, estará em um estado mais estável quando comparado com o meio em que se encontra.

É muito interessante que esta teoria pode ser extrapolada para a nossa vida. O próprio Jung observou que quando superam conflitos, as pessoas se tornam mais seguras; diz ainda que quanto mais penoso o conflito superado, maior será a segurança e mais intensa a paz do indivíduo e,

conseqüentemente, mais difícil será alterar este estado de harmonia alcançado.

Sob este aspecto a Doutrina Espírita traz o ensinamento sobre o sofrimento, que é apresentado como algo ainda necessário para que a humanidade continue sua escalada de progresso, mas ressalta que todo esforço deve ser feito para tentar minimizar os seus efeitos e as suas conseqüências sem, contudo, deixar se abater pela revolta e pelo desespero. Entre tantas fontes de dor e sofrimento, podemos ressaltar as doenças, por exemplo.

É também, da mesma forma, que podemos compreender as palavras proferidas por Jesus:

“Felizes os aflitos, porque serão consolados.

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.”³¹

Não poderíamos deixar de incluir também uma explicação sobre o assunto, dada a Allan Kardec pelo Espírito Lacordaire:

³¹ Bíblia de Jerusalém – Nova Edição, Revista e Ampliada; Paulus Editora, 2002, cap. V, vv. 5, 6 e 10.

*“Quando o Cristo disse: ‘Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus lhes pertence’, não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas, ah! poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele já muitas vezes vos disse que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcionado às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa, do que penosa a aflição. Cumpre, porém, merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações...”*³²

Joanna de Ângelis diz que, devido ao desgaste natural da organização física, o sofrimento ainda é inevitável aos

³² A. Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, 112ª. edição, FEB, 1996, pg. 11.

habitantes da Terra e das regiões vibratórias que existem a sua volta, pois este estágio é etapa integrante da jornada evolutiva a que todos estamos sujeitos³³.

De tudo o que foi dito acima se pode ressaltar:

- 1) O sofrimento é necessário para a evolução do espírito;
- 2) A evolução acarreta mudança do equilíbrio vibracional;
- 3) Existe uma relação entre matéria mental e matéria física.

O mecanismo de ação do sofrimento na mudança de estado vibratório é uma questão muito delicada no sentido de que é de difícil aceitação, assim, é preciso elaborar uma tentativa de esclarecimento. Para atingir esta finalidade é possível uma comparação com as leis que regem as reações químicas, mais precisamente o efeito de catalisadores sobre o equilíbrio de uma reação.

Em ambas as situações, ação do sofrimento e do catalisador, existe um estado de equilíbrio que pode ser alterado por agentes introduzidos ao sistema.

³³ Pelnitide, pg 14

O exemplo que segue servirá para um melhor entendimento desta questão, contudo, são necessários alguns conceitos:

- a) Afinidade química e energia de ativação: fatores que determinam a ocorrência de uma reação química.
- b) Energia de ativação: é a menor quantidade de energia que deve ser fornecida às substâncias reagentes para promover a reação mais rapidamente.
- c) Entalpia: conteúdo de energia de uma substância; a variação da entalpia de uma reação química é dada pela diferença dos níveis de energia antes e depois da reação.
- d) Catalisador: substâncias que possuem a propriedade de acelerar uma reação pela diminuição da energia de ativação.

Cientes dos conceitos descritos acima, imaginemos uma reação química hipotética: $A \rightarrow B$, que pode ser descrita como a substância A transformando-se na substância B. Assumindo que haja uma predisposição para a reação ocorrer e que a substância A apresente um conteúdo de energia menor que a

substância B, assim, pode-se concluir que a substância resultante terá maior conteúdo de energia.

Para que haja a possibilidade da reação ocorrer, será necessário ceder ao sistema uma quantidade de energia que seja no mínimo igual à energia de ativação. Contudo, como foi visto anteriormente, é possível diminuir o valor da energia de ativação através do uso de catalisadores, assim, haverá menor dispêndio de energia. Em outras palavras: com o uso do catalisador haverá menor gasto de energia para atingir o mesmo objetivo.

Uma representação gráfica deste comportamento é apresentada na Figura 6. É possível observar que a energia necessária para que a reação ocorra é menor na presença do catalisador, isto é, a reação se processa mais rapidamente; além da economia de energia ocorre, concomitantemente, economia de tempo, pois a reação atinge novo estado de equilíbrio em um intervalo de tempo menor. Este comportamento é apresentado graficamente na Figura 7.

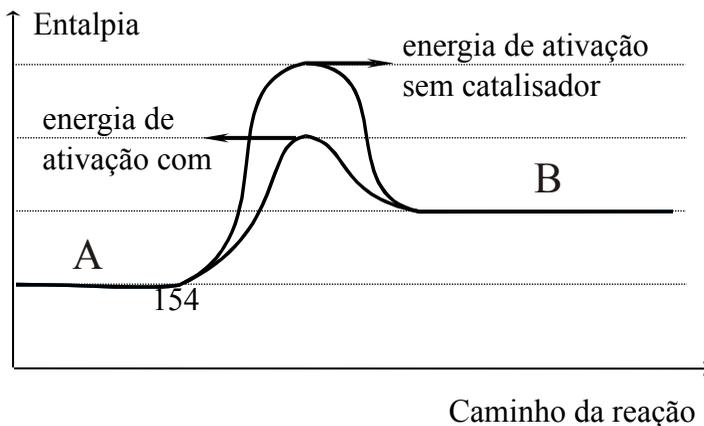


Figura 6. Representação de uma reação hipotética da substância A formando a substância B.

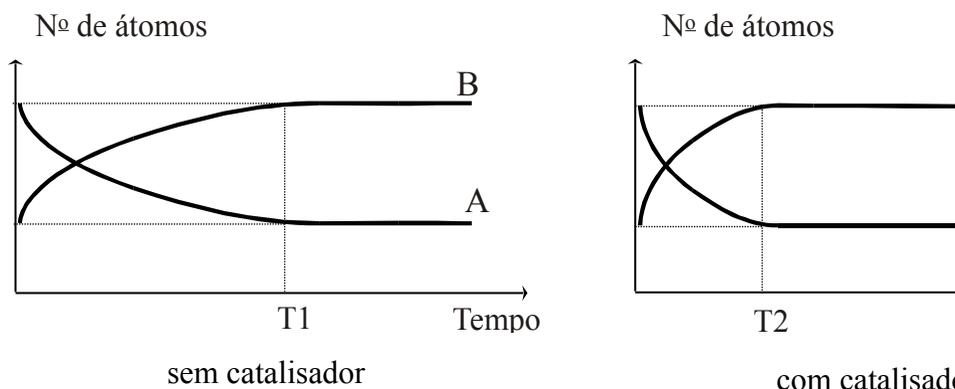


Figura 7. Representação esquemática do processo de uma reação hipotética, em função do tempo, sem e com a presença do catalisador.

Pode-se, então, chegar a algumas conclusões³⁴:

³⁴ Estas conclusões são válidas apenas para as reações endotérmicas, casos que mais se adaptam melhor a nossa comparação.

- a) Será sempre necessário que haja uma predisposição das substâncias para que ocorra a reação (afinidade química) e que, no processo da reação, será necessário transpor uma barreira energética (energia de ativação), possível apenas pela assimilação de energia para, logo em seguida, atingir outro estado de equilíbrio;
- b) Toda substância apresenta determinado conteúdo de energia, que poderá variar de uma substância para outra, portanto, em uma reação química, a soma da entalpia das substâncias reagentes não necessariamente será igual a soma da entalpia dos produtos, há reações em que a soma da entalpia final é maior que a entalpia inicial, finalizando em níveis energéticos mais altos;
- c) Com a utilização de fatores externos (catalisador) pode-se acelerar um processo que iria certamente ocorrer, mas em um tempo mais longo.

Comparando-se as conclusões acima com o processo descrito para a evolução do espírito é possível encontrar algumas similaridades. Neste intuito, é preciso ressaltar as

seguintes questões que são apresentadas n'O Livro dos Espíritos³⁵:

Questão 781. *Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso?*

“Não, mas tem, às vezes, o de embarcá-la.”

Questão 785. *Qual o maior obstáculo ao progresso?*

“O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, a seu turno, incitam o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Curta, porém, é a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos

³⁵ Kardec, Allan; O Livro dos Espíritos; 77ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.

bens terrenos proporciona, uma felicidade existe maior e infinitamente mais duradoura.”

Questão 116. *Haverá Espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores?*

“Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas demoradamente, porquanto, como já doutra vez dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Pretenderias que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?”

Questão 783. *Segue sempre marcha progressiva e lenta o aperfeiçoamento da Humanidade?*

“Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto deveria, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.”

Comparando estas questões com as conclusões derivadas da análise do mecanismo das reações químicas pode-se dizer que:

- a) Segundo a questão 781, existe uma predisposição do espírito à evolução, contudo, por sua própria opção, poderá retardar o processo;
- b) A questão 785 mostra a barreira que o Espírito precisa transpor: o orgulho. Considerado, pelos espíritos, a maior chaga da humanidade³⁶, é possível de subjugar o orgulho com grandes esforços e muito trabalho, que corresponderia a energia de ativação da reação química;
- c) Segundo a questão 116, o espírito atingirá estágios mais evoluídos e, assim, níveis mais altos do seu padrão vibratório. Como no caso da reação química, irá ocorrer independentemente de qualquer causa;
- d) A questão 783 apresenta a possibilidade de agentes externos atuarem para causar uma aceleração no processo evolutivo quando este se encontra a passos muito lentos, atingindo o objetivo em menor espaço de tempo, tal processo pode ser comparado com a atuação do catalisador na reação química.

³⁶ Idem, questão 913.

Partindo de tudo o que foi apresentado até este ponto, é preciso tentar uma compreensão de como ocorre a organização celular no corpo para ser possível o entendimento de como seria possível manter ou restaurar estados de saúde.

Remontando à estrutura do perispírito, com informações contidas nas obras do autor espiritual André Luiz é possível enumerar os seguintes pontos:

- a) O corpo físico reflete o corpo espiritual que por sua vez reflete o corpo mental, detentor da forma. Em outras palavras, o Espírito elabora lentamente, através das numerosas experiências desde o início da sua existência, na condição de simples e ignorante, a sua forma, guardando todo o acervo no corpo mental e este, por sua vez, é o agente que transferirá toda a informação necessária para a formação do corpo espiritual, informação esta que é completa em seus mínimos detalhes de conformação. Com o corpo espiritual já configurado, servirá de molde para a matéria física³⁷.

- b) Durante o transcurso das suas existências, o Espírito “aprende” a dominar as células que, mesmo em forma muito rudimentar, são seres vivos independentemente do

³⁷ André Luis, *Evolução em Dois Mundos*, psicografia de Xavier, F. C., Vieira, W., FEB, 15ª. edição, 1994, pg 27.

organismo maior a que se encontra atrelada, provendo subsídios para que esta vida possa se manter. Servem a estrutura orgânica a que se encontram segundo orientação recebida³⁸.

Para um melhor entendimento, é preciso analisar o comportamento de uma célula quando é retirada de um organismo vivo e colocada em um meio capaz de lhe manter a vida.

Enquanto em um organismo saudável, uma célula do fígado se comportará de forma a cumprir com as funções de um fígado e, quando se reproduzir, formará novas células de fígado.

Contudo, caso esta mesma célula seja retirada do fígado e colocada em um meio de cultura adequado, ela não mais atuará como uma célula de fígado; a mitose³⁹ ocorrerá de forma desordenada, formando células sem função definida e, ao final, não se terá um órgão, mas apenas um aglomerado disforme de células. É possível de se perceber que algo mudou para aquela célula que foi isolada: não recebe mais os comandos

³⁸ Idem, cap. IV e V.

³⁹ Divisão celular, dando origem a duas células de mesmo patrimônio genético inicial.

necessários para se comportar como uma célula de fígado e, desta forma, não será mais capaz de se comportar como tal.

As células, funcionando como máquinas diminutas compondo uma máquina muito maior, receberiam a informação necessária para se especializarem do espírito encarnado. O espírito controlaria a forma organizada, embutindo em cada célula o padrão de comportamento correspondente ao que necessita para cumprir com a função que lhe seja esperada.

Joanna de Ângelis coloca com extrema clareza que as patologias estão diretamente relacionadas com o estado mental do espírito ao dizer: “Sendo, a criatura humana, constituída pela energia que o espírito envia a todos os departamentos materiais e equipamentos nervosos, qualquer distonia que a perturbe abre campo para a irrupção de doenças, a manifestação de distúrbios, que levam aos vários desconcertos patológicos, conhecidos como enfermidades.”⁴⁰

Joanna de Ângelis lista vários dos fatores que causam o desequilíbrio neste fluxo de energia, ou seja, sentimentos comuns a tantos de nós, o que seria compatível com o nível evolutivo comum das criaturas viventes neste mundo, segundo a Doutrina Espírita. Dentre os exemplos, encontra-se⁴¹:

⁴⁰ Joanna de Ângelis, O Ser Consciente, psicografia de Divaldo P. Franco, 8ª. ed., 2000, pg 42.

⁴¹ Idem, ao longo da obra.

- a) O amor, não o amor sublime, mas aquele amor desenfreado, possessivo em que os participantes se entregam aos desejos. É apresentado como “grande demolidor das estruturas celulares”;
- b) A angústia é apresentada como “semelhante a densa carga tóxica que se aspira lentamente”;
- c) O rancor é apresentado como produtor de ácidos destruidores “que consomem a energia vital e abrem espaços intercelulares para a distonia e a instalação de doenças”;
- d) E, finalmente, o ódio é apresentado como “tóxico fulminante no oxigênio da saúde mental e física” e seu poder tóxico é explicado como “agentes poluidores e responsáveis por distúrbios emocionais de grande porte, são eles os geradores de perturbações dos aparelhos respiratório, digestivo, circulatório. Responsáveis por cânceres físicos, são as matrizes das desordens mentais e sociais que abalam a vida e o mundo”.

De tudo o que foi exposto poder-se-ia, talvez, dizer que, devido às transgressões que todos cometemos durante nossas várias existências, o corpo mental seguindo a lei de causa e efeito, imprime ao corpo espiritual certos..., que por falta de terminologia mais adequada vamos denominar de “pontos obscuros”; em determinado momento da vida, esses pontos eclodem, dificultando a comunicação entre o Espírito e as células propiciando, assim, uma degeneração comportamental daquelas que não mais recebem o comando. Dependendo da gravidade destes pontos obscuros, dependerá também a gravidade da degeneração.

Ainda sob este prisma, é possível uma compreensão do efeito benéfico de práticas de meditação quando ocorre a interação da mente com o organismo como um todo.

Nos casos em que uma doença qualquer já esteja instalada, o que se deveria a dificuldades de comunicação como descrito acima, as práticas diárias de mentalização direcionadas para o problema específico produziriam um efeito benéfico, se não a cura.

Comparando a má comunicação entre a mente e a célula com uma ligação telefônica, fica mais fácil a compreensão do efeito da mentalização.

Quando a linha telefônica está “limpa”, sem ruídos, conversamos normalmente, em um tom de voz normal.

Contudo, quando existe alguma interferência nesta mesma linha, é necessário elevar o tom de voz até que a outra pessoa possa nos ouvir, quanto maior o nível de ruído mais alto será preciso falar.

Ao se considerar uma falha de comunicação espírito-órgão, será necessário maior ênfase neste processo que está deficitário, portanto, a mentalização direcionada de um órgão saudável irá reforçar a informação, aumentando a probabilidade de atingir o destino. Quanto maior a vontade e a persistência, maiores serão as chances de sucesso.

É necessário ter em mente que um determinismo absoluto não existe, a encarnação é concedida para o aprimoramento do espírito, tendo este a oportunidade de reparação das transgressões cometidas. Trata-se de um processo dinâmico sendo possível, em uma única encarnação, minorar ou agravar a situação em que se encontre.

Em Plenitude⁴², Joanna de Ângelis apresenta um roteiro para o processo de autocura.

Primeiramente é necessário conhecer o próprio padrão mental, através da observância dos pensamentos para propiciar o autoconhecimento. Caso se verifique a predominância de teor negativo, será fundamental a sua transformação para irradiar

⁴² Plenitude, pg 90-98

energias positivas e saudáveis relacionadas com a saúde. Diz Joanna de Ângelis que é necessário desejar a saúde intensamente.

Em segundo lugar, é imperioso manter a sintonia mental com Deus, de onde emana todo o Poder Supremo, buscando a harmonia interior.

Em terceiro lugar, como não poderia deixar de ser, o cuidado consigo mesmo em todas as ordens, seja alimentação, descanso, higiene, etc.

Por fim, direcionar a mente para o amor, compaixão, justiça e paz. Envolver e auxiliar as outras pessoas em uma atmosfera psíquica benfazeja.

CAPÍTULO IV

FÍSICA

No livro *O Ser Consciente*, Joanna de Ângelis diz de que os avanços da Física, citando especificamente a Física Quântica e a Teoria da Relatividade Restrita, são responsáveis pelo surgimento de novas perspectivas psicológicas⁴³, são pontos onde se apóiam sólidos alicerces para abordagens psicológicas mais atuais. Neste contexto, se torna necessário maior esclarecimento sobre estes “pontos de apoio” para auxiliar no aprimoramento íntimo, quando o indivíduo se conscientiza da necessidade de uma mudança de pensamento com relação ao mundo em que vive e a si mesmo.

As teorias mais recentes no campo da Física são tão escabrosas que todo o resto se torna mais fácil de se entender ou, pelo menos, aceitar.

Os novos conhecimentos que se descortinaram no início do século XX deixaram para trás as fronteiras que limitavam tudo ao âmbito da natureza que impressiona os cinco sentidos físicos (audição, olfato, paladar, tato e visão) para entrar num mundo transcendente que ainda não nos é apreensível, mundo este relegado, até então, às religiões. Contudo, para muitos,

⁴³ *O Ser Consciente*, pg 16.

significa uma barreira a ser transposta, pois o que era entendido unicamente pela fé passou a necessitar de explicações racionais e formulações matemáticas.

Assim, de forma muito peculiar, vamos iniciar um texto sobre Física com as idéias daquele que é considerado o “pai da psicologia analítica”: Carl Gustav Jung.

Durante os vários anos em que se dedicou ao estudo da psique, Jung desenvolveu teorias muito interessantes sobre o consciente e o inconsciente, desbravando uma área que, pode-se dizer, é até hoje muito pouco compreendida, elaborando as diretrizes para o seu entendimento e, neste processo, tratando daqueles que apresentam algum distúrbio psicológico e que necessitavam de uma terapêutica médica.

Com a mente atenta aos menores detalhes, comum aos grandes pesquisadores, Jung pode observar que alguns fenômenos não podiam ser explicados pelas idéias vigentes, que seria a teoria da causalidade, a qual postula que todo acontecimento é derivado de acontecimentos precedentes e acarretará acontecimentos futuros.

A causalidade, na verdade, postula uma interligação bem definida de eventos, sendo regidos por leis conhecidas. Como ilustração, pode-se dizer que se um poste de energia elétrica cai, é devido à colisão de um automóvel ou devido a

uma deterioração de sua base ou outro agente qualquer, mas nunca que tenha simplesmente caído, sem motivo algum.

Ainda, como outro exemplo, se um automóvel chega à nossa residência, é porque ele percorreu um caminho qualquer, desde a sua origem até o destino em questão. Nunca poderíamos conceber este automóvel desaparecendo na origem e aparecendo em frente a nossa casa sem percorrer a distância entre estes dois pontos.

Isto significa causalidade, algo ocorreu devido a uma seqüência de eventos que culminaram em alguma outra coisa. Sob esta égide, estaríamos restritos a um determinismo rigoroso, deixando muito pouca liberdade de ação.

Jung percebeu, em algumas situações, que algo acontecia, relacionado com acontecimentos psíquicos, mas sem a seqüência de eventos perceptíveis.

Quantas vezes ocorre de pensarmos em alguém e, após algum tempo, ou até mesmo imediatamente, esta pessoa nos telefonar? Nestas situações, costuma-se dizer ao reconhecer o interlocutor: “Que coincidência, estava pensando em você”. Relegamos o fato a pura coincidência.

Ou então, quando olhamos insistentemente para a nuca de uma pessoa e, inevitavelmente, ela olhará em nossa direção. Como a toda regra existe uma exceção, este exemplo não é válido para garçons e garçonetes...

Há numerosos casos em que pessoas relatam que sonharam com uma situação qualquer e que, no dia seguinte ou em futuro próximo, vieram a ocorrer.

Estes e outros tantos fatos, segundo Jung, apresentam uma relação acausal. Contudo, o que precisa ficar bem claro é que isto não significa uma não existência de relação entre os eventos, mas apenas que o processo envolvido não pode ser ainda explicado com o conhecimento científico atual. Este tipo de fenômeno foi por ele definido como “sincronicidade”. Em suas próprias palavras:

“A causalidade é a maneira pela qual concebemos a ligação entre dois acontecimentos sucessivos. A sincronicidade designa o paralelismo de espaço e de significado dos acontecimentos psíquicos e psicofísicos, que nosso conhecimento científico até hoje não foi capaz de reduzir a um princípio comum.”⁴⁴

A esta definição, deve ainda ser acrescentado o fator tempo, isto é, a conexão da consciência com os acontecimentos físicos não sofreriam as limitações do espaço, mas também não

⁴⁴ C. G. Jung, Sincronicidade: Um Princípio de Conexões Acausais, Editora Vozes, 2002, pg. 94.

se limitariam as barreiras impostas pelo tempo. Assim, através da nossa consciência, estaríamos todos ligados entre si e com os acontecimentos físicos, sejam próximos ou distantes espacialmente e/ou temporalmente.

No campo dos fenômenos sincronísticos, estariam a percepção extra-sensorial, por exemplo, e até mesmo a possível eficácia da oração. Jung cogita ainda sobre a possibilidade de ser esta a base da relação mente-corpo, que consistiria da coordenação dos processos físicos, isto é, funcionamento do organismo e, até mesmo, a organização da matéria para formar o corpo.

Jung completa sua idéia a respeito da sincronicidade dizendo o seguinte:

*“Daí se conclui : ou que a psique não pode ser localizada espacialmente, ou que o espaço é psiquicamente relativo. O mesmo vale para a determinação temporal da psique ou a relatividade do tempo.”*⁴⁵

Para os budistas e espíritas, existe uma correlação entre eventos isolados. Nada ocorreria sem algum acontecimento

⁴⁵ Idem.

anterior que tenha determinado a ocorrência do efeito, na forma de um evento qualquer.

O fundamento de causa e efeito é extremamente arraigado entre os adeptos destas doutrinas, sendo de grande importância, pois através deste entendimento é que torna possível a compreensão de que atos e pensamentos de cada indivíduo separadamente influenciarão as outras pessoas e o meio ambiente, isto é, a coletividade e o mundo material.

Desta forma de pensar, surge a idéia de que o isolamento não é uma possibilidade, nem, tampouco, pensamento e atos egoístas, pois é patente o efeito que repercutirão sobre os outros e sobre aquele que mesmo age. Assim, quando alguém é prejudicado, o dano será, mesmo que não se aperceba, compartilhados por todos, se tornando impossível atingir a felicidade tão almejada.

Ainda sob este prisma, dilui-se ao infinito a questão dos tão falados e aguardados “milagres”, na sua conotação de uma ação divina em auxílio de alguém, às vezes, até mesmo em detrimento de outras pessoas, explicando, também, porque alguns são beneficiados pela providência enquanto outros não.

Crer que Deus auxilia os seguidores desta ou daquela crença religiosa, e por isso os abençoa, é uma forma pueril de entendimento dos fatos. Então, somente resta conceber que existe alguma razão, desconhecida talvez, para um certo

indivíduo ser curado de uma doença, por exemplo, enquanto outro não.

Tal razão pode estar na teoria da ação do pensamento sobre a matéria: amor ao próximo, prática da oração, caridade, benevolência, etc. versus raiva, ódio, rancor, amargura, etc. Uns sentimentos provocam paz espiritual enquanto outros conduzem a desarmonias.

É preciso reconhecer que estas idéias parecem, à primeira vista, um absurdo e de difícil entendimento, pois, para aqueles que ainda não tiveram oportunidade de se deparar com tais conceitos, a sua aceitação acarreta uma mudança completa de paradigma, do modo de enxergar o mundo e a si próprio.

Todavia, é preciso lembrar que toda mudança de pensamento e, conseqüentemente, de comportamento, em outras palavras, a transformação pessoal, é trabalhosa e envolve grande dispêndio de energia, mas não é impossível de ser realizada. A perseverança é de fundamental importância.

O entendimento da necessidade de mudança é um fator primordial que nos impulsiona ao trabalho, por isso, para melhor compreensão e aceitação das idéias expostas vejamos como o conhecimento científico acadêmico pode auxiliar.

FÍSICA CLÁSSICA

Primeiramente, para melhor entendimento das dificuldades que podem ser encontradas durante o processo de reconhecimento da necessidade de uma transformação pessoal, é necessária uma compreensão do nosso raciocínio em geral.

É muito mais fácil para a mente humana elaborar pensamentos sobre assuntos que estamos envolvidos no nosso cotidiano e objetos concretos, do tipo que podemos ver e sentir. A elaboração do pensamento abstrato, isto é, transcendente à realidade sensível, requer exercício mental e é desenvolvido paulatinamente, de início sente-se uma grande dificuldade, mas, com o passar do tempo, vai se tornando cada vez mais fácil. É preciso não esmorecer.

Iniciaremos o estudo pelo pensamento e idéias vigentes até o final do século XIX que, por mais incrível que possa parecer, ainda é o mesmo modo de pensar do indivíduo comum, isto é, a grande maioria das pessoas que nunca se dedicaram a maiores aprofundamentos no conhecimento de si mesmo. Assim, a humanidade se mantém atrelada a conceitos limitados que descrevem uma pequena porção da realidade.

A mentalidade humana apresenta nuances muito interessantes, pois é difícil de conceber que outras coisas podem existir sem que se tenha condição de apreender. Um bom exemplo disto é o fato de que todo o conhecimento atingido até então era considerado como o ponto máximo que

se poderia atingir, como se nada mais houvesse para ser descoberto. Basta olhar para o mundo atual que se pode concluir o quanto este pensamento era equivocado.

A idéia aceita naquela época seria que as leis físicas do planeta eram aquelas concernentes ao que é denominado atualmente de Física Clássica, abrangendo, inclusive, o movimento dos planetas.

A Física Clássica se caracteriza pela mecânica newtoniana e a geometria euclidiana.

O universo newtoniano, baseado nos trabalhos do físico e matemático Isaac Newton, cientista inglês do século XVII, é definido com as seguintes características:

- a) O tempo seria uma dimensão absoluta e sem vínculo com o mundo material;
- b) A matéria seria composta por partículas sólidas e indestrutíveis;
- c) Os eventos físicos seriam decorrentes do movimento de pontos materiais;
- d) A natureza estaria submetida a um determinismo rigoroso.

Ao pensarmos sobre o tempo, temos a idéia de ser um componente muito simples, podemos até imaginá-lo como um rio, fluindo do passado, passando pelo presente em direção ao futuro, sem nada ser capaz de alterar o seu curso nem, tampouco, a sua velocidade.

A contagem de tempo, sob esta ótica, sempre ocorre de forma monótona e constante, um dia sempre terá vinte e quatro horas, com cada hora tendo sessenta minutos e cada minuto tendo sessenta segundos.

Esta é a idéia que leva as pessoas ao frenesi quanto a vida. Acreditam que, como o tempo que passou não voltará, é preciso aproveitar a cada momento para viver intensamente e, quando isto não ocorre, surge invariavelmente a depressão, a tristeza de um tempo perdido que não será recuperado.

É possível observar que atualmente, em nosso país, está crescendo gradativamente o que eu denominaria de uma “cultura do divertimento”, significando que muito pouca coisa importa, contanto que a pessoa considere estar se divertindo.

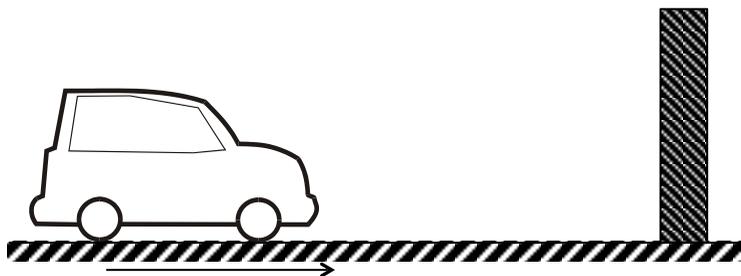
Gostaria de ressaltar que o termo “considere estar se divertindo” foi utilizado intencionalmente, pois não necessariamente a situação em que se encontre, isto é, o ambiente e o meio, poderá realmente ser classificado de “entretenimento”.

Muitos casos são claramente danosos à saúde física e mental daqueles que se comprazem e vivenciam a situação.

Um outro ponto importante é o espaço que nos circunda, que é visto e analisado como sendo tridimensional, isto é, limitado a três dimensões que são: altura, comprimento e largura. Estaria sempre em repouso e seria, por si só, imutável, não considerando que fatores externos pudessem interferir em sua estrutura. A medição do espaço, assim como ocorre com o tempo, sempre ocorre de forma monótona e constante, um quilômetro sempre terá mil metros, com cada metro tendo cem centímetros e cada centímetro tendo dez milímetros.

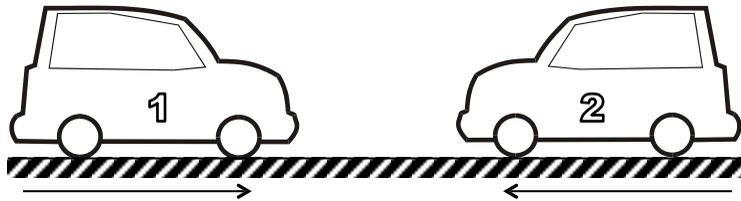
Assim, poderíamos analisar alguns fenômenos corriqueiros que ocorrem no nosso dia a dia. Vejamos alguns exemplos:

Exemplo 1: Um automóvel se deslocando à velocidade de 60km/h em direção a um muro que, em determinado momento, se encontra à distância de 10km.



É possível perceber que a velocidade de aproximação do automóvel com relação ao muro é de 60km/h, percorrerá, assim, 1 quilômetro a cada minuto, portanto, decorrerão 10 minutos até a colisão com o muro.

Exemplo 2: Um automóvel se deslocando à velocidade de 70km/h em uma direção e outro se deslocando à 50km/h em direção oposta e, em determinado momento, se encontram à 10km de distância um do outro.



Nesta situação, a velocidade de aproximação dos dois automóveis seria igual a soma das velocidades individuais, isto é, $70 + 50 = 120\text{km/h}$, que é o equivalente a dizer que a distância entre eles diminui em 2 quilômetros a cada 1 minuto, portanto, decorrerão 5 minutos até a colisão.

Porém, apesar de ter sido realizada uma análise parcial destes casos, alguns outros questionamentos podem ainda ser formulados sobre estes dois exemplos:

- a) Qual a velocidade do automóvel, em relação ao seu motorista, no Exemplo 1?
- b) Qual a velocidade do automóvel 1, no Exemplo 2, em relação ao seu motorista?
- c) Qual a velocidade do automóvel 2, no Exemplo 2, em relação ao motorista do automóvel 1?

Na questão (a), a resposta correta seria zero km/h, isto mesmo, o automóvel estaria parado em relação ao motorista porque ambos viajam a mesma velocidade.

Ficaria mais fácil de entender visualizando-se no interior de um veículo e considerando a maçaneta da porta como referência. Observaremos que, nesta situação, a maçaneta permanecerá sempre a mesma distância, isto é, sempre ao alcance da mão. Portanto, como a distância não varia pode-se concluir que os objetos em questão estão em repouso, um em relação ao outro.

Seguindo o mesmo raciocínio anterior, fica fácil de concluir que a resposta correta para a questão (b) também seria zero km/h.

Para compreender a questão (c), é preciso mesclar as explicações das duas perguntas precedentes.

Como o automóvel 1, em relação ao seu motorista, está em repouso e a velocidade com que a maçaneta da porta, para seguir com a nossa referência, do automóvel 2 se aproxima do motorista do automóvel 1 é de 120km/h, então, é possível concluir que a resposta da questão (c) é igual à velocidade de aproximação, isto é, 120km/h.

Este exercício visa introduzir alguns conceitos necessários para o entendimento da “realidade” newtoniana. Pode-se perceber que os fenômenos dependerão sempre do observador, aquele que em determinado momento é o sujeito que serve de referência para análise da situação. Contudo, apesar da influência daquele que serve de referência, ainda permanece um determinismo rigoroso.

É possível determinar ou prever com grande precisão a posição de cada veículo em um tempo qualquer, caso sejam mantidas as condições iniciais ou se tenha conhecimento de qualquer alteração que venha a ocorrer. Isto é determinismo.

Esta análise não deixa de ser um princípio de relatividade, mas, como veremos mais adiante, não é válida em todas as situações, mais especificamente no âmbito de altas velocidades.

Apesar da aparência complicada, a mecânica

newtoniana e a geometria euclidiana descrevem o espaço físico como nós o entendemos, sendo ainda válidos para o que é considerado como “zona de dimensões médias”, isto é, o mundo como nós o percebemos através dos nossos sentidos físicos.

O esquema da Figura 8 apresenta, de forma simplificada, um resumo da física clássica e suas interligações.

Assim a vida corria, com tudo em seu lugar, pelo menos aparentemente, até que dois físicos, Faraday e Maxwell, descobrem os fenômenos elétrico e magnético, que não podem ser adequadamente descritos pelas leis da mecânica clássica e que envolviam um novo tipo de força. Surge o conceito de campo.

O campo seria a região de atuação de uma partícula, isto é, região na qual a sua presença exerce algum tipo de influência. Podemos comparar com o espaço iluminado por uma vela acesa. Quanto mais perto da fonte de luz, no caso a vela, maior a luminosidade que vai diminuindo de intensidade gradativamente conforme dela nos afastamos.

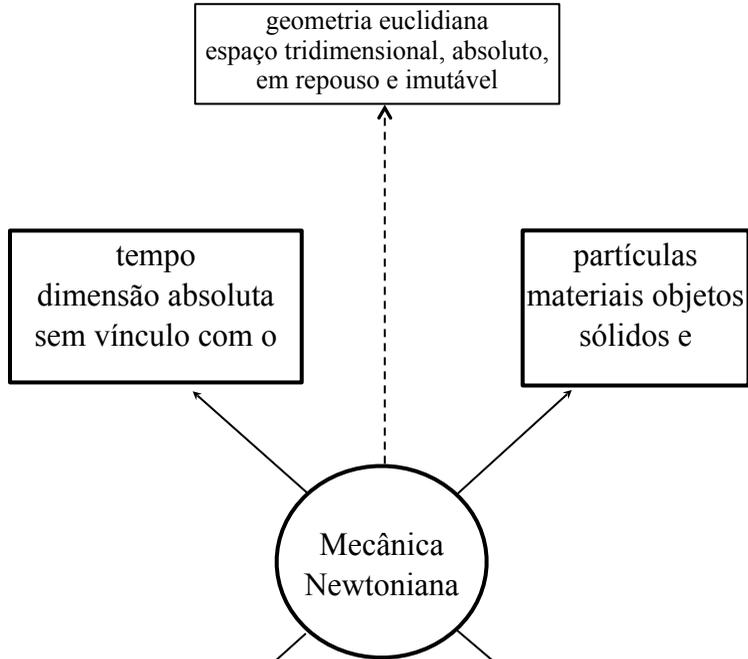


Figura 8. Resumo esquemático da Física Clássica.



No início do século XX, um cientista brilhante ponderando sobre as novas descobertas, define uma nova tendência para o pensamento físico. O absolutismo deixa de ser reinante nos processos físicos para se tornar relativo. Surge então, elaborada por Albert Einstein, físico nascido na

Alemanha em 1879, a Teoria da Relatividade. Nasce a Física Relativística.

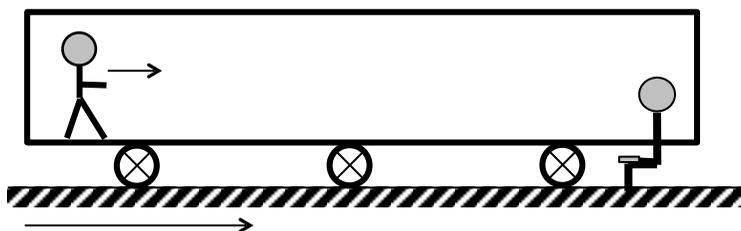
Esta nova teoria muda completamente a forma de encarar os fenômenos:

- a) Frente aos novos conceitos, é necessário reavaliar a idéia de tempo, que deixa de ser isolado e absoluto, registrado por todos os relógios igualmente, para formar juntamente com o espaço, um continuum quadridimensional, isto é, o tempo não pode ser desvincilhado do espaço;
- b) Com isso, o espaço também deixa de ser considerado absoluto, imutável e em repouso;
- c) A matéria passa a ser considerada como uma forma de energia, obedecendo a famosa lei: $E=mc^2$, significando que a energia é igual a massa de um objeto multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz (E: energia; m: massa e c: velocidade da luz no vácuo);
- d) A natureza também deixa de ser considerada absoluta para tomar característica relativa; e o desenrolar de um determinado fenômeno estará diretamente relacionado com o observador.

Um fator importante a se considerar é que Einstein postulou, em sua teoria, que a velocidade da luz é a mesma para todo e qualquer observador, independente de seu posicionamento em relação ao evento, desta forma, a teoria de adição das velocidades, segundo a Física Clássica, não poderá mais ser aplicada.

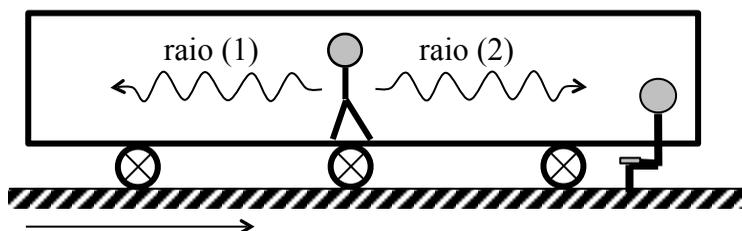
Vamos tentar demonstrar esta questão utilizando um novo exemplo.

Exemplo 3: Um trem de 10 metros de comprimento se desloca em certa direção à velocidade de 100km/h; em seu interior, um homem caminha na mesma direção de seu deslocamento à velocidade de 3km/h; nas margens da via férrea, um outro homem observa o trem passar.



Por tudo o que foi visto anteriormente, pode-se concluir que, para o homem às margens da linha férrea, a velocidade do trem é de 100km/h e a velocidade do homem caminhando dentro do trem é de 103km/h.

Exemplo 4: Vamos então alterar um pouco exemplo. Primeiramente vamos supor que o trem esteja viajando a uma velocidade muito alta, que o homem, ao invés de estar caminhando dentro do trem, esteja parado no centro, a 5 metros de distância de cada extremidade e que libere dois raios de luz, viajando a 300.000km/s cada, um na direção de deslocamento do trem e outro na direção oposta, como representado a seguir:



Pode-se elaborar, agora, as seguintes perguntas:

- Qual a velocidade do raio (1) para o homem dentro do trem?
- Qual a velocidade do raio (1) para o homem fora do trem?
- Qual a velocidade do raio (2) para o homem dentro do trem?

d) Qual a velocidade do raio (2) para o homem fora do trem?

Neste ponto o leitor é solicitado a ponderar a respeito durante algum tempo sobre estas questões antes de continuar a leitura do texto. A resposta se encontra no rodapé da página.⁴⁶

Mas não é tão simples assim, alguns questionamentos ainda pairam no ar como, por exemplo, o tempo gasto para estes mesmos raios de luz atingirem as extremidades do trem para os dois observadores. Vamos então, analisar a questão.

Tanto o raio (1) quanto o raio (2) percorrerão, sob a observação do homem dentro do trem, uma distância de 5 metros até atingirem as extremidades do vagão.

Para o homem situado na margem da via férrea, o raio (1) percorrerá uma distância menor que 5 metros enquanto que o percurso do raio (2) será maior que 5 metros. Isto é fácil de perceber. Enquanto o raio (1) caminha da direita para a esquerda, a parede do vagão caminha da esquerda para a direita conclui-se então que o encontro se dará em alguma distância inferior a 5 metros.

Sob a ótica da Física Clássica, para o observador dentro do trem, o trem estaria em repouso, assim, o percurso seria de 5

⁴⁶ A resposta para todas essas perguntas é uma só: 300.000km/s que é a velocidade da luz, constante para qualquer observador.

metros à velocidade da luz. Para o observador às margens da via férrea, a velocidade do raio (1) deveria ser a velocidade da luz subtraída da velocidade do trem, isto é, viajaria mais devagar para poder percorrer a mesma distância durante o mesmo espaço de tempo que o observado pelo homem dentro do trem, enquanto que a velocidade do raio (2) deveria ser a velocidade da luz somada da velocidade do trem. Assim, ambos observadores verificariam os raios de luz chegarem às extremidades do trem simultaneamente.

Todavia, a Teoria da Relatividade, como já foi mencionado, postula que a velocidade da luz é a mesma em qualquer situação, independentemente do observador, portanto, verifica-se que o evento dos raios atingirem as paredes do trem ocorrerá simultaneamente para o homem dentro dele, enquanto que o mesmo evento não será simultâneo para àquele que se encontra às margens da linha férrea. Donde se pode concluir que a questão da simultaneidade precisa ser analisada sob uma outra ótica diferente daquela a que se está acostumado. Perde-se a idéia do absolutismo para entrar no rol da relatividade, isto é, dois eventos podem ocorrer simultaneamente para um observador que esteja sob certas condições e não simultaneamente para outro observador que se encontre sob outras condições.

Caso o leitor esteja se sentindo com um grande “nó” na cabeça, vejamos um exemplo clássico para tentar clarear o conceito.

Exemplo 5: No mesmo vagão em movimento, o homem dentro do trem posiciona um espelho no teto, com a face espelhada voltada para baixo e, no chão, alinhado com o espelho, posiciona uma lanterna, como representado no esquema que segue.



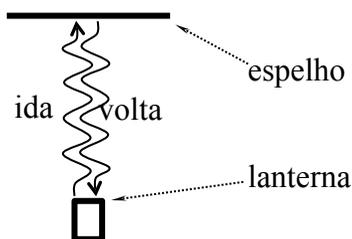
Em determinado momento, um raio de luz é emitido da lanterna, viajando de baixo para cima, que irá refletir no espelho e retornará ao ponto de origem.

Observando este novo exemplo, é possível elaborar, primeiramente duas perguntas:

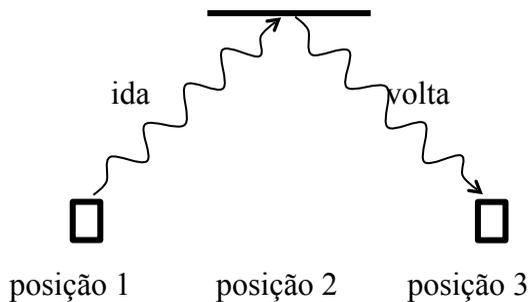
- a) Qual o percurso do raio que será observado pelo homem dentro do trem?
- b) Qual o percurso do raio que será observado pelo homem fora do trem?

Após algum tempo meditando sobre o assunto, é possível chegar a conclusão de que as respostas seriam as seguintes:

Resposta a)



Resposta b)



Pelos esquemas apresentados como respostas para as perguntas formuladas, pode-se perceber que o percurso do raio observado pelo homem dentro do trem é menor do que aquele observado pelo homem às margens da linha férrea; como a velocidade de propagação do raio de luz é a mesma para ambos observadores, conclui-se que será necessário um tempo maior no segundo caso do que no primeiro.

Por mais incrível que possa parecer, verifica-se, assim, a necessidade do tempo transcorrer diferentemente para cada observador.

O homem dentro do trem estará sujeito a uma dilatação do tempo, significando que fluirá mais devagar para este do que para o outro.

A primeira impressão é de que esta história toda parece um absurdo e sou forçado a concordar com o leitor que parece, mas não é.

Vários experimentos foram realizados com o intuito de validar essa teoria, todas eles demonstraram que quanto mais próximo da velocidade da luz mais lentamente flui o tempo, observa-se, assim, que a tendência é do tempo parar.

Podemos desta forma compreender o que se tornou conhecido como o “paradoxo dos gêmeos”. Imaginemos dois

irmãos gêmeos; um deles parte em uma viagem utilizando um veículo capaz de atingir velocidades próximas à da luz; o outro continua na Terra durante todo o tempo. Ao retornar, o irmão que partiu em viagem, para quem o tempo fluía mais devagar, está ainda jovem enquanto o outro, para quem muitos anos se passaram, envelheceu. Obviamente que esta experiência nunca foi realizada, pois ainda não é possível viajar em tão grande velocidade, mas, ao que tudo indica, seria esse o resultado.

Somente a título de curiosidade, o tempo decorrido em um processo qualquer é função da velocidade segundo a equação:

$$t' = \frac{(1 - \frac{v}{c}) \cdot t}{\sqrt{1 - \frac{v^2}{c^2}}}$$

onde : $t' \rightarrow$ tempo decorrido na velocidade v ;

$t \rightarrow$ tempo decorrido em repouso;

$v \rightarrow$ velocidade de viagem;

$c \rightarrow$ velocidade da luz.

Para demonstração do comportamento do tempo em função da velocidade, foram calculados os valores que um tempo de 10 segundos assumiria para alguns valores de velocidade de acordo com a equação exposta. Os resultados estão apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. Duração do tempo de 10 segundos com o aumento da velocidade.

Velocidade (km/s)	Tempo (s)
0	10
1000	9,966722037
10000	9,672041516
100000	7,071067812
299999	0,012909955
299999,99999	0,000004082

Analisando os valores da tabela, pode-se notar que, conforme a velocidade aumenta, o tempo sofre uma dilatação,

isto é, flui mais vagarosamente. Quando se aproxima da velocidade da luz o tempo tende a parar.

Mais isto não é tudo, quando parece que já não é mais possível complicar, mais complexo pode ficar.

Conforme a velocidade de um objeto vai aumentando, não apenas o tempo sofre modificação, mas as suas dimensões também.

Voltemos ao exemplo do trem de 10 metros de comprimento. No segundo caso, quando viajava em grande velocidade. Se o comprimento do trem for analisado pelo homem dentro dele, determinará que seu comprimento corresponde a 10 metros, mas se a análise for realizada pelo homem nas margens da via férrea, será constatado que o trem mede menos de 10 metros.

Pode-se concluir que quanto mais rápido viaja um objeto, mais curto ele será quando comparado com suas dimensões em estado de repouso. A velocidades próximas a da luz, o comprimento de um objeto tende a zero.

Novamente a título de curiosidade, a contração do espaço em um processo qualquer é função da velocidade segundo a equação:

$$193 \quad x' = x \cdot \sqrt{1 - \frac{v^2}{c^2}}$$

onde : $x' \rightarrow$ comprimento na velocidade v ;
 $x \rightarrow$ comprimento na velocidade zero;
 $v \rightarrow$ velocidade de viagem;
 $c \rightarrow$ velocidade da luz.

Similarmente ao que foi apresentado com relação ao tempo, para demonstração do comportamento do espaço em função da velocidade, foram calculados os valores que um objeto de 1 metro de comprimento assumiria para alguns valores de velocidade de acordo com a equação exposta. Os resultados estão apresentados na Tabela 5.

Tabela 5. Comprimento para um objeto de 1 metro com o aumento da velocidade.

Velocidade (km/s)	Comprimento (m)
0	1
1000	0,999994444
10000	0,99944429
100000	0,942809042

299999	0,002581987
299999,99999	0,000008165

Neste caso, conforme a velocidade aumenta o espaço tende a se contrair, isto é, diminui de tamanho. Quando se aproxima da velocidade da luz o espaço tende a zero, não existiria dimensão no sentido do deslocamento.

Contudo, quem pensa que isto é tudo, que não poderia ficar mais “estranho”, enganou-se redondamente. Além do tempo, não somente o comprimento de um objeto se altera em velocidades muito altas, mas sua massa também.

A Teoria da Relatividade Restrita prediz que a massa de um objeto cresce de acordo com a velocidade, especialmente quando atinge um valor significativo com relação à velocidade da luz.

Semelhantemente ao tempo e ao comprimento, a equação que descreve a alteração da massa de um objeto relativamente a sua velocidade é descrita pela equação:

$$m = \frac{m_0}{\sqrt{1 - \frac{v^2}{c^2}}}$$

onde : $m \rightarrow$ massa de um objeto à velocidade v ;

$m_0 \rightarrow$ massa na velocidade zero;

$v \rightarrow$ velocidade de viagem;

$c \rightarrow$ velocidade da luz.

Similarmente ao caso do tempo e do espaço, para demonstração do comportamento da massa de um objeto em função da velocidade, foram calculados os valores que um objeto de 1 kg de massa assumiria para alguns valores de velocidade de acordo com a equação exposta. Os resultados estão apresentados na Tabela 6.

Tabela 6. Massa de um objeto de 1 kg com o aumento da velocidade.

Velocidade (km/s)	Massa (kg)
0	1
1000	1,000005556
10000	1,000556019
100000	1,060660172

299999	387,2986574
299999,99999	122474,3801

É possível verificar que a massa de um objeto aumenta conforme a sua velocidade aumenta. Um objeto de 1 kg quando em repouso atingirá valores de massa equivalente a centenas de toneladas, quando acelerado a altas velocidades. Na velocidade da luz a massa tenderá ao infinito.

Analisando os valores apresentados nas três tabelas precedentes, podemos chegar a conclusões muito interessantes sobre o que se pode esperar se um objeto atingisse a velocidade da luz:

1. O tempo pararia;
2. Seu comprimento seria zero;
3. Sua massa aumentaria ao infinito.

Desta forma, é possível compreender que, quanto maior a massa de um objeto, maior seria a energia necessária para movimentá-lo (o consumo de combustível nos automóveis grandes é muito maior que nos pequenos), assim sendo, com a massa aumentando a valores altíssimos, próximos ao infinito,

não haveria condições de suprir a energia necessária para continuar o processo de aceleração, portanto, é impossível acelerar um objeto qualquer a velocidades tão altas.

Após esta provável cansativa leitura sobre os conceitos da Teoria da Relatividade Especial, chegamos a um ponto importantíssimo para um melhor entendimento dos ensinamentos budistas e espíritas: estes conceitos descrevem uma espécie de limite, onde, materialmente falando, é impossível de se chegar, muito menos de ser ultrapassado.

Quando olhamos para o céu, imaginamos o que existiria depois das estrelas que vemos. A astronomia nos diz que existem outras estrelas mais distantes, além delas, existiriam outras galáxias com outras estrelas, se estendendo até os limites do universo conhecido.

Podemos perguntar o que existiria além dos limites do universo conhecido. Provavelmente a resposta mais sensata seria o início do universo “ainda” desconhecido.

Considerando que imaginar um limite para o Universo seja mais complicado e difícil do que concebê-lo como sendo ilimitado, somos levados a crer que se estende, infinitamente, em todas as direções.

Similarmente, podemos nos perguntar sobre o que existiria além do limite do mundo material descrito pela Teoria da Relatividade. Será que deveríamos crer que nada mais existe

apenas porque não temos acesso? Não seria uma visão limitada e confortável, pois, assim, não precisamos pensar a respeito? Ou talvez devêssemos aceitar a existência de um algo mais, outras condições de contorno⁴⁷?

Relembrando o que foi estudado sobre o Budismo e o Espiritismo, é possível observar que muito do que é dito, corresponderia a condições fora do mundo material em que vivemos. As idéias budistas da Vacuidade e da ausência da existência inerente, assim como a idéia espírita da existência de um mundo espiritual, são exemplos de que há uma coerência em concepções a respeito do que existe além deste limite. Idéias da existência de matéria que ultrapassa aquelas que conhecemos e sensibilizam nossos cinco sentidos.

Estamos no século XXI da era Cristã, uma época em que, apesar dos avanços do conhecimento científico, ainda existe guerra, pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza e fome, além de um número infindável de torpezas. Isto porque a humanidade ainda não conseguiu abrir os olhos para o que seja transcendente aos seus próprios interesses.

Considerando a Teoria da Relatividade, é possível vislumbrar um Universo mais dinâmico do que estático.

⁴⁷ Condições de contorno são as circunstâncias que se deve considerar quando se estuda ou se atua sobre alguma situação específica, isto é, as condições pré-existentis.

Partindo do princípio que o comportamento de todo e qualquer fenômeno dependerá do observador, pode-se inferir que este apresenta uma participação direta e atuante.

Sendo assim, é necessário aceitar a idéia de que tudo o que ocorre em nossa volta está diretamente relacionado com a nossa situação, pois, o simples fato de estarmos olhando algo ocorrer já é suficiente para que haja uma interação de tal monta que exerça alguma influência.

Esta teoria nos mostra a responsabilidade que temos para com o ambiente.

Joanna de Ângelis confirma, em Dias Gloriosos⁴⁸, que “a mente intervém nas construções do mundo físico e age diretamente sobre todos os corpos, às vezes alterando-lhes a constituição”. Segundo suas palavras, pode-se inferir que os habitantes do orbe formam uma espécie de rede mental, onde o pensamento particular influencia os outros, inclusive os animais e plantas fazem parte desta rede.

Observador, observação e observado deixam de ser considerados como condições isoladas para formar uma coisa única, cada parte indissociável das outras partes que compõem o todo⁴⁹.

⁴⁸ Dias Gloriosos, pg 26-27.

⁴⁹ O Homem Integral, pg 109,110.

Estes conceitos mostram a grande responsabilidade que temos com relação a tudo que nos cerca, seja inanimado ou não. Sendo Deus a causa primária de todas as coisas e, segundo Joanna de Ângelis⁵⁰, o Universo é resultado da Mente Divina e o espírito, encarnado ou não, é co-criador com a Divindade, se torna responsável com tudo que esteja ao seu redor.

Nesta concepção, a responsabilidade primeira do espírito é o seu corpo de expressão, isto é, perispírito e corpo físico, sobre os quais, o pensamento exerce ação poderosa. Cada enfermidade no campo físico apresenta uma componente mental, seja por padrão de pensamento, estado emocional ou devido a pouca capacidade do ser em esferas inferiores de trabalhar a matéria⁵¹.

Assim sendo, o Espiritismo esclarece a composição trina do ser encarnado: espírito – perispírito – corpo físico, que, ainda segundo Joanna de Ângelis é a chave para a formação de um novo paradigma que poderá tratar todas as questões envolvendo o ser⁵². O tipo de pensamento emitido pelo espírito

⁵⁰ Dias Gloriosos, pg 26

⁵¹ Autodescobrimento, pg 20.

⁵² O Ser Consciente, pg 18 e 32.

repercutirá primeiramente em si mesmo, pois percorrerá todas as células da organização física⁵³.

A Teoria da Relatividade aumenta o campo de atuação da física para os fenômenos de grandes velocidades, onde já não mais se aplicam as leis pertinentes à Física Clássica.

A Figura 11 apresenta, de forma simplificada, um resumo da Teoria da Relatividade e suas interligações.

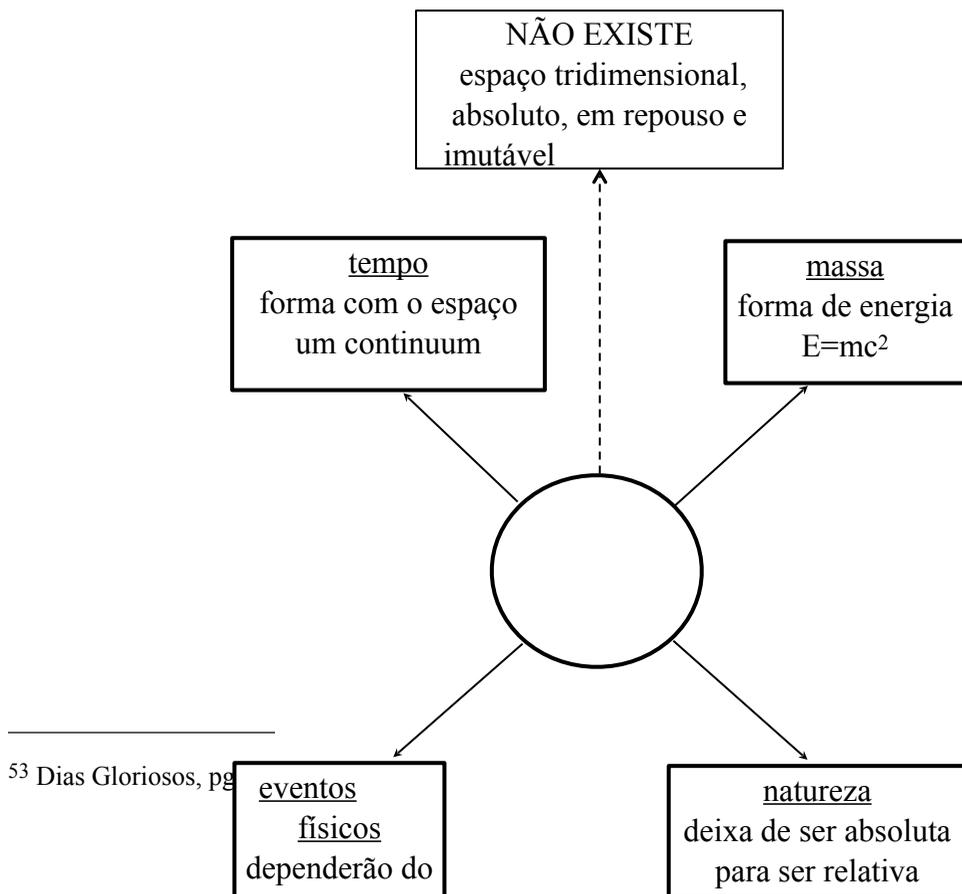


Figura 11. Resumo esquemático da Teoria da Relatividade.

Não são apenas as medidas que envolvem espaço e tempo que são relativas, mas toda a estrutura do espaço-tempo depende da distribuição da matéria.

Pela idéia da interligação do espaço-tempo vemos que, o tempo, como conhecemos, está ligado ao que chamamos de “universo conhecido”, isto é, a região do Universo do qual fazemos parte e que será tratado como universo com “u” em minúscula, que é apenas uma porção ínfima. Em outras partes do Universo, em uma conotação mais ampla, e que será tratado como Universo com “U” em maiúscula, o tempo pode fluir de forma completamente diferente, o nosso universo é um caso particular do Universo.

Considerando a existência de Deus, um ser supremo presidindo, não apenas sobre um pequeno universo em particular, mas sobre o Universo como um todo, o tempo fluindo diferentemente em cada região, quando observado de sua posição privilegiada, perdem sua conotação como nós vislumbramos, isto é, o tempo passa a ser pontual; o passado, o

presente e o futuro podem ser observados como se fosse o presente apenas.

Assim, pode-se dizer que para Deus, o passado e o futuro são o presente, pois o tempo, observado de sua posição, possui um sentido completamente diferente.

O espaço vazio perdeu seu significado pela astrofísica e cosmologia e o conceito de objetos sólidos foi destruído pela física atômica.

Dá-se, então, o surgimento da Física Quântica que estende o campo de atuação da física à região de pequenas dimensões.

FÍSICA QUÂNTICA

A idéia reinante sobre o átomo até o início do século XX, era o modelo atômico concebido por J.J. Thomson, físico inglês, no qual as cargas elétricas ficavam distribuídas aleatoriamente em uma massa consistente e uniforme.

Podemos imaginar o átomo como era considerado naquela época como algo parecido com um panetone, o tipo de pão que é normalmente comercializado na época natalina, no qual são acrescentadas à massa, frutas cristalizadas e passas que, durante a mistura e cozimento, vão ocupando lugares

aleatoriamente e, no final, estarão mais ou menos uniformemente distribuídas. A Figura 12 apresenta o átomo de Thomson.

Nesta condição, os corpos eram considerados sólidos compactos, totalmente preenchidos por matéria.

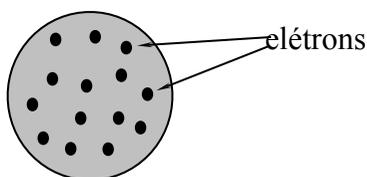


Figura 12. Representação do átomo como concebido por Thomson.

Esta concepção foi substituída graças às conclusões de Rutherford, físico neozelandês, e complementadas por Niels Bohr, físico teórico dinamarquês, que deduziram uma teoria que harmonizava, em parte, todos os resultados obtidos com os vários experimentos que foram realizados.

Surge, então, o modelo atômico de Bohr: um núcleo central contendo as cargas positivas com os elétrons girando em seu entorno. O modelo do átomo segundo Bohr está representado esquematicamente na Figura 13.

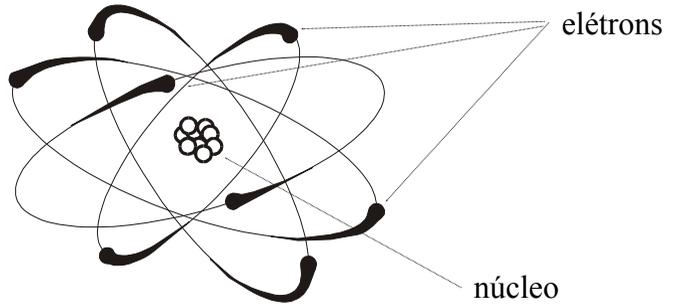


Figura 13. Representação do átomo como concebido por Bhor.

Nesta nova concepção do átomo, a matéria deixa de ser considerada compacta, para ser constituída, em sua maior parte, por espaços vazios.

Contudo, várias questões permaneceram não respondidas.

Max Planck, físico teórico nascido na Alemanha em 1858, analisando os resultados obtidos com estudos acerca da radiação térmica emitida por corpos negros⁵⁴ quando aquecidos, teorizou que a energia liberada deveria ocorrer de forma discreta e não contínua, como era esperado. Tentemos abordar o assunto mais detalhadamente.

⁵⁴ Corpos negros são aqueles que apresentam a propriedade de absorver toda a radiação que incide sobre ele.

Analisando a radiação existente no interior dos corpos negros, pode-se observar que a análise segundo a Física Clássica não correspondia satisfatoriamente aos resultados experimentais obtidos, isto porque eram baseados em emissão contínua de energia, isto é, poderia assumir qualquer valor. Assim, Planck, ainda sem saber exatamente qual era o motivo, formulou algumas hipóteses, e conseguiu elaborar uma análise que correspondia exatamente aos resultados experimentais.

Entre estas hipóteses, havia a suposição da energia poder assumir apenas certos valores discretos, múltiplos inteiros de uma quantidade finita, ou seja, emissão de pacotes de energia proporcional a frequência da radiação eletromagnética. Estes pacotes são denominados de *quanta*⁵⁵.

A idéia dos quanta é muito interessante pelas suas particularidades. Em 1905, Einstein, em estudo sobre o efeito fotoelétrico, teorizou que a luz de um modo geral também é emitida na forma de quanta de energia, corroborando, assim, com a teoria de Planck.

Os quanta de luz seriam, então, partículas de um tipo especial, desprovidas de massa e que sempre se deslocam à

⁵⁵ *Quantum* no singular; *quanta* no plural.

velocidade da luz, chamadas de fótons. Portanto, tem o caráter de onda eletromagnética⁵⁶.

Neste ponto, nos deparamos com outra peculiaridade muito interessante, comparável com os limites da matéria descritas pela Teoria da Relatividade.

A luz que faz parte de nossas vidas, iluminando os nossos caminhos, e que não nos preocupamos muito em pensar a respeito por considerar coisa corriqueira, trivial, pode se comportar como partículas ou como ondas. Isto é, enquanto viaja pelo espaço, a luz se comporta como uma onda, mas, ao se chocar contra a matéria, ela transfere sua energia para os elétrons do meio muito similarmente ao choque entre bolas de bilhar, nesta situação, se observa o comportamento de partícula.

Estamos diante de um comportamento dualístico onda-partícula. Podemos visualizar este comportamento, imaginando os dois lados de uma moeda co-existindo em um lado apenas, dependendo da situação iríamos ver cara ou coroa.

Reconheço que é muito difícil compreendermos como algo possa ter comportamento dual, mas, quando nos lembramos dos ensinamentos Budistas e Espíritas, um expresso há mais de 2400 anos e o outro há uns 150 anos atrás, isto é, muito antes de todas essas descobertas, especialmente os

⁵⁶ Ver Capítulo III, sob o subtítulo Pensamento.

conceitos da ausência de existência inerente e do fluido cósmico universal, a coerência começa a surgir de forma espantosa.

Contudo, não é só a onda que pode se comportar como matéria, a matéria também pode se comportar como onda. Esta é a teoria formulada por Louis de Broglie, físico francês, em 1924.

Os átomos deixaram então de ser considerados como compostos por partículas sólidas, mas que estariam na forma de ondas, o que pôde ser comprovado por inúmeros experimentos.

As órbitas dos átomos que eram consideradas como Bohr as descrevera, passaram a ser como ondas, conforme é apresentado esquematicamente na Figura 14, onde a linha tracejada representa a órbita de um elétron segundo o modelo de Bohr enquanto a linha cheia representa a mesma órbita segundo de Broglie.

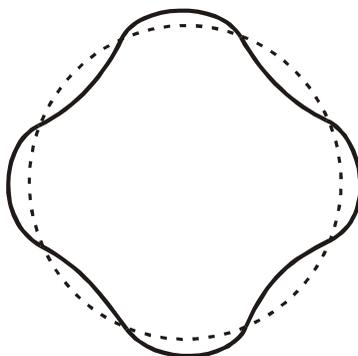


Figura 14. Representação do elétron na órbita atômica. A linha tracejada segundo o átomo de Bhor e a linha cheia segundo de Broglie.

Este efeito dualístico de comportamento, se apresentando ora como matéria ora como onda, derrubou o antigo conceito de matéria; o átomo deixou de ser concebido como sendo constituído de partículas, para ser constituído como regiões de probabilidade de existência dessas partículas.

FENÔMENO NÃO-LOCAL

Para “traduzir” o que foi apresentado acima, o conceito de matéria desde o século XIX sofreu mudanças drásticas. Inicialmente acreditava-se que a matéria era constituída de partículas, sólidas e indestrutíveis, passando, então, a ser considerada como grandes regiões de espaço vazio com partículas extremamente pequenas em movimento para, ao final, ser verificado que, mesmo estas minúsculas partículas, não são objetos sólidos.

Estas descobertas nos apresentam um mundo inteiramente novo. O estudo da interação entre as partículas em muito se aproxima das propriedades dos fluidos apresentados pela Doutrina Espírita muitos anos antes.

É claro que não são de primordial importância estes conhecimentos para que alguém possa compreender e aceitar o mundo espiritual da forma como é descrito por diversos autores espirituais. Seus relatos são tão ricos em detalhes que podem satisfazer as nossas necessidades, podendo, então, imaginá-lo. Assim como há pessoas que, desconhecendo completamente as questões científicas, aceitam e compreendem sem grandes esforços, há outras que, sendo profundos conhecedores dos avanços da ciência e das leis conhecidas que regem o nosso universo, não podem alcançar que, por trás de tudo isso, pode existir uma inteligência superior que não permite que tudo se perca no túmulo.

Um ponto também muito interessante sobre o pensamento das pessoas foi colocado por René Descartes, filósofo, matemático e cientista francês do século XVII, portanto, contemporâneo de Newton, e é considerado “o pai da filosofia moderna”. Ele desenvolveu um sistema de pensamento baseado no princípio da ciência intitulado Discurso do Método⁵⁷. As primeiras linhas deste trabalho são dedicadas ao bom senso; diz que todos crêem estar suficientemente munido de uma quantidade suficiente de bom senso, que seria a

⁵⁷ René Descartes, Discurso do Método, Editora Martin Claret, 2000, pg 21.

capacidade de julgamento, isto é, distinguir o verdadeiro do falso.

Porém, o próprio Descartes acredita que a razão é dividida igualmente entre todos, contudo, as diferenças existentes no modo de pensar estariam relacionadas com o número de variáveis que cada indivíduo considera em sua análise.

Como já vimos anteriormente, segundo Jung, a quantidade de informação que alguém é capaz de manipular estará relacionado com o desenvolvimento do ego, o qual, por sua vez, estaria relacionado com as contrariedades enfrentadas durante a sua existência e as reações diante delas.

Quando nos deparamos com tudo isso, uma pergunta ecoa na mente: Será que existe mesmo um mundo espiritual?

Mas o que seria o “mundo dos espíritos”? Haveria então dois mundos: o nosso e o deles? Existiriam, então, “coisas do outro mundo”?

Obviamente que existe a necessidade de definir um nome para os diferentes lugares, sejam eles circunscritos em um espaço definido ou não. Não podemos esquecer que os nomes são mera forma de identificação sem, contudo, inferir que não há uma interligação entre eles. Existe uma tendência de se dar mais importância a forma que a essência.

Vamos propor um exercício mental: Esquecendo as

definições de “outro mundo” ou “mundo dos espíritos” e considerar os “dois mundos”, o nosso e o deles, como sendo uma coisa única, partes integrantes de um todo. Difícil? Pode até ser a princípio, mas, depois que nos acostumarmos com a idéia, será muito fácil.

Vamos imaginar o “outro mundo” como sendo um outro país, localizado, como todos os outros, na superfície da Terra.

Neste país, existem pessoas como no nosso, e essas pessoas, também como no nosso, necessitam de casas, trabalho, educação, cuidados médicos e tudo o mais que nós necessitamos no nosso país.

Mesmo que nunca tenhamos viajado, nós estamos acostumados a ver fotografias, filmes, etc., mas mesmo que não houvesse estes meios, haveria ainda, o relato de pessoas que já viajaram a outros locais. Será que conseguiríamos imaginar como seria um outro lugar somente através de relatos?

Embora haja diferenças marcantes entre os diferentes povos, podendo-se enumerar várias, como cor de pele, estatura, crença, costumes, idioma, etc..., verificamos que todos necessitam respirar oxigênio, todos necessitam se alimentar, todos necessitam dormir, em resumo: as necessidades fisiológicas, as leis que regem a manutenção dos corpos vivos são as mesmas.

Não somente estas, mas também as leis químicas e

físicas são as mesmas, e seria uma grande insensatez se assim não fosse, pois o intercâmbio entre os povos estaria completamente comprometido, não haveria mais a menor possibilidade de turismo, seja lazer ou profissional, o comércio exterior não existiria, pois a matéria de um país teria propriedades diferentes quando sob novas leis químicas e físicas do outro país. A madeira, sólida em um, poderia ser líquida em outro, por exemplo. Em resumo: viveríamos completamente isolados uns dos outros.

A lógica e a razão dizem, portanto, que é necessário haver uma unidade de comportamento básico, isto é, as leis que regem o comportamento da matéria, seja ela orgânica ou inorgânica, para que possa ocorrer uma interação.

Assim como nos aeroportos do mundo inteiro existem pessoas chegando e partindo, de e para, os mais variados pontos do planeta, poderíamos considerar os hospitais como o “aeroporto” de chegada e partida de espíritos, do e para, o nosso país virtual, o “mundo espiritual”. É claro que as pessoas não somente nascem e desencarnam em hospitais, servirá apenas com a finalidade de comparação.

Se há intercâmbio, então, necessariamente deve existir um equilíbrio das leis.

É possível concluir que tudo o que conhecemos e o que não conhecemos, podendo-se inferir o mundo material e o

mundo espiritual, como sendo constituídos de uma mesma matéria elementar. Por mundo material e mundo espiritual, entende-se não somente o nosso, mas todos os sistemas planetários, sistemas galácticos, enfim, todo o Universo, no que concerne a matéria.

Talvez seja essa a grande unificação buscada pelos cientistas, que explicasse todos os fenômenos com uma única teoria. Um dia saberemos...

Vemos, assim, que o “outro mundo” e o “nosso mundo” estariam entrelaçados, não existiriam como duas entidades isoladas, mas como uma única. A concepção de uma vida além desta que conhecemos toma nova forma, deixa de ser fantasiosa ou inimaginável para começar a se tornar real e concreta.

Da mesma forma que a Física Clássica é apenas um caso particular de uma estrutura maior, que seria a Física Moderna, o mundo material em que vivemos e conhecemos, englobando toda a Física, poderia ser também apenas uma particularidade de algo mais amplo.

Todavia, ainda restaria questionar a respeito da existência de um ponto de ligação, uma porta, algum indício que pelo menos sugerisse que outras condições, além daquela que conhecemos, é uma possibilidade real.

Talvez esta porta esteja nos fenômenos definidos como *não-local*. A possibilidade da ocorrência de fenômenos não

local foi demonstrada matematicamente por John Bell, físico norte-irlandês, em 1964; posteriormente, em 1982, foi demonstrada experimentalmente pelo físico francês Alain Aspect..

Para uma melhor compreensão, é necessário definirmos, primeiramente o que seja um fenômeno “local”.

O princípio da localidade é explicitado como tudo o que ocorre no espaço-temporal conhecido, obedecendo ao limite de velocidade, descrito pela Teoria da Relatividade.

Nos casos de não-localidade, o fenômeno ocorre fora deste espaço-tempo conhecido. Assim, a limitação de velocidade deixa de existir, pelo menos é o que indicam alguns experimentos, como o descrito a seguir.

Dois fótons, isto é, dois quanta de luz, emitidos simultaneamente, viajando em direções opostas e que estejam, de alguma forma, ligados um ao outro, pode-se dizer que seus destinos estão entrelaçados. Nestas condições, qualquer alteração sofrida por um deles irá, automaticamente e imediatamente, acarretar a mesma mudança no outro, independente da distância em que se encontrem ou de qualquer obstáculo entre eles.

Vejam os maiores detalhes com o auxílio da representação visual da Figura 16.

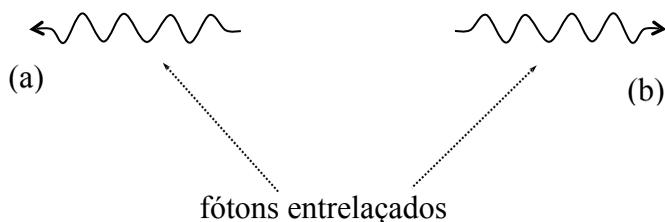


Figura 16. Dois fótons entrelaçados viajando em direções opostas, ambos à velocidade da luz.

O fóton (a) estaria viajando a velocidade da luz no sentido da direita para a esquerda, enquanto que o fóton (b) estaria viajando na mesma velocidade, mas em direção oposta.

Devemos imaginar que para uma alteração na situação do fóton (a) ser refletida no fóton (b), isto é, sofrer a mesma modificação, será necessário que haja algum tipo de informação fluindo de um para outro, os dois fótons deveriam estar em constante “comunicação”.

Reflitamos a respeito: para que uma informação qualquer viaje do fóton (a) para o fóton (b) que estão se distanciando a uma velocidade equivalente a duas vezes a velocidade da luz, será necessário que esta informação viaje com velocidade superior a 600.000km/s. Isto significa que existe informação fluindo acima da velocidade da luz⁵⁸.

⁵⁸ A idéia vigente é de que não ocorre troca de sinais. Porém, fomos instruídos a manter esta abordagem.

Estamos diante de um ponto muito importante. De um lado, as teorias da Física estabelecem o limite, as fronteiras do mundo material perceptível e estudado; por outro lado, existem indicações da existência de uma outra realidade além desta fronteira. Vislumbramos apenas a pequena ponta do iceberg⁵⁹, o que existiria além do limite?

Esta é uma região ainda inalcançável para os métodos materiais de análise e, assim, a ciência humana ainda não consegue estudar.

Podemos, então, correlacionar com a idéia apresentada pelo espírito André Luiz e que foi exposta no item Pensamento do Capítulo III: As emanções mentais seriam semelhantes à ondas eletromagnéticas, mas não iguais, significando que não estaria limitada à velocidade da luz apenas. Considerando o pensamento como sendo um fenômeno não-local, poderia atingir patamares de energia muito elevados, corroborando com o fato de nos ser imperceptível.

Relembrando ainda as idéias de Jung e que foram apresentadas no início do capítulo, podemos imaginar que a consciência humana estaria situada entre os fenômenos “não-

⁵⁹ “iceberg” – bloco de gelo flutuante desprendida da massa polar, somente uma pequena parte se mantém acima da linha d’água enquanto que a grande massa se mantém abaixo.

locais”. Este não é um pensamento generalizado, ainda é muito controverso e, até mesmo, inaceitável por muitos.

Sob este prisma, o corpo humano deixa de ser considerado apenas como uma máquina, e, o que é mais importante, deixaria de ser tratado como tal.

No mundo atual, cuidamos do corpo como se fosse um automóvel. Muitos não prestam a menor atenção enquanto está funcionando, mesmo que precariamente, não despendendo maiores cuidados; outros tantos promovem reparos convenientemente, mas exageram no uso inadequado; existem aqueles que até se preocupam com as manutenções preventivas de tempos em tempos; enquanto que poucos mantêm um padrão adequado de uso, manutenção e cuidados diários.

Transpondo para o corpo humano, não vamos nos ater àqueles que o maltratam, através do uso de narcóticos, alcoólicos, “noitadas” freqüentes, etc..., pois o primeiro passo seria uma reeducação comportamental completa, requerendo uma mudança de valores. A educação é fundamental para este processo.

Comumente, podemos até nos alimentar de forma correta, praticar exercícios físicos, “check-up” rotineiros e tratamentos médicos baseados em medicamentos, hospitais e cirurgias, da forma como trataríamos uma máquina.

Para manutenção da saúde física, é necessário uma postura mental adequada, pois tudo o que foi visto neste texto conduz a uma interligação entre mente e corpo.

Nosso estado mental estará diretamente relacionado com estados de saúde ou de doença. É importante frisar que, mais importante que a saúde física, é a mental, pois esta é fundamental para estados de felicidade ou desventura.

Os estados de desarmonia mental, além de provocar estados depressivos, tão comum nos dias atuais, conduzem a uma infinidade de patologias clínicas.

O novo paradigma é a abordagem psicossomática, analisando os problemas orgânicos como sendo causados por fatores psíquicos.

Poderíamos, talvez, dizer que a ação do pensamento, que nada mais é do que transferência de informação, seria capaz de agir sobre os fenômenos quânticos responsáveis pela manutenção da matéria, agindo, da mesma forma, sobre o nosso corpo, interferindo no estado salutar ou não do organismo. Seria importante salientar que a atuação estaria relacionada com a intensidade da vontade que se imprimiu ao pensamento.

Se os mecanismos da mente são capazes de alterações no sistema tanto material como psíquico, fica evidenciado que as transformações ocorrem a todo instante, caracterizando a

impermanência, não apenas em escala macro, mas também nas pequenas dimensões. Portanto, nesta condição, a ausência de existência inerente, ou vacuidade, é confirmada, pois nada possuiria uma existência intrínseca independente de outros fatores.

Provavelmente, quando o homem tiver atingido um estado de conhecimento suficiente para o entendimento dos fenômenos “não-locais”, estaremos mais próximos do reconhecimento generalizado da existência do espírito e da necessidade de ajustamento mental para a manutenção da felicidade plena.

Afinal, como é apresentado no Capítulo I do Evangelho Segundo o Espiritismo: *“A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se”*.

BIBLIOGRAFIA

BUDISMO

- ; Dhammapada – A senda da virtude; tradução do páli por Nissim Cohen, 2ª. edição, Editora Palas Athena, 2000.
- ; O Livro Tibetano dos Mortos; organizado por W. Y. Evans-Wentz, 6ª. edição, Editora Pensamento, 2000.
- ; O Livro Tibetano da Grande Libertação; organizado por W. Y. Evans-Wentz, 2ª. edição, Editora Pensamento, 1995.
- Dalai Lama; A Flash of Lightning in the Dark of Night – A Guide to the Bodhisattva’s Way of Life; Shambhala Dragon Editions, 1994.
- ___; A Vida de Compaixão; Editora Bertrand Brasil, 2002.
- ___; O Mundo do Budismo Tibetano; Editora Nova Fronteira, 2001.
- ___; Sobre o Budismo e a Paz de Espírito; Editora Nova Era, 2002.
- ___; Sua Vida, seu Povo e sua Visão; Madras Editora, 2002.
- Gangchen Rimpoche; Autocura I; 2ª. Edição, Editora Gaia, 2001.
- Gautama, Siddharta; A Doutrina de Buda, Editora Martin Claret; 2003.

Santina, Peter D.; Fundamentals of Buddhism; Buddha Dharma Education Association Inc., distribuição gratuita, www.buddhanet.net.

Santideva; A Guide to the Bodhisattva Way of Life; traduzido por Wallace, V. A., Wallace, B. A., Snow Lion Publication, 1997.

Sogyal Rinpoche; O Livro tibetano do Viver e do Morrer; 6ª. edição, Editora Talento, 2001.

Páginas da internet

www.dharmanet.com.br/index.html

www.urbandharma.org

www.accesstoinsight.org

www.sacred-texts.com/bud/btg/index.htm

www.buddhanet.net

www.hinduwebsite.com/sacredsceipts/buddhism_scripts.htm

www.singapore-dharmanet.per.sg

ESPIRITISMO

André Luiz (espírito); *Evolução em Dois Mundos*; psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, 15ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.

___; *Mecanismos da Mediunidade*; psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, 15ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.

Denis, Léon; *No Invisível*; 18ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1998.

___; *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*; 22ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 2000.

Emmanuel (espírito); *A Caminho da Luz*; psicografia de Francisco Cândido Xavier, 22ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1996.

Joanna de Ângelis (espírito); *Autodescobrimento – Uma Busca Interior*; psicografia de Divaldo P. Franco, 11ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002.

___; *Dias Gloriosos*; psicografia de Divaldo P. Franco, 2ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

___; *o Homem Integral*; psicografia de Divaldo P. Franco, 12ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

___; *O Ser Consciente*; psicografia de Divaldo P. Franco, 8ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

___; *Plenitude*; psicografia de Divaldo P. Franco, 9ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

___; Triunfo Pessoal; psicografia de Divaldo P. Franco, 1ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002.

Kardec, Allan; A Gênese; 37ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1996.

___; O Céu e o Inferno; 41ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.

___; O Livro dos Espíritos; 77ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.

___; O Livro dos Médiuns; 61ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1995.

___; O Evangelho Segundo o Espiritismo; 112ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1996.

Páginas da internet

www.febnet.org.br

www.geae.inf.br

www.joannadeangelis.org.br

www.novavoz.org.br/index.htm

www.espirito.org.br/index.asp

www.oclarim.com.br

www.plenus.net

www.site.andreluiz.vilabol.uol.com.br/canal_aberto.html

www.cema.org.br

FÍSICA

Capra, Fritjof; O Tao da Física; 22^a. edição, Editora Cultrix LTDA., 1999.

___; Sabedoria Incomum; 13^a. edição, Editora Cultrix, 2000.

Einstein, Albert; A Teoria da Relatividade Especial e Geral; 1^a. reimpressão, Contraponto Editora, 2000.

Eisberg; Robert M.; Fundamentos de Física Moderna; 1^a. reimpressão, Editorial Limusa (México), 1974.

___, Resnick, Robert; Física Cuantica; 1^a. edição, Editorial Limusa (México), 1978.

Gamow, George; Biografia da Física; Zahar Editores; 1963.

Goswami, Amit; O Universo Autoconsciente; 4^a. edição, Editora Rosa dos Tempos, 2001.

___; Physics of the Soul; Hampton Roads Publishing Company Inc., 2001.

Hawking, Stephen; O Universo numa Casca de Noz; Editora Mandarin, 2001.

Kaplan, Irving; Física Nuclear; 2^a. edição, Editora Guanabara Dois, 1978.

Tipler, Paul A. e Llewellyn, Ralph A.; Física Moderna; 3^a. edição; LTC Editora, 2001.

Novello, Mário; O Círculo do Tempo; Editora Campus, 1997.

C. G. Jung

; Dicionário Junguiano; dirigido por Paolo Francesco Pieri, Editora Paulus, 2002.

Jung, C. G.; AION - Estudo Sobre o simbolismo do Si-Mesmo; 6ª. edição, Editora Vozes, 2000.

___; A Energia Psíquica; 7ª. edição, Editora Vozes, 1999.

___; A Vida Simbólica; 2ª. edição, Editora Vozes, 2000.

___; Estudos Psiquiátricos; Editora Vozes, 1994.

___; Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade; 5ª. edição, Editora Vozes, 1999.

___; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; 2ª. edição, Editora Vozes, 2002.

___; Presente e Futuro; 4ª. edição, Editora Vozes, 1999.

___; Sincronicidade; 11ª. edição, Editora Vozes, 2002.

Stein, Murray; Jung – O Mapa da Alma; 11ª. edição, Editora Cultrix, 2001.

OUTROS

; Bíblia de Jerusalém – Nova Edição, Revista e Ampliada; Paulus Editora, 2002.

Aurélio B. H. F.; Novo Aurélio – Século XXI; Editora Nova Fronteira, 1999.

Brunet, M. et al., A New Hominid From the Upper Miocene of Chad, Central Africa, Revista Nature, pg. 145 a 151, julho 2002.

Decartes, René; Discurso do Método & Regras para a Direção do Espírito; Editora Martin Claret, 2000.

Revista Galileu; janeiro de 2003.

Revista Internacional de Espiritismo.

Revista Nature; julho de 2002.

Revista Scientific American; maio de 2003.

Revista Scientific American Brasil; agosto de 2002.

___; outubro de 2002.

___; dezembro de 2.

___; março de 2003.

___; julho de 2003.

Revista Scientific American – Special Edition; The Edge of Physics.

Revista Super Interessante; setembro de 2002.

___; outubro de 2002.

___; dezembro de 2002.

___; janeiro de 2003.

___; março de 2003.

